



12 14

~~F. 147 14~~

S. A

810



Por. ebel dittoello - J. Francisco

TRATADO

SCIENCIA CABALA  
OU NOTICIA DA ARTE

CABALISTICA.

DE FRANCISCO MANOEL  
DE MELLO

Opera Posthuma.

Dedicado  
ao Sr. Antimo Senhor

Dom. Francisco  
de Almeida

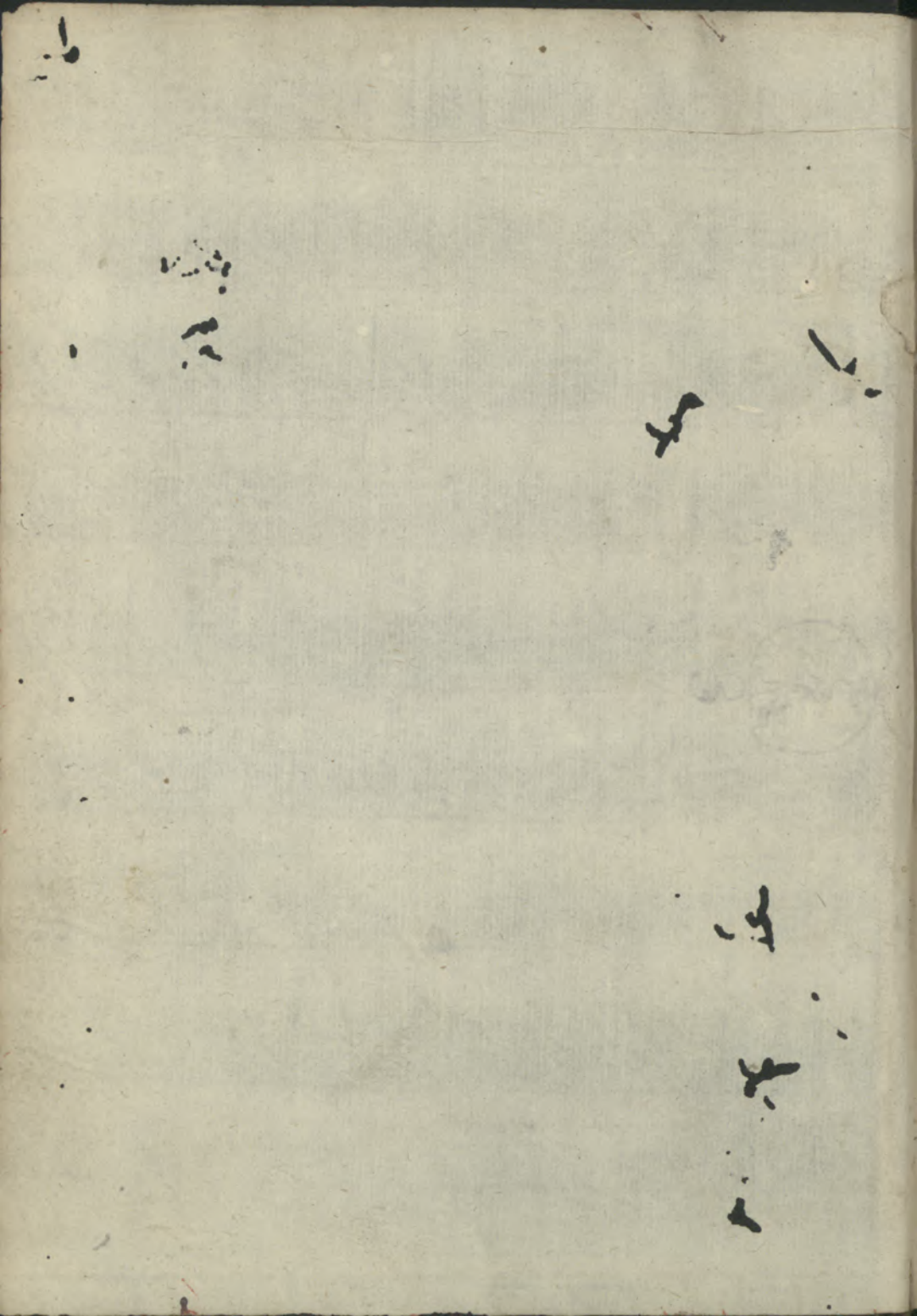
de Almeida de Castello de  
Magalhães

de Almeida de Castello de  
Magalhães

EM LINDA OCCIDENTAL

DE FERREIRO DA COSTA DE S. PAULO

1875





S. A 810

# TRATADO

DA

SCIENCIA CABALA,  
OU NOTICIA DA ARTE

# CABALISTICA.

COMPOSTO POR

DOM FRANCISCO MANOEL  
DE MELLO.

## Obra Posthuma.

DEDICADO

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. FRAN.<sup>co</sup> CAETANO  
MASCARENHAS,

Prior mór de Aviz, do Conselho de  
S. Magestade, &c.

POR MATHIAS PEREYRA DA SYLVA



LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de BERNARDO DA COSTA DE CARVALHO;  
Impressor do Serenissimo Senhor Infante.

*Com as licenças ne. essarias.*

Anno 1724.

A' custa de Antonio Nanes Correa, mercador de livros;

TRATADO

DA  
SCIENCIA CABALA  
OU NOTICIA DA ARTE

CABALISTICA.

COMPOSTO POR  
DOM FRANCISCO MANOEL  
DE MELLO.

Opera Posthuma.

DEDICADO  
AO ILUSTRISSIMO SENHOR

D. FRANCO CAETANO  
MASCARENHAS,

Prior mór de Avis, do Conselho de  
S. Magestade, &c.

POR MATIAS FERREIRA DA SILVA.

LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de BERNARDO DA COSTA DE CARVALHO,  
Impressor do Sr. Real Senado da Câmara.

Com a licença de Sua Magestade

Anno 1714.

A venda de Antas, Neves, Corais, mercadorias e livros,







ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.



**D**ESEJANDO elleger hum singular Mecenas para este Tratado, que compoz D. Francisco Manoel de Mello, o mesmo Author me guiou ao desempenho, & complemento de meus desejos; pois offerecendo-o elle naquelle tempo, em que o escreueo, a hum Ministro Ecclesiastico, illustre, & sciente, eu hoje, que o dou à luz publica, seguindo o seu exemplo, o dedico a

\* V.

## DEDICATORIA.

*V. Illustrissima*, pois na sua esclarecida Pessoa concorrem todas as sobreditas qualidades, que o constituem hum perfeito Mecenas.

He *V. Illustrissima*, senão Ministro, Prelado Ecclesiastico da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, a quem incumbe zelar, que os seus subditos vivaõ conforme os dogmas da Religiaõ Catholica, & as obrigações de seu estado, & instituto. O illustre, & nobilissimo sangue, que o anima, basta saberse he emanado dos esclarecidos Mascarenhas, familia sempre venerada neste Reyno, & em toda a Hespanha; pois he *V. Illustrissima* filho do Excellentissimo Senhor Conde de S. Cruz, irmão, & tio de dous Excellentissimos Senhores Marquezes de Gouvea. As suas grãdes letras, & profunda sciencia moverão ao nosso Augustissimo Monarca a nomealo por Prior mór de Aviz, Dignidade, que sempre occuparão os sogeytos mais qualificados, & doutos desta Monarquia, & donde passaraõ às mayores Prelaturas della; exemplo, que espero ver cõtinuado em *V. Illustrissima*, como estão prometendo seus altos merecimentos, & singulares prendas, que o ornaõ.

Acyte



DEDICATORIA.

Aceyte pois V. Illustrissima este livro debayxo  
de sua protecção para a defensão, & a mim para o  
amparo me continue as muytas honras, que a mi-  
nha humildade reconhece, & confessa dever à grã-  
desa de V. Illustrissima, que Deos guarde, &c.

Illustrissimo Senhor

Beyja as mãos de V. Illustrissima

Seu humilde criado

Mathias Pereyra da Sylva.

PRO.



# PROLOGO.



**Q**ZELO de dar a conhecer ao Mundo os grandes engenhos Portuguezes, a que o descuydo, & ingratitude da patria tinha esquecido os nomes, & occultado as obras, ainda que alguns curiosos entre si as communicavaõ por meyo dos traslados, com assás trabalho, me incitou a revolver, & desenterrar varios manuscriptos, dos quaes tirey diferentes Poesias, de q se deraõ já à estampa varios tomos cõ o titulo de Fenis Renascida, & se continua em trasladar outras muytas para se fazerem publicas, com bastante enfado, & molestia em as ajustar com os traslados mais certos, & em descubrir os nomes verdadeyros de seus authores. Entre pois tanta copia de manuscriptos descobri algũas obras de D. Francisco Manoel de Mello, escriptor

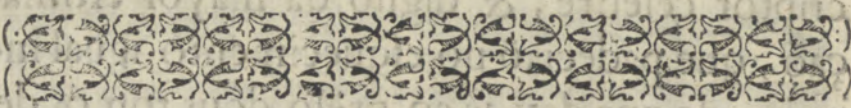


criptor celebre, & digno da mayor estima-  
ção, que padeciaõ no esquecimento igual in-  
juria, de que dey já ao prèlo dous tom.os de  
quarto, hum Aula Politica, & Curia Militar;  
outro Apologos Dialogaes; & ainda que pelo  
pouco gasto, que tiveraõ estes dous livros se  
conhece a pouca aceytação que alcançaraõ, &  
me podia suspender a curiosidade, & zelo, cõ  
tudo, como este se naõ acompanha da vil con-  
veniencia, faço publico este Tratado do mes-  
mo Author, que, (como elle confessa, compoz  
com tanto trabalho como a obra mostra) naõ  
receando qualquer fortuna, que lhe succeda,  
pois me contento por premio do meu traba-  
lho em o dar à luz, havello tirado das sombras  
do esquecimento, a que a ingraticidaõ o tinha  
condenado, por benemerito.

*Vale.*

LICEN-

DO



L I C E N C A S  
D O S. O F F I C I O .

**V**istas as informações, pôde-se imprimir o Livro, de que esta petição trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 26. de Janeyro de 1723.

*Rocha. Fr. Lancaſtre. Cunha. Teyxeira.*

DO ORDINARIO.

**P**ode-se imprimir o Livro de que se trata com a correção, que nelle se acha feita, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 14. de Abril de 1723.

*D. Joaõ Arcebispo.*



# DO PAÇO.

S E N H O R.

**V**I por Ordem de V. Mag. o Tratado intitulado: *Noticia da Arte Cabalística*, Obra posthuma de Dom Francisco Manoel de Mello, cujo nome basta para asseguralla de que não contem clausula contra o Real serviço de V. Mag. porque a penna deste Author se occupou repetidas vezes no serviço desta Coroa, & o fes conhecer no Mundo por tão grande Portugues, como discreto, & erudito; o que se vê gostosamente nas muytas obras Politicas, Poeticas, & Historicas deste Author, & he justo que de hum engenho tão estimavel senão percaõ nem as reliquias, ainda que nellas não haja mais utilidade que o podem ser objecto da veneração, que se deve aos homens, que justamente aspirarão à immortalidade da fama; & assim me parece esta Obra digna de se perpetuar pela estampa. Lis-

boa

boa Occidental nesta Caza da Divina Provi-  
dencia de Clerigos Regulares 21. de Dezem-  
bro de 1723.

*D. Manoel Caetano de Souza.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças  
do S. Officio, & Ordinario, & depois  
de impresso tornará à Menza para se conferir,  
& taxar, que sem isso não correrá. Lisboa  
Occidental 21. de Jaueyro de 1724.

*Galvaõ. Oliveyra. Teyxeyra.*

---

**E**stã conforme com o Original. S. Domingos de Lisboa Oc-  
cidental 9. de Outubro 1724.

*Fr. Manoel Guilherme.*

**V**isto estar conforme com o Original pôde correr. Lisboa  
Occidental 12. de Outubro de 1724.

*Rocha. Fr. Lancaestre. Cunha. Sylva. Cabedo.*

**P**ode correr. Lisboa Occidental 15. de Outubro de 1724.

*Domingos Lopes Simões.*

**T**ayxaõ este Livro em duzentos & quarenta reis. Lisboa  
Occidental 19. de Outubro de 1724.

*Oliveyra.*

*Teyxeyra.*



ERRATA S.

Pag.	Regr.	Errata	Emenda.
15	12	espitito	espirito.
19	9	descntes	descendentes
Ibid.	16	sententa	sententa.
Ibid.	17	ferentes	ferenta.
21	5	verba	verbo.
22	3	Lulio	Lullo.
28	5	Autohres	Authores.
Ibid.	7	attica	Attica.
29	8	agminata	enigmata.
Ibid.	9	Areopagita	do Areopagita.
30	7	Rubum	Rubrum.
32	14	Dominum	Domini.
Ibid.	15	illuminas	illuminans.
33	12	poderemos	podéramos.
44	8	Entte	Entre.
47	3	effencias	effenciaes.
52	7	scire	sciret.
53	3	entendesse	entende-se.
69	21	particular	particula.
70	13	femhãmephora	Schemha-
		mephoras.	

Pag.	Regr.	Errata	Emenda.
72	12	Omitimus	Ommittimos.
75	6	este misterioso	esta misteriosa.
84	19	prova	de prova.
109	2	qualidade	qualidade.
120	4	Idiom,a	Idioma,
133	3	Musica	da Musica.
138	18	pronunciaçãõ	pronunciaõ.
147	8	deminio	dominio.
175	1	prohiberet	prahiberet.
185	16	virtu-	virtude.







# DE ARTE CABALISTICA

PLUTARCH. IN ALEXANDRUM,

*Ut perniciosa est incredulitas, & contemptus*

*signorum, divinitus oblatorum, ita supersti-  
tio noxia est.*

INTRODUCC, A M.

§. I.



AM he a menor gloria da  
Nasçaõ Portuguesa possuir  
taõ puramente a santissima  
Fè Catholica, que pro-  
fessamos, que naõ só abor-

reça, vingue, & ignore os erros contra-  
rios, mas ainda com religiozo temor se  
percate de qualquer opiniaõ, arte, ou co-

A

stume,

stume, que não seja muyto em favor da Christã piedade. Esta observancia em nossos mayores tambem verificada os manteve sempre reciozos de toda a perigosa especulaçãõ, contentando-se de fazerem o necessario para dirigirem congruamente suas acções, do corpo, & espirito; sem algũa mistura de superfluas disciplinas, cujo exercicio (aceyto aos homens pela novidade) soe levantar o entendimento humano a huns altos, donde de ordinario se precipita.

2. Tudo se vê muy claramente em os Authores Portuguezes, porque professando, escrevendo, & ensinando com singular magisterio as doutrinas honestas, nunca se adiantáraõ por interesse de vam-gloria (que hoje persuade os mayores ingenhos do Mundo) ao uso, pratica, ou estima de cousas extravagantes. Donde algũs estrangeyros tomáraõ occasiaõ de chamar rudeza, nossa modestia, vendo

que



que despresavamos aquelles mysteriozos segredos, taõ venerados, inqueridos, & seguidos delles.

3. Porèm como o Mundo, à maneyra de corpo humano, ( que tambem he mundo, em opiniaõ, & nome Grego) com a mayor idade envelheça, caduque, & v`a cahindo em novas corrupções, & delirios, vemos que os achaques de nossa Republica (estes saõ os vicios) participaõ em o tempo presente alguma parte da reprehensivel vaydade, que opprime as outras nações, amando-se, & buscando-se hoje entre nõs, as perigosas adivinhações, & interpetrações do futuro: já por modo de espirito incertamente; já por via de arte, & artes muyto mais incertas; ainda introduzindo novas, & agradaveis disciplinas contra a força, & virtude da solida verdade; donde podemos dizer, ou temer, he chegado aquelle tempo, que

diz S. Paulo: *Erit enim tempus cum sanã*

D. Paul. 1.  
ad Thim. 2  
cap. 4 n. 3e

*doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coaceruabunt sibi magistros prurientes auribus, & à veritate quidem auditum auerterent, ad fabulas autem convertentur.*

4. Daqui vemos muytos animos leues, & simples obrigar-se voluntariamente a esta vanissima crença. Donde procede, que ambiciosas de seu applauso, agora mais que nunca tem apparecido, & vaõ apparecendo varias opiniões, & extravagantes sentenças à cerca do por vir. E que alguns homens de poucas letras, & virtude indiscreta, se atrevaõ a expor, & inculcar à gente rude os fantasticos mysterios delles introduzidos, & della admirados: para cujo credito constituem figuras, juizos, prognosticos, & explicações, com que o Demonio mestre de mentiras, & inimigo da paz humana, costuma cegar, & inquietar as peffoas de facil espirito: porque como desde sua creação intente este principe das trevas partir cõ

Deos



Deos o culto só divido à Divindade, fas quanto pode por igualar a superstiçaõ à Religiaõ, como se denotou em aquella mãy supposta, que ao Rey Sabio requeria: *Nec mihi, nec tibi, sed dividatur.* Rég. lib. 3º

5. E para este fim dissimula seu arteficio com capa de piedade, dispondo, como estas falcissimas opiniões se pratiquem entre gente havida por de boa consciência, & como huma das obras a ella pertencentes; succedendo logo para mayor confusaõ de todos seus sequazes, que os ignorantes, ou maliciozos (tal ves por outros fins) acodem promptamente ao credito destas novidades, sublimando-as, & notificando-as, como se foraõ piedosas, & calificadas profecias; sendo certo, que ellas naõ saõ outra cousa, que huns ambiguos, rudes, barbaros, & confusos vatecinios, corruptos, estragados, & as mais vezes inventados pelos proprios expoitores delles. As quaes exposições, & seus

seus professores, & secretarios crescem  
 cada dia com mayor inquietação da cõf-  
 ciencia, & republica, repartindo o uso de  
 sua maldita disciplina, agora por homẽs,  
 que se fingem sabios, agora por mulheres  
 hypocritas, & de alli passaõ a introduzir  
 papeis ficticios, livros suppostos, astro-  
 logias temerarias, sonhos imaginados,  
 revelações falças, sem perdoarem ao ver-  
 dadeyro curso do Sol, Lua, & Estrellas,  
 a quem mil vezes perfilhaõ àspectos nũ-  
 ca vistos, sombras, & figuras, que debu-  
 xa sua malicia, sobre a ignorancia dos q̃  
 os ouvem, com outra infinidade de seme-  
 lhantes desvarios; misturando atrevida-  
 mente as verdades catholicas com suas  
 fabulosas chimeras, & dando a entender  
 como dependem humas de outras; sem  
 advertirem, que contra todos estes pro-  
 nuncia o Apostolo Saõ Paulo temerosa  
 sentença, quando escreve aos Galatas:

Epist. 1.  
 ad Galat.  
 cap. 1. n. 8.

*Sed licet nos, aut Angelus de Cælo evangeli-*



*Set vobis , praterquam quòd evangelizavi-  
mus vobis anathema sit.*

6. Mas com tudo , he taõ grande a obstinaçãõ de nossa vaidade, que sem parar pelo horror deste pregaõ do Apostolo em o curso das investigações , do que se nos esconde , a troço de que cada hum ache quem lhe vaticine, conforme seu desejo , se entrega facilmente em as mãos destes mestres do engano , & se dispoem a seguir a bandeyra da sua errada companhia, sem màgoa, ou pejo das fabulas em que se vem cada hora, quando mais vivamente esperaõ o cumprimento das suas promessas ; porque alèm de que assim se satisfaz , o que dizem os Theologos, que o Diabo tambem tem seus martyres , & confessores, como affirma Medina nestas palavras : *Diabolus habet suos Apostolos, suos Prophetas, suos Evangelistas, & Doctores, Martyres, & Virgines ad confirmationem corporis reprobì.* Parece o permite af-

Med. ad.

12. q. 22.

art. 2. con.

cluf. 3.

Valle de

Mour. 1. 7.

cap. 6. n. 8.

fim por altissima providencia a Providência Divina, ordenando, que pelo mesmo caso, que esta gente abusa da fé, que he obrigada a ter, & guardar, haja do mesmo modo outra gente, que de sua fé tambem abuze, usando mal do credito, que desmerecidamente lhe entregaõ.

7. Este vicio taõ lamentavel pela mayor parte comprehende os descontêntes da Republica, como pessoas, que vivendo do presente estado pouco satisfeytas, já que não pòdem reformar o Mundo conforme a pauta de seu dezejo, dezejão pelo menos, que elle se resolva pelo moto da sua vontade: tambem se dilata esta payxaõ aos grandes, & felices, que muyto gosaõ da vida; mas estes por outro fim procuraõ alcançar os successos vindouros, em ordem a previnirem qualquer contingencia, que possa contradizer sua perpetuidade: donde Marco Tullio quer, que o nome *Superstição* tivesse seu



seu principio ; porque os Principes , diz elle ( em o segundo de *Divinatione* ) com as vans promessas, que fizeraõ a seus Idolos, para que os filhos, & os herdeyros ficassẽ vivos depois de seus dias, deraõ origem, & causa ao nome *Superstiçaõ*, que val quasi *Superstes*. He da mesma maneyra erro de mulheres, as quaes naturalmẽte appetecem tudo o que se lhes nega ; & a razãõ he, porque quanto das cousas presentes alcançãõ menos , tanto intentaõ saber mais das que estaõ para succeder, cuja desculpa serã o haverem herdado este costume da primeyra mulher, que houve no Mundo.

8. E porque ( como tenho dito ) em paga da nova attençãõ, que as gentes lhes deraõ, tem no tempo presente sahido a publico naõ sõ destes abusos , os que de todo ignoravamos os Portuguezes , mas ainda os que entre as mais nasções eraõ de todo esquecidos, quiz , parece , achar

tam-

tambem agora entre elles seu lugar , & gozar sem perigo a nova pratica da antiga sciencia Cabalistica, a qual tanto em Portugal , como em toda a Europa estava já por longos tempos esquecida ; para cujo conhecimento, & nosso desengano , per-tendo escrever este breve Tratado , sendo o primeyro em Hespanha , que até o presente ha tomado tal empreza por sua conta , a qual me persuadio , não sey se diga primeyro o zelo, ou curiosidade, pela occasiã, que agora referirey.

## RAZAM DESTE TRATADO.

### §. II.

I. **S**uccedeo ha pouco tempo a reclusã de certo Estrangeyro aos carceres do Santo Officio, & achãdome por aquelles dias em huma conversação de homens sabios , como a pratica  
de



de muytos seja bruxula, que ja mais se affirme em parte determinada, entre outras materias de sciencia se veyo alli a fallar, por causa daquelle successo, da Sciencia Cabala, cujo exercicio alguns davaõ por origem delle, tendo estes tais para si era a Cabala huma das artes prohibidas por demoniaca; outros affirmavão fer sciencia natural; mas alguns (& não, certo, os menos doutos) confessavaõ não terem de tal sciencia alguma noticia. Finalmente vindo a mim a razão, fuy eu entre os circunstantes quem com mais claras noticias falley nella, em virtude de algum conhecimento de seus preceytos, que já tivera fóra deste Reyno, por conferencia, mais que doutrina, com hũ varão doutissimo, que honestamente a professava, ou para melhor dizer a conhecia. De que obrigados os presentes, cõ apertadas, & cortezes instancias me persuadirão recolhesse em hum tratado particular

lar, tudo quanto da Sciencia Cabala houvesse alcançado; porque (diziaõ elles) sem duvida seria de muyta utilidade para semelhantes casos, a noticia de cousa taõ rara, assim para escarmento dos sequezes de toda a vaidade, como para advertencia dos Ministros, a quem toca o exame, & a emenda das superstições, que se padecem. Porèm como eu entendia, que o rogo dos que me inculcavão este trabalho parava só em curiosidade, & cortezia, já que a promessa feyta me obrigasse a que (deyxando outras mais proprias occupações) houvesse de resgastar pelo preço de hum grande estudo, a palavra **Captiva**, me pareceo, que naõ poderia calificar com outro melhor fim esta minha obra, que offerecendo-a, como offereço a V. S. mas para que della se cobre aquelle conceyto, que lhe fará perder meu nome, antes de ser vista, forçado sou, Senhor, a dizer a V. S. que para a composiçãõ,



çaõ, & ornamento deste pequeno Opusculo, revolvi maxima quantidade de livros, divinos, & humanos; se gastáraõ mezes em sua liçaõ; se reconheceraõ as Filosofias, & se examináraõ as Mathematicas, as Historias se inqueriraõ, & consultando raras, & novas explicações, com notavel trabalho, se pode de tudo ajuntar a breve, mas copiosa parte da doutrina, q̄ neste Tratado se contém, a que dará todos os toques, & realces, que lhe faltaõ, a grãde, & bem lograda erudição de Vossa Senhoria. Com o que meu trabalho não será inutil aos que lerem, & observarem, sua disciplina.

## PRINCIPIO DA CABALA.

### S. III.

I. **O**'Solon! Solon! *Græci semper pueri estis, nullam habentes antiquam opinionem, nullam disciplinam*

tem-

Plat. in  
Timeu;

*tempore Canam.* Assim refere Plataõ no seu Timeo, que improperava hum barba-ro Egypcio ao grande Filosofo Solon. Porque sem duvida se possuem como incertas as disciplinas modernas, se das antigas não temos noticia, quando não seja inteyro conhecimento. Por esta regra os Hebreos levantáraõ tanto a considera-ção ao passado, que não fallando em aquelles, que por luz divina possuirãõ, & declarããõ as primeyras verdades, ainda houve outros, que em virtude da Filoso-fica meditaçaõ, quizeraõ achar, & mos-trar via ao entendimento, para passar sem duvida, desde a idade presente, atè o nas-cimento do Mundo, & porcreaçãõ das primeyras sciencias, & artes delle.

2. Era o nome Hachamim entre os Hebreos o proprio, que Sophi entre os Gregos, & com este se denotava todo o fogeyto sapiente. Mas depois, que tanto começããõ a florescer entre elles, a-  
 quelle



aqueles verdadeyros Sabios, q̄ da bocca do Senhor ouviraõ a certissima doutrina, deraõ a estes taes os nomes de Profetas, que isso quer dizer *Nabi*, do verbo *Naba*, ideft, certa predicaõ do futuro; porque o nome Profeta, de voz Grega, he quasi vaticinante, a qual depois em a propria significacaõ, & pronunciaçaõ receberão os Latinos, & Vulgares: Mas em todas as linguas suppoem sempre homem annunciador do futuro, por virtude do espitito de Deos, à differença dos falços Profetas, ou Pseudoprofetas, que logo desde entaõ fizeraõ guerra à verdade divina, como na Escriptura Santa se lè algumas vezes, dos quaes o Evangelista Saõ Mattheus nos manda guardar, quando diz: *Attendite à falsis Prophetis*. Porque aos outros Sabios de sciencia natural chamavaõ os Assyrios, Chaldeos ( como se vè em Daniel ) os antigos Gallos, Duidras; os Bactrios, Samaneos; os Persas,

Dominic!  
non.Mira-  
bel inPro-  
phet.

Covarruy  
lit. P.

Mattho  
cap. 7.

Dam.ca.3o

Ma- Idem.

Reuchli.  
lib. 1o.

Magos; os Indios, Gymnosophistas; os Scithas, Anacharfis; os Thracios, Zamolxis; que todos são aquelles, a quem chamamos Filósofos.

3. Mas depois que o povo Hebreo foy destituido por suas culpas de hũ tão grande bem, honra, & gloria, como o espirito de Profecia, que de tão longos tempos gozava unicamente entre as mais nações do Mundo ( porque a Gentilidade só alcançou verdadeyros os Oraculos das Sybillas ) inventou em seu deffeyto a Sciencia Cabala; ou se a não inventou, a pos então em descuberta pratica, sendo ( segundo seus Rabinos affirmão ) atè então de huns a outros em segredo conferida.

Reuchlin  
& omnes  
RRo

4. Assim dizemos, que a Sciencia Cabala, Cabalá, Cabalística, ou Cabalista, que de todas as maneyras se nomea, he aquella de quem escrevem os Rabinos, teve seu principio a par do da Ley, que



que por Deos Nosso Senhor foy dada a Moysés no monte Synay , não com menor fim ( conforme a elles ) que para intelligencia da mesma Ley. E que por esta causa secretamente da propria bocca de Moysés se veyo derivando a Cabala de huns a outros , sem que em publico se escrevesse, ou ensinasse , por ser assim conforme ao preceyto divino. Esta tradição he sua, & nella se affirmão tanto , como gente costumada a defender erros ; havendo muytos , que tem para si , que em virtude da Sciencia Cabala, que Deos lhe cõmunicára , possuira Moysés toda a inteysra sabidoria de divinas , & humanas causas , por aquellas sincoenta portas de Sapiencia, que elles dizem, tem a Cabala abertas, para que entrando por ellas o discurso humano, seja cheyo de segredos, & mysterios scientificos, conforme a humasentença , que referem : *Quinquaginta porta intelligentiæ productæ sunt in mundo.*

Rabin.  
Gerund.

E accrescenta o Rabino Gerundense, que Salamão *Omnia cognovit per legem, & omnia invenit in ea per expositiones suas, per grammaticas subtilitates, & per litteras ejus, & per Calimistraciones illius.*

5. Outros lhes daõ mais antigo, ainda que menos illustre principio, sendo de parecer, que pelo Anjo Raziel foy cõmunicada a Sciencia Cabala a nosso primeyro pay Adam, quando desceo para o consolar da expulsaõ do Paraíso. A qual opiniaõ se corrobora com sabermos he

Valle de  
Mour. de  
Incantat.  
& Enf lib  
fcl. 2. ca. 5.

Joan. Reu  
chl. to. 1.  
htt. E. co.  
lumn 627.

tambem chamado Raziel o Livro mais principal desta Sciencia Cabalística; como dandonos a entender, que todos os preceytos della foraõ dictados pelo Anjo Raziel, de quem o Livro tomára o nome, & a doutrina. Logo accrescentaõ, q o Anjo Jophiel foy mestre de Sem, & de Abraham o Anjo Zadkiel, & de Isaac o Anjo Rafael, & de Jacob o Anjo Peliel. Entre a qual doutrina, & a primeyra, ha gran-



grande opposiçaõ , porque ou fosse a Cabala revelada do Anjo R aziel a Adaõ , ou de Deos ensinada a Moysés , se ella sempre foy sciencia transferida , bem se escufava , que os Anjos viessem ensinalla aos Patriarcas Sem , Abraham , Isaac , & Jacob , pois em virtude da primeyra doutrina de Adaõ passára sem Mestre a seus descendentes : como não lemos, q aos mais, a quem Moysés a deyxou, fossem necessários Preceptores.

6. Passou assim de huns a outros até o cativeyro de Babylonia ; mas dizem, <sup>Pico Mirand.</sup> que sendo reedificado o Templo, foy Esdras o primeyro , que ordenou se escrevesse em setenta volumes , correspondentes aos setenta Sabios , ou Velhos da Sinagoga. Donde infiro , que não occuparia todos os setenta volumes aquella doutrina , mas que huma propria leytura teria trasladada setenta vezes , para que cada anciaõ tivesse seu livro della. Con-

Pico Mi-  
rand.

Thom.  
Garç. dif-  
curs. 29.  
pag. 250.

tra o que nos quer dar a entender Joaõ Pico Mirandulano (segundo o testemunho de Thomas Garçon) dizendo haver elle comprado, lido, & estudado estes setenta volumes de Esdras, dos quaes tirou toda a noticia da Cabala, que fes presente aos Latinos, sendo elle entre elles, quem antes, que outro, inculcou à nossa posteridade seu nome, & preceytos.

7. Estes são os principios, & origem da Sciencia Cabala, segundo a authoridade dos Hebreos. Mas entre todos os antigos Authores da erudição profana não acha alguma noticia desta Sciencia por seu proprio nome Cabala; ainda que por semelhantes podemos entender, que Pithagoras a alcançou, deduzio, ou fes conforme com ella os seus Symbolos Pithagoricos. E que Plataõ tambem teve della alguma noticia, como se vê do seu Cratylo, que adiante nos servirá muyto.

Plat. in  
Cratyl.

Reuchli-  
lib. 2.

Mas Joaõ Reuchlino participando da opiniaõ



piniaõ dos Rabinos escreve, que o Filosofo Pithagoras a professou; & que passando, & vindo da peregrinaçaõ fora chamado Cabalístico, o qual nome perderaõ os Gregos, ou trocáraõ logo ao de Filofofos; o que pertende provar com a semelhança das proposições, que ha entre os Pithagoricos, & os Cabalísticos; porq̃ quando os discipulos de Pithagoras eraõ perguntados pelas verdades de suas proposições, respondiaõ pela grande authoridade do Mestre, aquella celebre ignorancia, ΑΥΤΟΣΕΡΑ, elle o disse: donde sem duvida veyo a clausula, que hoje usamos in verba Magistri. O qual costume se radicou de sorte entre os Cabalísticos, que a mayor proposiçaõ assentaõ sobre hum semelhante ipse dixit. ΑΥΤΟΣΕΡΑ.

8. Mas esta doutrina, ou por sepultada já no esquecimento, ou na vaidade; ou por ser taõ distante, de nòs nunca ouvida, parece que tornou em parte, fenaõ

myr  
ob. lu I  
ngamie

Pico Mi-  
randa

Joseph  
Rico.

Alexand.  
Parra.

Joan. Reu-  
chl.

Thom.  
Garc.

Jayme  
Rechal

em todo, a resuscitar, ou inculcarfe-nos  
 na Sciencia magna, ou Arte breve de  
 Raymundo Lulio, que com os Symbo-  
 los Pithagoricos, & Sciencia Cabala tem  
 notavel semelhança; porque quasi todos  
 seus mysteriozos segredos parece se en-  
 caminhaõ ao proprio fim, que tem por  
 objecto a Cabala, interpretando cláusu-  
 las das Escrituras, formando argumêtos,  
 & tal ves predizendo por via de nume-  
 ros, & caracteres; officios todos da Ca-  
 bala, como veremos, quando se trate de  
 sua divisaõ, & objectos.

Com tudo não vimos, que entre a  
 gentilidade, entãõ, & agora entre o Chri-  
 stianismo fossem grandes os progressos  
 desta Sciencia; ou já procedesse da fallê-  
 cia della, ou já do difficil com que a gosã-  
 vaõ seus professores. Porque (como dis-  
 semos) os antigos, & modernos Rabi-  
 nos persistentes em erros, & antiguidades  
 a guardáraõ, & cõmunicáraõ avaramente  
 de



de huns a outros, com perigo de sua verdade; donde se entende, que ainda quando em seus principios haja alcançado calificaçãõ, & alteza, a mistura, & relaxaçãõ, que lhe trouxeraõ os tempos, & ruins usos a tem enfraquecido em credito, & doutrina; em tal maneyra, que apenas ficáraõ para elles, & menos para nõs os vestigios da antiga Sciencia: com tanta confusaõ viveo entre os Hebreos, atè que o raro estudo do subtil Conde Joaõ Pico Mirandulano deu a Italia mais claras suas noticias; a quẽ seguindo depois Joseph Riccio, Alexãdre Farra, Italianos, & Joaõ Reuchlino Germano expuzeraõ ainda em melhor pratica esta Sciencia; a quem tambem seguio Thomas Garçon, & Jayme Rebulosa. Porem todos com tal defeyto, desproporçãõ, & variedade, que supposto devemos a seus escritos destes, boa parte do q̃ neste Tratado dicermos, veraõ bem os estudiozos ( quando con-

Pico Mi-  
rande.

Joseph  
Ricc.  
Alexand.  
Farra.  
Joan. Reu-  
chl.

Thom.  
Garç.  
Jaym.  
Rebul.

fraõ nossa disposição com a dos referi-  
dos Authores) qual seria o trabalho, com  
que em ordem, clareza, & profundi-  
dade nos adiantamos aos mais, que desta  
Sciencia nos deraõ as premissas, cujas o-  
piniões seraõ de nós seguidas, em quanto  
se naõ desviarem do mais verdadeyro, &  
piedozo sentimento, em que pelo con-  
trario sempre saõ comprehendidos os  
Authores, que defamparaõ a razão solida  
pela subtil. Proprio defeyto dos inge-  
nhos amantes de singularidade.

## DO NOME CABALA.

### §. IV.

**A**lguns dos Latinos tiveraõ  
erradamente para si, que a  
Sciencia Cabala tomára o nome de hum  
seu inventor famoso magico, que diziaõ  
Cabaleo; & não poucos persuadidos da  
indi-



indicação desse nome affirmáraõ ser esse magico instruido nesta Sciencia por hũa rara encantadora nomeada Cabala. Porém tudo isto são vaidades de homens indoutos. O nome Cabala, ninguem duvidou ser voz Hebreá, mas na forsa de seu significado corre com grande variedade; porque o Mirandulano, com os que o seguem, interpretão: Traducção, Revelação; alludindo ao que dissemos do principio desta Sciencia: ou de Deos a Moyfés, ou de Raziél a Adaõ cõmunicada; o que tudo energicamente se comprehende em a palavra Cabala.

2. Mas Covarruvias diligente, & sabio Vocabulista, quer que se deduzá o nome Cabala do verbo, *Inpiel*, que significa ( diz elle ) receber, ou aceytrar de cabeça qualquer razão, que a outro se ouve. Mostrando assim, como por pratica, & não doutrina se recebia de cõr esta Sciencia; porque a tudo se estende a força do

Covarr.  
lit. C.

Onkel.  
Chald.

R. 101.  
lit. C.

do verbo *Inpiel*, que dá por raiz ao nome Cabala. E verdadeyramente se como acertou na significação conheçera a propria raiz do nome, fora aqui taõ digno de louvor sua deligencia, quanto podera ser reprehensivel a omiffão do Mirandulano; porque se deduzissemos o nome Cabala como elle ensina do nome Tradicção, acharemos, que na collocação Hebraea corresponde à palavra Tradicção Mattanah, ou Matan, & tambem Mattah, do verbo Natthan, ou Massar, Tradido entre os Latinos, & entre nòs entregue, dou, traspasso; ou se, segundo o mesmo Autor, o dirivassemos do Latino verbo Revelo, & entre nòs, descubro, por este tal verbo tem os Hebreos Ghillalh; em os quaes Mattanah, Matan, Mattah; Natthan, Massar, Ghillalh, & o nome Cabala, naõ vemos alguma connexão, ou semelhança; & a mesma falta no verbo *Inpiel*, por Covarruvias mostrado,

por-



porque ainda por aceytar dizem os Hebreos Lahah , & não Inpiel , como a este Author lhe parece ; & por cabeça tem Rosch , cujo conhecimento de todo exclue a denominação de Covarruvias em o modo, que elle a escreve. Porèm acertou ; como já dissemos, no significado: porque o nome Cabala se deduz do verbo Nekabel, dõde procede o verbo Kibbal , ou Kibbel por receber pelo ouvido ; & assim poderamos sem erro dizer: Kebbala, ou Kicabala, pela proporção, q̄ tem entre si o Kappa Grego com o Kaph Hebreo, & o C Latino ; & a frequente trãsmutação, que se fas de Aleph, como qualquer de outras vogaes e, i, nos alfabetos, que as admittem. Assim interpreta Onkelo Chatoayco, & Joã Reuchlino aquella clausula de Esdras no texto Hebreo. *Mose Kibel*, id est, *Moyfes audiuit*, & *accepit legem de Sinay*, unde *Cabala dicitur ab auditu acceptio*.

Onkel.  
Chald.

Reuchl.  
lib. 1. col.  
623. lit. D.

He

3. He com tudo de advertir, que como a escriptura Hebræa he já tão apartada do estudo moderno, pôde bem succeder, que por defeyto, ou descuydo cayaõ os Autohres nestas variedades; ou q̄ tambem como na lingua Grega se observa, que a attica fazia differença, & tinha melhora da Eolica, & Jonica, assim em a Hebræa houvesse semelhantes accidentes, que fazem variar a significação dos verbos. Pelo que nenhũa destas incertezas deve contradizer o credito de homens tão grandes, como os Authores, que nesta parte refutamos, por cujos escriptos passou já a censura dos dias, & dos censuradores. Mas he tempo, que fahindo do nome Cabala passemos adiante em sua especulação.



## D A E S C U R I D A D E D A C A B A L A .

S. V.

1. **O** Mayor cuydado dos Cabalísticos se empregou em velarem sua sciencia com densíffimas nuvens de escuridade, a fim de que sendo taõ escondida aos olhos do vulgo, fosse venerada como cousa divina, fundando-se, pòde ser, em o que já disse Plataõ ao seu Dionio: *Per agminata dicendum est.* Plat. ad Dion. Ou na grande autoridade Areopagita, quando escreveu a Thimoteo: *Divinus in divina doctrina fructus, secreta, animique sancta sunt, circumagens ex immunda multitudine tanquam uniformia, hæc custodi.* Dionif. A: reop. ad Thimoth.

2. Com tudo a observancia destes segredos, quizerão elles se fundasse em ordem divina, trazendo igualmente para este testemunho, que para provar a qualidade

lidade de sua sciencia, hum lugar de Efdras, que se elle fosse de igual credito aos mais, sem duvida lhe ficaria muyto aventajada a opiniaõ de hum, & outro intento. Diz assim o lugar desde o numero terceyro até o quinto, em o livro 4. Re-

Exdr. lib. 4  
cap. 14. n. 3

*velans, Revelatus sum Moyse super Rubi, quando populus meus serviebat in Aegypto.... & adduxi eum super montem Sina, & detinebam eum apud me diebus multis, & enarravi ei mirabilia multa, & ostendi ei temporu secreta, & finem, & praecepi ei dicens, haec in palam facies verba, & haec abscondes.*

3. Então valendo-se das authoridades de nossos Santos Doutores, trazem algũas, que mais favorecem a opiniaõ, q se arrogaõ em virtude deste lugar. Mas entre os mayores lhe daõ mayor foccorro duas authoridades de Saõ Gregorio Nazianfeno; a primeyra em o livro, que intitoulou de *Statu Episcoporum*, donde diz fallando de Moyfés: *Accipit legem ipsis quidem*

Nasiã. de  
stat. Epif.

mul-



*multis, eaque est littera, ijs autem super multos, eaque est spiritus.* O segundo lugar he do livro de sua Theologia, em o qual se lem ( da mesma Ley ) estas palavras: *Vult ita tabulis solidis, & lapideis conscribi, & iis altrinsecus, propter manifestum legis, & occultum illud quidem multis, & inferius manentibus, hoc autem paucis, & sursum pervenientibus.*

4. Com estes, & outros semelhantes lugares esforçaõ, & justificaõ aquelles mysterios, com que retiraõ sua sciencia aos olhos do vulgo, procurando provar com as ultimas palavras de Esdras no lugar citado, q a Ley foy huma de aquellas cousas, que Deos lhe deu a Moyfés, para que a cõmunicasse a todos, como se infere da clausula: *Hæc in palã facies verba,* & que a outra cousa que lhe deu para que a occultasse, & guardasse para si, & para poucos, foy a Sciencia Cabala, pela qual querem se entêda a clausula ultima:

*Et*

*Et hæc abscondes*: ao que obedecendo o Profeta fes thesouro deste altissimo segredo, revelando-o sómente aos Sabios, dos quaes o haviaõ de receber os outros, conforme ao mandado de Deos.

Deuter.  
cap. 33.  
Rab. Gerund.  
in  
Deutor.

5. Mas a esta doutrina parece, que contradiz outro lugar do Deuteronomio explicado da Sciencia Cabala, segundo o expoem o Rabino Ramban Gerundense, donde se diz: *De dextera ejus ignea lex eis*; como se dicesse, da mão do Altissimo não pendia, nem se dava ley escura, nem sciencia de trevas. O que certifica David dizendo: *Præceptum Dominum lucidum, illuminas oculos*. Porèm deyxando à parte esta duvida, nós vemos, que a interpretação dos Padres neste lugar, nẽ em outro, falla da Sciencia Cabalística. E tambem sabemos, que o terceyro, & o quarto livro de Esdras não tem authoridade Canonica. Quanto mais, que ainda, quando tudo assim, fosse não se seguia necessa-



cessariamente , que a clausula , *hæc abscondes* , houvesse de significar sómente a Scia Cabala , que por ella nos denotaõ , & com ella authorisaõ. Porque muytas outras cousas poderia a Divina Sapiência revelar a seu seruo Moysés, que entãõ conviesse esconder ao povo Judayco, sem que fossem os preceytos desta arte , da qual em o divino Texto naõ vemos expressa mençaõ.

6. Do mais, que toca à sua escuridade , & confusos termos poderemos discorrer largamente ; mas porque elles faõ em tanta maneyra escuros, por elles mesmos se demonstrará o que aqui escusamos de profeguir àcerca do segredo , & profundidade desta disciplina.



## DIFFINIC, AM DA CABALA.

## §. VI.

I. **S**egundo o costume dos Aucthores parece, que havemos tardado em dar a diffinição desta Sciencia, pois da diffinição depende seu verdadeyro conhecimento. Com tudo eu podia dizer, q̄ por duas razões me achava defobrigado deste uso. A primeyra, porque nõs nõ tratamos a Cabala magistralmente, nem a escrevemos, mas sô escrevemos della, sem algum animo de introduzilla, cu ensinalla; contra o qual pensamento (quando em nõs o houvesse) estava nõ sô a impericia, mas o escrupulo; havendo reconhecido ser defeso seu exercicio, & os livros, que o ensinão, conforme ao indice Romano. A segunda razão, porque se estamos por sua divisaõ,

Regul.  
nom. Ma-  
yol. relat.  
por Val e  
de Mour.  
Ief. 2. cap.  
5. n. 5.



visaõ, ella resulta taõ diversa por suas partes, que nos inculca sciencias differentes, em tal maneyra, que mal podèrão por huma só diffiniçaõ ser comprehendidas.

2. Mas porque naõ pareça, que esta escusa se encaminha a ignorar a entidade, fim, & objecto desta Sciencia, diremos segundo os Catholicos, que a justa Cabala foy huma profunda meditaçaõ de mysterios occultos deduzida de nomes, letras, numeros, & figuras dos livros divinos; & a injusta huma ficçaõ Judicia-ria, que incertamente prognosticava do futuro por vans observaçoẽs, misturando o sagrado, & o profano. Mas segundo

os Rabinos: *Est enim Cabala, divina revelationis ad salutiferam Dei, & formarum separatarum contemplationem tradita symbolica receptio, quam qui cœlesti afflatur sequuntur recto nomine Cabalici dicuntur.* E porque da divisaõ se tomará o mais formal conhecimento do que seja, & a que

Joan. Reu  
chl. lib 1.  
col. 624.  
lit. C.

fins se encaminhe, tratemos de dizer o modo, porque se reparte.

## DA DIVISAM DA CABALA.

### §. VII.

Proverb.  
cap. 22.

I. **C**Onforme a authoridade dos Proverbios, que os Cabalisticos trazem em abono da divisaõ de sua sciencia, a Cabala se divide em tres partes, fundando-se, para melhor assentarem esta opiniaõ, em aquellas palavras de Salamão, quando disse: *Certè scripsi tibi tripliciter consulto, & sententia, ut notificarem tibi reãtitudinem eloquiorum veritatis*; ou como traslada Saõ Jeronymo este proprio lugar, & lemos na Biblia: *Ecce descripsi eam tibi tripliciter in cogitationibus, & scientia, ut ostenderem tibi firmitatem, & eloquia veritatis.*

Proverb.  
22. n. 20.

2. Deste parecer saõ o Egypticio, & o

Ge-



Gerundense, sem nomearem quaes fofsẽ estas tres partes. Mas Joseph Salernitano affirma, que saõ ellas, numero, figura, & peso; explicando o primeyro lugar de Salamão, com outro da Sapiencia, onde se lé: *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti.* Mas pelos mais achamos fer a Cabala dividida em duas facultades, que differaõ Bresiths, & Mercana; das quaes Joaõ Reuchlino tem para si, q̃ a Bresiths val como a Fisica; & a Mercana, como a Metafisica. Donde accrescenta o mesmo Author, *Quod opus de Bresiths est sapientia natura, & opus de Mercana est sapientia divinitatis.* Esta Mercana se divide tambem em duas partes, Sephirod, & Semod, como se dicessemos: Pratica, & Especulativa.

3. O Rabino Hamas preeminente professor desta Sciencia a quer distribuir em cinco modos, q̃ saõ: Rectitude, Cõbinaçaõ, Oraçaõ, Sentença, Supputaçãõ.

Iosep. Sa:  
lern.Sapient  
cap. 11, n  
22.Pic. Mi-  
rand.Joan Reu-  
chl, lib. 1.Ham. Ra.  
bin.

Pic. Mi-  
rand.

Porèm nòs seguindo o Mirandulano, seguiremos a divisaõ das duas partes: Breſiths, & Mercana, por ſer a mais facil, & cõmum maneyra da intelligencia della. He tambem de ſaber, que a parte Semòd, huma das em que a Mercana ſe reparte, dividem igualmente os Authores em outras duas partes, que dizem Arithmetica, & Themancia, a quem outros chamão Themura. Das quaes eſta Themura, ou Themancia he de todo prohibida pelos Summos Pontifices, & permittida ſó a parte Arithmetica. A qual Arithmetica tambem à ſemelhança das outras faculdades, de que procede, ſe divide em outras duas partes, que ſe dizem Reſoluçaõ, & Compoſiçaõ. Deſtas diremos quanto pudermos alcançar com proluxo eſtudo, mas em diſcurſo breve.

Thom.  
Garç.

4. Ora da meſma maneyra, que dividiraõ a ſciencia, dividiraõ tambem ſeus profeſſores, chamando a huns Cabalos, a

ou-



outros Cabaleos , & a outros Cabalisticos , deyxando para Cabalos sómente a Moyfés, & Efdras ; & para Cabaleos , & Cabalisticos toda a copia de antigos , & modernos Rabinos. Os quaes segundo o mayor , ou menor credito repartiraõ pelas profições Bresiths, ou Mercana, cõforme a melhor , ou peyor opiniaõ , que delles tinhaõ por sciencia , ou virtude, porque está escrito em o seu livro Alkotere : A Cabala naõ he boa , se o coraçãõ naõ he bom.

Job. Ben.  
Lev. in  
Alkotere

## DA CABALA BRESITHS.

### §. VIII.

I. **E** Sta Cabala Bresiths como fundada em meditaçaõ natural, affirmaõ todos os Authores, q della escrevem, ser huma sciencia justa , & boa , em tudo diferente da falcissima

Cabala, apocrifamente prefilhada, & imposta à doutrina do Santo Moyfés, por cuja razão feu supersticiozo uso he evitado aos fieis pela providencia da Igreja. Pertence à verdadeyra Bresiths a interpretação dos mysterios, que contêm a Santa Escripura, em tal fórma, que muytos varões sabios entendem não ser esta Cabala outra cousa, que o sentido anagogico, que os Theologos Escripturarios tem descuberto, & admittido à cerca do Testamento Sagrado; como bem se conforma com a propria interpretação desta palavra anagogia, de quem diz Covarruvias: Anagogia entre outras significações he hum remontamento subtil, ou huma excelsa, & superior intelligencia. Ou como Dionisio: *Anagogia, & Theoria pro eodem accipiuntur, id est, pro sensu oraculorum mystico, & recondito, qui nos in calum meditando subvenit, propèque Deum cernendum contemplantibus præbet.*

Job. Ben.  
L. vi. in  
Alketer.

Thoma.  
Garg.

Covar. lit.  
C.

Dionis. de  
Cæl. Hier.  
arch cap.

2.



2.º Seu officio he sublimar o pensamento do homem, & conduzi-lo a nova alteza, & contemplaçãõ, conforme ao q̃ lem os: *Beatus vir, qui in lege ejus meditabitur die, ac nocte*, doude deve notar-se, & notãõ naõ sem razão todos os Cabalisticos, que senãõ diz: *Qui legat, nẽ: Qui scribat, nem: Qui loquatur, senãõ, Qui meditetur*, porq̃ da meditaçãõ da ley do Senhor vem toda a sabedoria, como já disse David: *Initium sapientie timor Domini.*

Pfal. 119.

Cedren. in  
Phisic.

3.º Esta sublimaçãõ do humano pẽsamento, se confegue por hum destes caminhos, a que os Cabalistas chamãõ Sechel, Sandalphon, Metatron, aos quaes correspondem Diafanidade, Phantasia, Razão. Porque em o homem imaginaõ elles tres regiões; bayxa, media, altissima. A primeyra entregaõ ao sentido exterior. A segunda ao sentido interior. A terceyra ao juizo humano. E nestes tres estados affentaõ seis differenças, porque

em

Thom  
Cedren. in  
Phisic.

em o primeyro obraõ os sentidos corporeos, & estaõ suspensas as operacões internas da alma; em o segundo cessa o corpo, & começa a alma por onde he chamado homem; em o terceyro cessa a potencia intellectiva, & começaõ as operacões da mente, por onde o homem he chamado Deos ( & mais semelhante a elle ) conforme ao que está escrito: *Ego dixi, Dii estis*: Mas com mayor distincção se dizem estes tres, Sentido, Juizo, Razaõ, cuja differença de especies constituẽ em a Diafanidade, Phantasia, & Mente, pelos quaes estados fazem sobir a Deos as consideraçoes humanas, levantando-as desde as cousas terrestres às celestiaes, das sensitivas às intelligiveis, das mortaes às divinas, quasi por hũa infalivel consequẽcia, ou forçosa ascençaõ do discurso. Pelo que alguns Padres Gregos, & Latinos tiveraõ para si, que a Cabala Bresiths he conveniente, & necessaria para a interpretaçõ.



pretaçã da Biblia, em q pòde fundar a cõ  
mũ sentença dos Cabalísticos referida por

Reuchlino: *Conversare oportet cum Diis.* Reuchl.  
lib. 3. col.  
719. lit. D.

4. Passa a Bresiths a considerar a for-  
ça, & dignidade, & natureza de todas as  
coufas creadas, assim naturaes, como ce-

Sixt. in  
Phisic.

lestes, por onde tambem de algũs he cha-  
mada Física exposiçãõ, muy semelhante

Cedren. in  
Phisic.

à Magia natural, em que Salamão por o-  
bra divina foy taõ eminente, que affirma  
Jorge Cedrenio tomãraõ inteiramente

Div. Hier.

de seus livros os Filofos Gregos toda a  
origem da Medicina, porque nelles (co-  
mo diz Saõ Jeronymo) se explicava por  
altissima disputa, & se descobria por fir-  
missima conclusãõ a qualidade de todas  
as coufas, desde o mais alto cedro, atè a  
erva mais humilde, sem que ficasse ave,  
peyxe, ou animal, cuja virtude alli se naõ  
declarasse. O que tudo tambem da Ca-  
bala Bresiths quizerãõ affirmar os que a  
seguiãõ. De que obrigado Reuchlino, &

favo-

Reuchlin.  
lib. 1o

Joã .i. lib.  
2o. cap. 1o

Isaias.  
3o. cap.

Plat. in  
Crat Mar-  
fil. in Plat.

favorecido dos fabios Hebreos, disse por  
authoridade delles: *Quod ad explicandũ  
virtutem operis de Bresths, carni, & san-  
guini impossibile; & em outra parte lhe  
chamou Auro bono entendendo pelos Ca-  
balasticos aquelle lugar de Isaias: Dig-  
nabor hominem plusquam aurum optimũ.*

5. Entte os Gregos parece sem du-  
vida, que não foy de todo ignorada esta  
Sciencia ( como já dissemos ) sendo muy  
conforme, quando não fosse a mesma,  
com aquella, a quem elles chamãraõ Co-  
moslogia, segundo se colige de alguns lu-  
gares de Plataõ, & principalmente em o  
Dialogo Cratylo cõmentado por Marsi-  
lio Físino, donde ( como adiante vere-  
mos ) pertende assentar a razão Física da  
virtude dos nomes, por sciencia consti-  
tuida entre os fabios Hebreos. Da qual  
affirma Marsilio eraõ elles taõ observan-  
tes, que à sua propria Religiaõ a antepu-  
nhaõ, quando disse: *Scientia nominum nõ  
est*



*est humilis, sed excelsa praecipue divinorum,*  
*hanc sapientes Hebraei tanti fecerunt, ut eam*  
*non modo scientiis omnibus, verum etiam legi*  
*scripta pratulerint; pelo que bem se infe-*  
*re como o uso da Cabala Bresiths lhes fa-*  
*ilitava a intelligencia dos mysterios de*  
*sua Ley, que por ella interpretavaõ, & o-*  
*bedeciaõ.*

## DA CABALA MERCANA.

### §. IX.

1. **A** Segunda parte da Cabala  
 se diz Mercana, a quem  
 Thomas Garçon, & Rebulosa pela seme-  
 lhança que ha entre a letra N, & a letra V  
 chamaõ Mercava, & he aquella sciencia,  
 que deu ao mundo mais que entender, &  
 nos darà aqui quasi toda a materia deste  
 Tratado.

2. Foy entre seus antigos sequazes  
 de

Thom.  
 Garç. in  
 Thea. Dif-  
 curs. 36.  
 pag. 131.  
 Rebulos.

Reuc.lib.  
1. lit. G.

de taõ alta reputaçã, que ainda em seme-  
lhante posto passou delles aos modernos,  
ao que atentando o referido Reuchlino  
no lugar citado, havendo dito q̃ aos hu-  
manos era impossivel louvar as opera-  
ções da Cabala Bresiths, accrescēta: *Quã-  
to magis de Mercava?* Porque tiveraõ, &  
veneráraõ elles esta Sciencia, por huma  
Theologia orfica, & simbolica, a qual por  
alta contemplaçã da Divina, & Angeli-  
ca virtude os instrua da pronosticaçã  
do futuro, sem que a seu parecer se des-  
viassem da scientifica verdade.

3. O Tinha por objecto os sagrados  
nomes de Deos, atè o numero decimo  
nesta maneyra. O primeyro Ensof. O  
segundo Hiels; & assim seguindo a ordẽ  
numerativa: Emeth, El, Elohim, Eloha,  
Sabaoth, Elahe, Sadai, Adonay; aos quaes  
respondem simbolicamente: Coroa, Sa-  
piencia, Prudencia, Clemencia, Severi-  
dade, Ornato, Triunfo, Labor, Funda-  
mento, Reyno. Estas



4. Estas faõ as dez numerações ( dizem elles ) que nõs os mortaes concebemos de Deos, ou effencias, ou peffoaes, ou cõmuas., deduzidas dos dez nomes, que demonftramos. De maneyra, que ao nome Enfoph primeyro em ordem dos dèz, occorre simbolicamente Coroa, & he o proprio, que differaõ os Gregos Alpha, & Omega, principio, & fim; & daqui deduziaõ a sentença: *Enfoph Corona Regni omnium.* Pelo que à dignidade deste nome eraõ subalternadas todas as cousas Regias, Mortes, Vitorias, Transmigrações de Imperios, Ligas, Pazes, Guerras, & successos femelhantes, que tudo deduziaõ do nome Enfoph. E pelos mais repartiraõ todos os humanos effeytos, segundo a intrinseca dignidade, que em o tal nome consideravaõ; da qual dignidade, ou attributo ( tinhaõ para si ) havia na voz humana, procedido aquelle tal nome. Como em Roma se chamou Scipiaõ

Afri-

Africano por razão de haver triunfado da Africa ; ou tambem , porq da propria vocaçõ de Deos se aprendesse o nome, com q queria ser invocado, como quando de si disse: *Ego sum Alpha, & Omega.*

5. Igualmente se valia esta Cabala Mercana dos nomes dos Santos Anjos Michael, Gabriel, Rafael, Zadkiel, Raziel, Maethiel, Oriel, Peliel , & outros de que a Sagrada Escripura fas mençaõ ; dos quaes nomes tambem à imitaçaõ dos de Deos produzia suas enumerações em virtude da significaçaõ intrinseca , que segũdo o rigor da palavra Hebreá, nelles consideravaõ.

6. Ajudava-se não menos em algũa maneyra dos santos sinaes , & se servia por modo interpretativo , não só de nomes, mas de letras , numeros , & figuras, como iremos mostrando ; ao que tambem se accrescentava a observaçaõ de caracteres, linhas, pontos, & accentos. O q  
 tudo



tudo se inclue na virtude da figura, que he huma das quatro partes de seu mysterio.

7. E porque não pareça redicula esta observação he de saber, q a lingua Hebraea foy taõ frequente nestes segredos, que os não desprezaraõ, antes muyto se valeraõ delles para a intelligencia da Escripura Santa aquelles primeiros Padres, que no lá interpretáraõ. Porque a exposiçãõ notoriaca, q em beneficio da Igreja usou Santo Epiphanio, S. Jeronymo, S. Isidoro, Estratonico, Suidas, & outros famosos Interpretes toda depende da observancia daquelles simbolos, & sinaes, que nos idiomas Hebreos, & Gregos ainda achamos hoje, como he o Aprile, Gehenon, Dfaulos, Ecclifis, Zitima, Mellon, Xenion, Uranion, Gnuema, Triopos, Ypsilon, Ypogramenon, Character, Diplos, Segor, Pethach, Hauron, Antira, Anyranos, Astericus, Obelus, Metobelus,

S. Epiph.  
S. Hieron.  
S. Isidor.  
Strat.  
Suid.

belus ; Cauranion ; Agnostigmenon , Li-  
 miniscus , Subliniscus , Antigraphus , An-  
 tissima , Oryphia , Dypla , Peristigme , Sili-  
 cus , Nechudot , que todos na Trãslaçaõ ,  
 & interpretaçaõ do divino Texto fazem  
 consideravilissimo mysterio , recebido ,  
 usado , & inculcado pelos Santos , & Pa-  
 dres da Igreja.

DAS PARTES DA CABALA

*Mercana.*

§. X.

**J**Ao diffemos em quantas par-  
 tes se dividia a Cabala Mer-  
 cana , a saber , em Sephirod , &  
 Semod : & porque a Sephirod he a prati-  
 ca de que naõ havemos de usar , nem es-  
 crever ; & a Semod a especulativa , de q  
 só havemos de dar alguma noticia , profe-  
 guimos com ella , & sua divisaõ em Ari-  
 thme-



thmetica, & Themancia, ou Themura, da qual tambem nos desviaremos por razão de seu perigo, & só haveremos de tocar lá em o fim deste Tratado, o que for necessario a descubrir a falcidade, & mēdacia de tal observação; agora nós fica para discorrer àcerca da Cabala Arithmetica, já como havemos visto, dividida em Resolução, & Composição, que são as duas partes de que trataremos mais fundada, & curiosamente.

2. He a Cabala Arithmetica aquella a quem tambem chamão elementaria, & seu fim ( principal objecto da Mercava ) inquirir, & interpretar alguns divinos segredos em virtude de nomes, letras, numeros, & figuras, dos nomes de Deos, & dos Anjos; das letras de q̄ constaõ esses nomes; dos numeros, que essas letras significaõ; das figuras destes numeros, & letras; & alguns outros finaes raros, & indeclinaveis.

3. Differe da condenada Themancia, em que a Themancia tem por objecto o bem, ou o mal do homem, dizendo erradamente seus sequazes, como af-

Valle de  
Mour. fef.  
2. c. 5. n. 2.

firma o Doutor Valle, q' o Anjo Raziel ensinára a nosso primeiro pay Adaõ: *Magicam scientiam quâ scire, & posset advocare Angelos bonos ad bene faciendum, malos autem ad male operandum.* Mas a Arithmetica sómente se encaminha a discifrar quanto humanamente for possível, segredos, que resultem em louvor da altíssima providencia de Deos, commodo, & descanço dos homens.

4. Porém ainda suppondo, que o fim da Arithmetica se encaminhe a obra de Fè, & piedade, muytos varões grandes julgaõ por de pouco fundamento sua elementaria disposiçaõ, de cuja validade não disputo, nem farey mais, que com tanto estudo, quanto a materia pede, referir as razões, com que os Cabalisticos

com-



comprovaõ o vigor de sua Sciencia: & quando a seus argumentos se ajunte alguma particular observaçaõ nossa, entẽ-desse que se naõ trãs mais, que em graça do que se refere. Digamos agora da Cabala elementaria por via de resoluçaõ, & depois diremos por via da composiçaõ.

### DA CABALA RESOLUTORIA.

#### §. XI.

**I.** Chama-se Cabala resolutoria aquella, que separando em algumas dicções as letras hũas de outras, fas que mostre cada letra por si mesmo algum mysterioso sentido.

**2.** Declara-se, & se illustra este modo resolutorio com o exemplo, que escreve S. Jeronymo sobre o terço iro livro dos Reys, onde se lem estas palavras de David a Salamão: *Habes quoque apud te*

D. Hiero-  
nim. in lib  
Reg.

D iij

Semei

*Semei filium Gera filii femini de Bahurim, qui maledixit mihi maledictione pessima.*

2. Esta dicção ultima, *Pessima*, se explica pela Cabala resolutoria ( & por ella mesmo se declara ) nesta maneyra: a palavra *Pessima* se diz no Hebreo *Nimrezeth*; & consta de cinco letras Hebraicas, que são *Num*, *Men*, com que se fas *Nim*, porque o *N* leva consigo o som do *I*, & assim fas *Nim*. *Rez*, *Zaddi*, da mesma maneyra, & fica em as quatro letras denotado *Nimreze*. Tem mais o *Thau*, quinta letra, que leva consigo o *H*, de sorte, que com estas cinco letras juntas, *Num*, *Men*, *Rez*, *Zaddi*, *Thau*, se denuncia em o rigor Hebreo a palavra *Nimrezeth*, ou *Pessima* em Latim: E então diz S. Jeronymo, chamaraõlhe *Num*, que significa *Neoph*, que he adultero, improperando a David com a memoria do adulterio; chamaraõlhe *Men*, que significa *Moabita*, notando-o de geraçãõ Moabita, infiel, & inno-



innobil ; chamaraõlhe *Rez* , que significa *Roseba*, isto he homicida, pelo injuriar com a memoria da morte de Urias ; chamaraõlhe *Zaddi* , que significa leprozo, como David parecia, quando desterrado do Reyno fugiaõ delle todos , como de pessoa contagiosa ; chamaraõ *Thau* , que significa *Thoeva*, que he abominavel, dãdolhe a entender, que a Deos , & aos homens era pelas ditas culpas aborrecivel.

4. Santo Agostinho , Saõ Cypriano , & Beda trazem outra observaçaõ , q̃ tambem pertence à Cabala resolutoria, entendendo que aquelle famoso Tetragrãmaton do nome Adam , se comprehende pelas quatro letras , de que elle se compoem. A. D. A. M. as quatro partes do Mundo, das quaes Deos tomou a terra, que amaçou para a fabrica do primeiro homem Adam , a fim de mostrar que queria que fosse de toda a terra , & a toda a terra tivesse por sua o homem, que de

Div. Aug.  
D. Cypri.  
Beda.

toda a terra do Mundo era formado ; af-  
fim o differa antes destes Santos a Sybila  
em o segundo Oraculo por estes versos.

Sybil: O:  
rac. 2o

*Nimirum Deus is fingit Tetragramaton*

*Adam,*

*qui primus factus est, & qui nomine com-  
plet*

*Ortumque, Occasumque, Austrum, Bo-  
reamque regentem.*

Porque do primeyro *A* se entende *Ana-  
talim*, como chamavaõ os Gregos ao O-  
riente. Pelo *D* se interpreta *Dysin*, que  
quer dizer Occaso. O segundo *A* se tem  
por *Aakton*, que he o Setentriaõ. O *M*  
se explica *Mesymbrian*, que he o Meyo  
dia.

5. Da propria sorte se estende a Ca-  
bala resolutoria à interpretaçãõ das dic-  
ções, como à das letras, quãdo cada dic-  
çãõ por si mesmo pode comprehender  
alguma escondida sentença. Por esta cõ-  
tra se poem aquella famosa interpretaçãõ  
do



do Profeta Daniel a Balthesar Rey de Babilonia, que se refere no Livro de Daniel. Porque sendo tres sómente as palavras, q' o dedo debuxou na parede: *Mane, Thecel, Phares*, não foraõ pelo Profeta trasladadas em continua oraçaõ, antes expostas divisamente, achando a cada qual feu mysterioso sentido: como se lè na Escritura Sagrada. Porque o *Mane*, interpretou independente: *Numerauit Deus regnum tuum, & complevit illud.* O *Thecel* tambem fem companhia interpretou: *Appensus es in statera, & inventus es, minus habens.* O *Phares* por si só interpretou: *Divisum est regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.*

Daniel  
cap. 5.

6. Porém ainda sendo necessario termos, & confessarmos, conforme confessamos, & temos, que Daniel como Profeta Santo, nesta, & em outras varias explicações, que delle se lem, fallou sempre alumeado pelo espirito de Deos (cô-

tra

tra o erro de alguns , que só à sciencia , & observação humana quizerão adjudicar estas maravilhas ) toda via , nem por esta razão fica defraudada a opinião desta Cabala resolutoria ( quanto ao modo por q obra ) quando pelos referidos exemplos vemos illustremente abonado seu uso, mostrando-se com provas infalíveis , como por letras, & por nomes foraõ no antigo Testamento explicados importantíffimos segredos, que nos nomes, & nas letras se continhaõ fechados com a chave da escuridade , que não deyxava penetrar o intimo de sua significação ; com o que podemos entender, que de alguma femelhante maneyra a Providencia Divina poderá , & saberá subalternar à sciencia humana outros nomes, ou finaes , em que se deposite alguma interna virtude, quando da exposição delles resulte conveniencia à sua Igreja. O que devemos esperar em termos licitos , & não com a teme-



temeraria liberalidade com que os Rabinos quizerão abrogar-se por modo de sciencia o proprio poder , que por modo de graça foy a Daniel concedido. Dizendo errados , & irroneos , que assim como a Daniel fora decente produzir huma sentença de cada dicção , accrescentando, & dividindo as palavras escritas a Balthesar, assim lhes era a elles licito interpretarem os lugares da Escritura com semelhante liberdade; não vendo ( como cegos sempre em tudo ) que do particular dom cõcedido de Deos a Daniel não se podia seguir huma universal licença , & authoridade , para que cada hum por si mesmo possa diminuir, alterar, ou accrescentar as palavras das Escritura Santa, de cuja legal contextura pendem as importantes verdades divinas, & humanas.

## D A C A B A L A C O M P O S I T O R I A .

## §. XII.

I. **C**Hama-se Cabala compositoria o segundo modo de explicar, que tem a Arithmetica ; o qual he, quando com nova ordem se cõmutaõ, & transferem humas por outras as letras de qualquer dicçaõ, formando dellas diferentes sylabas, vozes, & sentido, do q̃ antes tinhaõ, como se vè na profana erudiçaõ de Gregos, & Latinos, & hoje na dos vulgares em aquelle genero de simbolo compositorio, que chamão Anagrama, cujo nome bem significa o officio da compositoria, sendo elle composto de duas vozes Gregas, *Ana*, proposiçaõ de movimento, & *Gamma*, que he letra ; mostrando assim, que movendo-se as letras, tirando-a de hum lugar, &

pon-



pondo-a em outro faraõ nova sentença: & nestas taes composições florecem hoje os Francezes sobre as mais nações amantes das boas letras.

2. Este modo da Cabala compositoria semelhante ao da resolutoria se declara, & ennobrece muyto com outro lugar de S. Jeronymo explicando a Jeremias. Donde o Santo Doutor he de parecer que havendo o Profeta de intimar da parte de Deos a Nabucodenofoz o castigo, que determinava darlhe (figurado no Caliz, que mandava beber aos impios Reys) começou ameaçando aos de Egypto, & da terra Ausitidis, & Philistim, Afcalonia, Gaza, Acaron, Azon, Idumea, Moab, Tiro, & Sidon; aos Reys Insulanos; & aos Danthema, Bus; & a todos os de Arabia, & Occidente: os Zambros; os de Elam; os Medos; & a todos os do Achilo, longe, & perto: & quando depois de taõ notavel apparatus (o qual parece,

rece, que por lhe facilitar o perigo pos diante ) houve em fim de fallar Jeremias na destruição de Babylonia, por não concitar contra si inutilmente a indignação do Rey barbaro, usou de tal arteficio, que converteo (segundo a regra compositoria) o nome de Babel de quẽ queria profetisar, em o nome de Sefach, que em lugar de Babel sentenciou, dizendo: *Et Rex Sefach bibet post eos.* Mostrando assim com alto mysterio, que pela palavra Sefach, se devia entender, & dava a entender Babel, & não Sefach, que tal Reyno não havia então em o Mundo.

Hieron.  
cap. 25. n.  
27.

3. A prova disto he, que se nõs lessemos por ordem o alfabeto Hebraico, começariamos em Aleph, como os Gregos em Alpha, & em As os Latinos; & acabariamos em Thau, como em Omega os Gregos, & os Latinos em Zeta. Porém se alterando o periodo cõmum dos alfabetos lessemos o dos Hebreos transpondo-o,



pondo-o, & forteando-o, quando o fazemos ler aos moços quando aprendem, para mayor desembaraço, & exercicio da memoria, achariamos, que assim como regularmente em o nosso A B C, corresponde o A ao Z, o B ao X, o C. ao V, o D ao T, o E ao S, o F ao R, o G ao Q, o H ao P, o I ao O, o L ao N, & fica sem parilha a letra M; assim pela propria ordem em o alfabeto Hebraico fica no meyo sem alguma parilha, ou companhia a letra Lamed, da qual vindo hũa ves atrás, & passando outra adiante, para buscar praceyra ( como na ordem proposta a pontamos das letras Latinas ) ocorre a letra Beth, & as mais seguintes, que fazendo de hũa maneyra Babel, fazem da outra Sefach, segundo a ordem, porque à letra Lamed se lhe busca anteposta, ou posposta outra letra com que vogue, pela maneyra, que em São Jeronymo se acha magistralmente exposto.

E não

4. E não pareça este modo de exposição elementaria da Cabala compositoria deduzido tão violentamente, que se não haja admittido pelos Doutores Ecclesiasticos muytas vezes em algũs lugares escuros, que com outro sentido não podéraõ interpretarse; ou ainda em aquelles, que sendo interpretados de outra maneira não excluem a interpretação elementaria, como se vê em outro famoso lugar do Apocalypse, onde fallando São Joaõ do Antechristo, como alli entendem todos os Interpretes, diz assim:

Apocal.  
cap. 13. n.  
18.

*Qui habet intellectum, computet numerum bestia, numerus enim hominis est, & numerus ejus sexcenti sexaginta sex.* Das quaes

D. Irin.  
Hypolit.  
Ar. n.  
Ticon.  
Parmas.

palavras, numeros, & sinaes, São Ireneo, Hypolito, Aretha, Ticonio, & Pramasio deduzem o nome, q̄ haverá de ter o Antechristo: hũns dizem que se chamará Teytão, quasi gigante; outros Aateinoe, que quer dizer Latino; outros An-  
temos,



temos, que val soberbo, porque somando o valor dos numeros, que significão todas as letras, de que estes nomes se cõpoem, vem cada hum por sua via a somar o numero de 666. como diz o Espirito Santo: *Et numerus ejus sexcenti sexaginta sex*; q he o final proposto aos varões de juizo para conhecimento da besta Antechristo, de que no Apocalypse tantas vezes se falla.

5. Mas Anio Viterbo interprete de Beroso Chaldayco he de parecer, que pelo proprio numero 666 se denota, & so letra o nome Mafoma. Donde Pererio trazendo em seu favor a Nicolao de Lira, tem para si, que não só os numeros reduzidos a letras significão esse nome Mafoma, mas que estas proprias letras, que dos numeros se produzem, produzem tambem em si outros numeros, que denotão os annos da duraçã da seyta Mahometana: assim o sente S. Antonino de Florença,

Anio Vi:  
terb. in  
Berof.

Bened:  
Perer:  
Nicol. Li:  
renç

S. Anton

Genebr.  
Clotov.  
Burgens.  
Aureol.

rença; Genebrardo, Clotoveo, Lucas Burgense, & Aureolo; sendo tambem não poucos os Authores, que verificação em o nome de Luthero os mesmos numeros, & as proprias letras, como refere

Matut. in  
Triumph.  
part. 1.

Matute.

6. Escurissimo, mas de grande utilidade à intelligencia desta Doutrina, he outro lugar, q os Cabalos observão em aquelle famoso Tetragrãmaton I H V H  $\aleph \lambda \nu \eta$ ? que Deos de si inculcou a Moysés, para nome de sua eternidade, quando lhe disse: *Hoc est nomen meum in aeternum, & hoc memoriale meum in generatione, & generationem*: em o qual nome, ou letras delle são tantos os mysterios, q se descobrem, que juntamente lhe chamáraõ os Gregos,  $\text{ΑΥΕΝΙΑΥΥΕΣΤΟΣ}$  isto he: *Non vocatus*; porque nelle se denota Cabalisticamente o numero 72. & neste numero infinitos mysterios, como veremos nesta maneyra.

Exod. ca.

He



7. He de saber, que pelo valor positivo dos Hebreos val a letra Jod, que he a primeyra do Tetragrãmaton I H V H 10; o primeyro He, que he a segunda letra val 5. a letra Vau, que he a terceyra val 6. & o segundo He, que he a quarta val outros 5. os quaes numeros somados todos juntos fazem 26. Mas somando se sempre hum valor sobre outro, valerão as proprias letras deste Tetragãmaton 72. como faremos, dizendo assim: Se o Jod val 10, o Jod, & o He val 15, o Jod, & o He, & o Vau val 21, o Jod, o He, o Vau, & o He ultimo val 26. Logo 10, 15, 21, & 26 valerão 72. Do qual numero 72 procedem entãõ aquelles 72 nomes de Deos, que se deduzem do proprio Tetragrãmaton, que são: 1. Vehuiah, 2. Jeliel, 3. Sitacl, 4. Elemiah, 5. Mahafiah, 6. Jelaeh, 7. Achaiah, 8. Cethel, 9. Haziell, 10. Aladiah, 11. Paviah, 12. Hahaiah, 13. Jazafel, 14. Me-

E ij                      bahel,

bahel, 15. Hariel, 16. Hakamiah, 17. Lo-  
 viah, 18. Caliel, 19. Leuviah, 20. Pa-  
 haliah, 21. Nelehael, 22. Jeiafel, 23. Me-  
 lahel, 24. Haiviah, 25. Nithhaiah, 26.  
 Haaiah, 27. Jezalel, 28. Seechiah, 29. Re-  
 iael, 30. Omael, 31. Lecabel, 32. Raza-  
 riah, 33. Jehuiah, 34. Lehahiah, 35. Cha-  
 vakiah, 36. Manadel, 37. Aniel, 38. Ha-  
 amiah, 39. Rehael, 40. Jeiazal, 41. Ha-  
 hahel, 42. Michael, 43. Vevaliah, 44. Je-  
 lahiah, 45. Seaaliah, 46. Ariel, 47. Afa-  
 liah, 48. Michael, 49. Vehuel, 50. Da-  
 niel, 51. Hahafiah, 52. Imamiah, 53. Na-  
 nael, 54. Nithael, 55. Mebahiah, 56. Po-  
 iel, 57. Nemamiah, 58. Icialel, 59. Ha-  
 rael, 60. Mizarael, 61. Umabel, 62. Jah-  
 hahel, 63. Anuel, 64. Mihiel, 65. Dama-  
 hjah, 66. Mavakel, 67. Eiael, 68. Habu-  
 iah, 69. Rochel, 70. Haiael, 71. Jaba-  
 miah, 72. Muniah. Os quaes com tre-  
 mor, & temor eraõ nomeados.

8. Porque os Hebreos denotando



attributos altísimos de Deos por estas duas particulas, El, & Jah os significavaõ de tal modo, q guardáraõ sempre a particula Jah, para quando queriaõ nomear a Deos benefico, como se vê na versãõ Hebraea, porque donde S. Jeronymo diz: *Si iniquitates observaveris, Iah Domine, quis sustinebit;* & quando fortissimo o denunciavaõ pela particula El; o que tambem se vê em aquelle lugar dos numeros, donde dizem os Rabinos: *Fortissimè El, Deus* Num. cap 16. n. 22. *Spirituum omnis carnis, num uno peccante contra omnes ira tua deserviet?* Da propria maneyra, que os Romanos ao seu Jupiter chamavaõ optimo maximo; pela bondade, optimo; pela fortaleza, maximo; segundo se lê em Marco Tullio. Tull. in orat. ad P. pro Domo sua.

9. E daqui se toma a razão, porque todos os nomes dos Santos Anjos, que se escrevem na sagrada Pagina acabaõ em a particular El, como vemos em os Archãjos Michael, Gabriel, Raphael, & em os

Exod. cap  
23.

Anjos Raziel, Jophiel, Zadkiel, Peliel, Malthiel, Virel, & outros. Donde se entende aquella lugar do Exodo: *Ecce ego mito Angelum meum: a qual clausula acaba em estas palavras: Audi vocem ejus, ne exacerbaveris eum, quia non ignoscet sceleribus vestris, quoniam nomen meum est in illo.*

10. Estes 72. mysteriosos nomes comprehendidos no grande Tetragramaton I H V H, se denotaõ todos por outro naõ menos mysterioso nome, que os Hebreos dizẽ Semhammephora, o qual abraça o valor de todos, & em cuja virtude se incluiaõ notaveis maravilhas, que algumas tocaremos, quãdo fallarmos do vigor, que ha, ou pòde haver em os nomes. Aqui tambem se prova aquella notabilidade observada dos sabios, & quasi universalmente conhecida; que o nome ineffavel de Deos, como por ley natural, em todos os idiomas do Mundo he Tetragra-



tragramaton, & consta de quatro letras, que foy sem duvida a causa de que os Hebreos chamassem santas a estas quatro letras I, H, V, H, de que consta o nome divino Jeova.

II. Esta taõ alta maravilha, argumenta, & prova Marsilio Fesino, naõ podia obrarse se naõ por ordem sobrenatural, & divina; cita o seu Commentario in Philebum, & diz de si: *Ubi probatur, non potuisse in hoc uno gentes omnes, non nisi divinitus convenire.* Porque se bem observamos o Divino nome, segundo o proferem as mais das gentes do Mundo, veremos papalvemente esta verdade. Os Judeos lhe chamáraõ *Jeova* por I H V H. os Caldeos Eloha, os Syros Eloa, os Ethiopes Amlau, os Assyrios Adaõ, os Gregos Theos, os Egypcios Theut, os Persas Syre, os Latinos Deus, os Italianos Idio, os Hespanhoes Dios, os Lusitanos Deos, os Francezes Dieu, os Alemães Godtt,

Mars. Fi.  
fin. in Phi-  
lth.

os Flamengos Goth , os Inglezes Gotd ,  
 os Mogores Orfi , os Polacos Pevag , os  
 Dalmatas Bogi , os Sarracenos Abgd , os  
 Mouros Allà , os Indios Zimi , os Vala-  
 chos Zeul , os Lingenos Odel , os Hun-  
 garos Iiten. E ainda que barbaramente  
 os Biscainhos lhe chamaõ Jamgascoa ob-  
 fervaõ a propria ley do Tetragramaton,  
 porque rigorosamente faõ quatro letras,  
 Jam, gas, co, a, as de que consta este no-  
 me.

12. Omittimus com razaõ outros  
 exemplos, como o do nome Mefiha, que  
 se denota pelo numero 398. & alguns se-  
 melhantes ; porque deyxando com suffi-  
 ciencia , & claridade exposto o que dize-  
 mos, todos os mais exemplos , argumen-  
 tos , & provas naõ servem a doutrina, nẽ  
 authoridade do que se trata ; & faõ só-  
 mente humas vans escumas produzidas  
 da vaydade de erudiçaõ , com que Au-  
 thores de ordinario confundem sua dou-



trina com reprehensíveis demasias ; vicio muy semelhante ao Pleonafmo aborrecido dos Gregos , & peccado mortal contra a pura eloquencia de qualquer lingua.

## DOS ARGUMENTOS,

& respostas , àcerca da Cabala

*Elementaria.*

### §. XIII.

I. **A** Inda, que pareça, que com excessiva digressão nos desviamos da ordem , que levamos nesta escriptura , bem se conhecerá naõ havemos perdido de vista os termos da Sciencia, q̄ escrevemos; assim apanhandonos em sua pratica todo o possível , será razaõ , que logo depois de havermos , como havemos dito , que esta Cabala, ou Arithmetica se serve de nomes, letras, numeros, & figuras , já por modo resolutorio , já por mo-

modo compositorio. Vejamos quaes saõ as razões com que se prova, & impugna a virtude, ou valor intrinseco desses nomes, letras, numeros, & figuras.

2. Para o que he de notar, que supposto naõ esteja atè hoje assentado firmemente entre os Authores a qual dos idiomas toca a propriedade, sendo huns de parecer que ao Chaldayco, outros que ao Hebrayco, & alguns que ao Areneo, co-

Valle de Mour. let.

2. cap. 5. n.

4.

mo affirma o Doutor Valle: *Hebraicam non fuisse primam, sed Araneam doctissimis placet.* Todavia, como aquelle povo Hebrayco, em quanto seguidor, & observãte da verdadeyra ley, foy quem mais que outro alcançou a cõmunicaçãõ Divina, & Angelica, mereceo que seu idioma fosse chamado Santo, Angelico, & Celestial, com premissas de que na republica da Igreja triunfante haja de ser usado depois da final Resurreyaõ. Alcançou assim mesmo, que nelle fallasse Deos aos

San-



Santos Patriarcas, & os divinos Oraculos de suas vozes se servissem para ministrar preceytos, & respostas aos homens, como sobre os mais discorre Genebrardo. Donde parece, que justamente se infere, & affirma, que este mysteriozo lingoagem contem em suas palavras, letras, numeros, & figuras, huma virtude unica, intrinseca, naõ igualada, nem cõmunicada a outro algum idioma do Mundo. Pela qual razaõ se naõ deve querer regular o vigor della pelas regras cõmuas Filosoficas, & naturaes, que cõprehendem todos os mais idiomas.

3. Porèm os que tem a parte negativa contradizem tanto a lingua Hebræa como as mais, a Física virtude das palavras, & conseguintemente a das letras, numeros, & figuras; dizendo, que aquella aptidaõ affirmada dos Hebreos à sua lingua, naõ pòde ser essencial, por quanto qualquer palavra, naõ he mais que hũ  
 final

Genebr:  
 ad tit. Pl.  
 50.

final ex instituto, constituido voluntariamente de acordo dos homens, para significação destas, ou daquellas cousas, sem algum merito da parte da palavra, para poder Fisicamente explicar, & denotar, aquella propria cousa, que por ella se explica, & se denota.

4. Isto declaraõ melhor com hum exemplo affás facil. Porque se agora em modo Cabalístico tomassemos esta palavra, Si, que em Castelhana val sim affirmativo, significaria por via do numero a quantidade sincoenta & hum em ordem ao valor, que está constituido à letra S, & à letra I, que fazem a palavra Si. Porém esta propria palavra Si em outra qualquer lingua, que não seja a Hespanhola, não significaria a palavra si affirmação. Porque para dizer esta affirmação Si em Tudesco, era necessario que dicesse Yo; em Frances Hui; em Ingles Ois; em Flamen-go Ya; em Biscainho Bay. Donde dizem  
está



está claro, que a virtude significativa não pôde ser Física, & natural da palavra, se não moral, accidental, & transitoria, em que não ha existencia importante de algum effeyto.

5. Ao que os Cabalísticos respondê, não obsta q̄ esta tal virtude em os nomes incluída (principalmente em os de suas palavras) deyxer de ser universal para que deyxer de ser virtude; antes inferem desse proprio argumento o mayor valor da lingua Hebraea, da qual dizem, que estão em seu primeyro vigor, todas as palavras, livres, & purgadas dos accidentes da variedade, & impropriedade, que se pegou às outras linguas, pela original confusão dos idiomas, a qual (defendem elles) não prejudicou nunca à intrinseca significação da lingua permitiva. Como se por exemplo, ainda que olhando-se hum homem a hum espelho donde seu rosto effivesse afigurado, viesse outro, & rompesse

Marfil.  
Fifin. in  
Plat.

peſſe o eſpelho , & a figura , nem por iſſo o roſtro verdadeyro do homem ficaria prejudicado. Eſta opiniaõ tem para ſi Marfilio Fifino affirmando , que *Non eſſe ex Habrea lingua in alium transferenda, ſed in ſuis ipſis caracteribus conſervanda.* Da meſma maneyra entendem , que ainda q os mais Idiomas humanos foſſem copias, ou imagens do Hebraico , nem porque elles participaraõ daquella grande confuſaõ , que os fez varios , & incertos , a elle offendeu, ou chegou algũa parte ao Idio- ma primitivo , que ſe ficou puro , & in- trinſecamente ſignificante, como ſe tal confuſaõ , & variedade ſenaõ padeeſſe. Entendendo , que em ſua lingua aſſiſte, & ſe conſerva a propria energia, & effica- cia, com que Adam por infuſa ſciencia, & providencia deu nome a todas as couſas ſenſiveis , & inſenſiveis. E que em ſuas palavras ( tambem à maneyra do Eſpe- lho ) reflectaõ, & redundãõ as virtudes, & pro-



propriedades das cousas , a que servem,  
ou que por ellas se denotaõ.

6. Da propria maneyra contra o ar-  
gumento aduerso natural oppoem outro,  
dizendo , que naõ se podendo negar tem  
em si a Pederneyra fogo intrinseco, nem  
porque elle se naõ veja ao golpe do ma-  
deyro, ou do cordel, se poderá dizer, que  
ella naõ inclue virtualmẽte fogo em suas  
entranhas , & daqui querem seja bastante  
a particular aptidaõ de suas palavras em  
seu idioma, porque se possa dizer, & affir-  
mar , que as palavras saõ capazes de vir-  
tude fisica , & intrinseca , que nellas se  
considera, sem que lhes obste a limitaçaõ  
de que em outras linguas importem dif-  
ferente significado. Diffinindo-a tambẽ,  
& affirmando , que a virtude da palavra  
he diversa cousa do significado della. E  
que a significaçaõ pòde estar em o nome,  
como accidente , & a virtude como sub-  
stancia. Ainda que tambem confessaõ,  
que

que a significação he huma das virtudes do nome.

7. Porém porque a oppugnação ordinaria he universal contra toda a virtude dos nomes, & palavras; darey igualmente algumas das razões com que defendem pela parte affirmativa, por mais que a profundidade desta questão toque antes à Filofia, que à curiosidade.

### DA VIRTUDE DAS PALAVRAS.

#### §. XIV.

1. **R**Ecebida he de todos aquella cõmua sentença, que affirmá haver deyxado Deos sua virtude, *In verbis, in herbis, & in lapidibus*; das ervas, & das pedras pouco, & poucos duvidáraõ, porque a experiencia aparta qualquer argumento contrario. He logo só contra as palavras ( como já mostramos )

toda



toda a força das oppunações. Mas a doutrina Platonica assiste de boa vontade a confessar a virtude dellas , como se vê de Plataõ em o Dialogo intitulado Cratylo, donde introduz pela doutrina moral a Socrates , pela Física a Cratylo seguidor de Heraclito, pela Metafísica a Hermogenes discipulo de Parmenides ; do discurso da qual disputa se colige ser Plataõ de parecer que da propria maneyra , que os objectos ministraõ à vista aquellas especies, por onde são vistos , & conhecidos, pelo que em si he cada hum delles , com real differença , & distincção de huns , a outros; assim tambem os nomes , letras, numeros , & figuras , mandaõ outras invisiveis especies ao entendimento , pelas quaes são delle comprehendidas , em tal modo, que hum nome, huma letra, hum numero , & huma figura se propoem diversamente à imaginação do que outra figura, numero, letra, & nome. Porque

F

assim

assim como a letra, ou figura somministra aos olhos algumas especies da fôrma cõ que he composta, & da materia de que he fabricada, & humas seraõ diferentes das outras para mostrarem a distincção de fôrmas, & de materias, que pòde haver entre humas, & outras letras, & figuras, assim os nomes, & os numeros ministraraõ ao entendimento algũas especies de bom, ou de máo, de vil, ou de nobre, de muyto, ou de pouco, de composto, ou de simples, pelas quaes especies o entendimento logo comprehenda, & logo distinga o nome, & o numero, fazendo verdadeyro conceyto, do que he cada coufa, que pelo nome, ou pelo numero se significa. Como por exemplo aquella, que nomeasse Homem necessariamente faria entender Varaõ: aquella que dicesse Lusitania, logo faria entêder Provincia: aquella, que numerasse mil, logo faria comprehender quantidade; & o que

con-



cõtasse partes, logo faria denotar divisaõ.

2. E supposto, que estes effeytos do conhecimento, ou do conceyto produzido da palavra, parece, dependem de q̃ ella seja havida por aquella tal cousa, que significa, & assim se torna a envolver esta prova com a questaõ primeyra de que sejaõ as palavras sinaes positivos ex instituto, nem por isso desfallece a força da prova desta doutrina, porque já dissemos, naõ necessitarem de universal significação as palavras para comprehenderem virtude algũa, bastando para que se lhe naõ negue a particular aptidão, que nellas haja, a exprimirẽ particularmente a virtude de seu significado, como diremos, q̃ porque hũ cego deyxã de ver huma torre, naõ deyxã ella de ser torre, porque naõ he vista; assim tambem naõ deyxará a palavra de incluir virtude, para este, ou aquelle effeito, por deyxar de ser entendido seu significado, deste, ou daquelle, que a naõ entendem.

3. Esta doutrina em quanto senão oppoem ao melhor sentimento, & se por ventura não encontra mais que algum primor de Filosofia, differente, parece, q̄ não he digna de desprezo, antes por sua subtileza de muyta aceytação, porque os exemplos moraes em boa parte a facilitão, & a especulação Filosofica poucas vezes a desampara.

4. Assim discorrendo mais formalmente quanto à força das palavras, nós vemos que nellas ha huma efficacia activa produzidora de notaveis effeytos no coração humano. Por cuja consideração

Plat. in  
Cratyl.

affirmou Plataõ, que assim como nas palavras havia virtude para curarem o animo de suas payxões, a devia haver para curarem o corpo de seus humores, sendo cousa escuzada prova, & alhea de contradicção, que a palavra da injuria logo produz furor, a de cortezia applauso. Vemos, que a affirmação socega, a negação

altera.



altera. A razão he, porque a payxaõ espirital reverbera na palavra, seja verdadeyro, ou falso o affecto, de que se produz; porque assim como nosso espirito se move pelo que ouve, assim se declara pelo que diz, cõunicando os conceyτος às palavras, aquella propria, ou semelhãte virtude, que os affectos cõunicaõ aos conceyτος por alguma subtil parte de espiritalidade individual da palavra, que a componha sempre atè se imprimir em o animo alheo, por modo passivo, & nelle traspassa hũa semelhante payxaõ a aquella, de que foy produzida. Donde vemos, que a palavra, que procedeu do espirito irado, logo produz ira; & do benevolo, benevolencia. O que se obra pela semelhança das mentes humanas, que na aptidãõ comprehensiva não são differentes. Donde succede encontraremse algumas vezes os homens em palavras, & conceyτος, quando discorrem sobre hum pro-

prio fugeyto, cujo conhecimento muyto nos facilita para entendermos a virtude da palavra fificamente. Porque coufa he racional a transferencia dos affectos, por meyo das palavras, quando à mente activa, & à passiva faõ communs as proprias payxões, de amor, ou ira, & todas as mais, de que he theatro o coraçãõ humano.

5. Isto se vê mais claramente, quando consideramos que a sabia natureza em deffeyto de finaes positivos ( os quaes não se nega faõ de mayor uso) foccorre esta impossibilidade com algũas demonstrações naturaes, q̄ deyxou, como practica, ou lingua universal de todos os homens, vendo que elles em seus Idiomas erãõ tão diversos, que senão sabe outra palavra senão faco, em que todas convenhão. A prova disto tomamos, do que se observa entre nós, & os barbaros mais remotos do trato civil, com os quaes nos vemos



vemos igualados da natureza em muitos  
 finaes , & demonstrações capazes de nos  
 entendermos , como largamente experi-  
 mentáraõ nossos Cõquistadores nas ter-  
 ras mais apartadas , & diferentes da con-  
 versaçaõ humana.

6. Assim sabemos ser cõmum para  
 negar , o movimento da cabeça , viran-  
 do-a algumas vezes a diferentes partes,  
 & para conceder o abayxalla. O chamar  
 se obra estendendo o braço , & encurvã-  
 do a mão para bayxo repetidamente. O  
 despedir alargando a mão , & facodindo  
 os dedos para diante. O ignorar levan-  
 tando os hombros , & fumindo entre el-  
 les a cabeça. O ameaçar , pondo o dedo  
 index sobre o nariz. O jurar , correndo  
 a mão pela barba. Assim vemos ser o a-  
 braço final de amizade ; o osculo de paz ;  
 a genuflexão de culto ; a carranca de ira,  
 & alguns outros movimentos semelhan-  
 tes, significadores de payxão , & concei-

tos em que convem toda a universalidade dos homens, em os quaes movimentos não podemos negar que a natureza deyxou alguma Fifica virtude, para significarem, o que por elles demonstramos, pois sem acordo, conselho, ou constituição humana, todos convimos em declarar aquellas taes cousas, por aquellas taes acções.

7. Com semelhante costume em todas as mais obras naturaes, vemos simbolizado, & explicado o segredo da natureza: entre os quaes simbolos naturaes as cores tem grande lugar, porque da humidade toda se produz a cor verde; de toda a secura a cor negra; de toda a frieldade a cor branca; & de toda a quentura a cor vermelha. Tudo o que foge à vista parece azul; tudo o que resplandece amarello; vemos que os humores humanos tambem pelas cores se conhecem: a colera he verde; o sangue he vermelho; a

fleu-



flumea branca; a malencolia negra; & aqui mais que em outra parte se verifica a significação, ou effencia física de cada cor; porque estas não são aquellas, que se comprehendem debayxo dos finaes cõstituidos por vontade dos homens. Ainda que desta natural Filosofia receberão elles tambem o uso de explicar suas paixões. Donde vemos, que a bandeyra branca denuncia paz; a vermelha guerra; o negro mostra nojo; o verde alegria.

8. Mais que tudo he sabermos, que a providencia da Igreja simbolisa da mesma maneyra seus affectos, em as cores de que se adorna, dandonos a entender pot ellas ( como se com razões nos fallara ) as acções de tristeza, & alegria, que nos propoem, & a que nos incita. Por esta observação, quando se celebra festa de Martyres, se vestem os altares de

os altares de vermelho ; quando de Confessores de verde ; quando de Virgens de branco : Em o Advento , & Quaresma se usa a cor roxa ; a negra, quando se officia de defuntos. A esta imitação as Universidades denotão suas sciencias pelas cores , significando por ellas o objecto daquellas taes faculdades. Assim a Borla branca he insignia de Theologia ; o Cappello azul da Filosofia , & Mathematica ; o vermelho das Leys ; o verde de Canones ; o amarello da Medicina ; entre as quaes cores , & as profissoes por ellas denotadas , se achou alguma proporção intrínseca procedida da virtude , que comprehendem, como se todas fossem vozes, & palavras, com que a natureza universalmente se explicasse.

9. Não he moderno este uso , antes em todas as idades , & gentes observado, como refere Plinio dos Povos antiquissimos de Thracia, que aos dias faustos sin-

Plin. lib. 7.

lavaõ



lavão com pedra branca, & aos infaustos  
com pedra negra. Donde Persio :

*Hinc Macrine diem numeram meliorem la-*  
*pillo.*

Pers. in  
Satyr.

Que imitando o nosso Gongora, disse:

*Nó cuente piedra, nó, este alegre dia,  
Que a tanta dicha su blancura es poca.*

Gong. no  
Cant.

E melhor o grande Argensola:

*Si el notar pues con piedra blanca el dia  
De los successos prosperos se usara,  
Como tal ves la antiguedad le hazia.*

Bart. Le-  
onard. E-  
pist. 4. tol.  
259.

Mas he razão dizermos particularmente  
do espirito das palavras.

## DA MEDITAC,AM INTERNA das Palavras.

### §. XV.

I. **V**enceu a toda a antiga Filo-  
sophia a meditação moder-  
na da virtude intrinseca das palavras, a  
qual-

qual segundo esta nova especulaçãõ pòde acharse em qualquer final exterior, porque taõ enrequecidos nos deyxou a natureza. E assim como para tirar agua de hum poço, pelo instrumento de humana nos servimos de vazilhas de barro, & o mesmo uso tiveraõ se as fizeraõ-mos de páo, ou de qualque metal, da mesma maneyra diremos, que para tirar do profundo de nosso peyto quaesquer conceytos, como ordinariamente nos servimos de palavras em que haja força, & aptidaõ idonea, para que em virtude dellas demonstremos nossas payxões à pratica, & uso exterior; assim tambem proveo a natureza de outros sinaes, em cuja virtude pudessemos obrar o proprio effeito; porque quando por relaxaçãõ dos Idiomas, ou outra qualquer impossibilidade nos não soubessemos declarar por palavras, ficassem estes sinaes como fiadores, & interpretes invenciveis de nossos interiores

con-



contra qualquer difficuldade , & impedimento.

2. João Paulo Boner de nascão Catelam , rarissimo engenho de nossos tempos , filosofou taõ profundamente nesta materia, que parece excedeo os limites de ingenho humano , achando aquella estupendissima arte de ensinar a fallar os mudos , cousa nunca antes vista no mundo , & quando conhecida admiravel : a qual arte , & sua exquisita doutrina corroborou logo com alguns actos praticos della , como eu vi , & muytos outros viraõ , & ouviraõ ; vendo , & ouvindo na Corte de Castella fallar , & entender muy levemente o Marques de Villa nova , segundo filho do Condestable daquella Coroa , avó del-Rey nosso Senhor. Este Marques havia nascido , & vivido mudo , & furdo ( como o saõ todos os mudos de nascimento , ) & pelo vigor desta notavel disciplina, fallou , & escreveu ; viveo ( & creyo,

creyo, que vive ainda hoje) explicando-se com inteligivel pronunciaçãõ, & boa escriptura em fino romance Castelhana. E porque este nobillissimo invento de Joaõ Paulo Bonet sennaõ perdesse com sua vida da memoria dos homens, escreveo delle o proprio Author hũ livro, q̃ eu tenho em minha livraria, & foy impresso em Madrid por Francisco Abarca o anno de 1620. cuja doutrina, assim na especulativa, como em a pratica muyto melhorou depois Dom Luis Ramires, que a Joaõ Paulo succedeo em seu difficil ministerio, & magisterio, do qual tambem vimos, & ouvimos melhorados effeytos em dous discipulos, que à imitaçãõ do primeyro fallárão, & escreverão, como foy Carlos filho primogenito do Principe Thomas, & o Marques de Priego, & agora Duque de Feria, que sendo ambos mudos de nascimento, chegáraõ a fallar com a expediçãõ necessaria para serem

en-



entendidos em virtude desta maxima sciencia symbolatoria que em muytas partes convem com a arte Cabalística.

3. Mostra-se bem por este taõ verificado exemplo como podemos considerar em as palavras, corpo, & espirito; havendo por corpo aquelle tom, com que as proferimos; & por espirito aquelle valor intrinseco, ou aquella virtude activa que nellas ha para produzirem o effeyto de sua significação, em quem as ouve; a qual virtude forçosamente ha de existir nellas. Porq̃ como esta affirmacão Sim, tenha valor irrevogavel para conceder; & esta negação Não, tenha outro semelhãte valor para negar; em o zonido, & pronunciação da tal palavra pòde haver differença, que he o que se affina por corpo della. Mas aquelle acto interno da vontade, pelo qual negamos, & concedemos, necessita de algum instrumento para que se declare; & esse tal acto interno de af-

firma-

firmativa, ou negativa podemos dizer he o espirito da palavra, Sim , ou Não , que de differentes Idiomas, como habitos, podera vestir-se. Sóe embore a palavra differentemente aos ouvidos , segundo a variedade dos Idiomas , em que se profere-m , que sempre será huma em seu espirito. Porque como seja certo , que *ex abundantia cordis os loquitur* , quando a bocca tem impedimento busca a natureza modos de exprimir suas payxões , da mesma maneyra, que hum rio se atalhaõ sua corrente busca logo outro caminho por onde defague.

4. A este proposito he memoravel mais que verosimel a historia de que faz mençaõ o Conde Dom Pedro no seu livro das Linhages , donde se conta como havendo nas prayas de Gallisa sahido a terra huma mulher marina, & tendo com ella ajuntamento hum homem, veyo del-le a conceber, & a parir hum filho, o qual  
sen-



fendo por ira do pay huma ves ameaçado com a morte, foy taõ grande a dor da mãy, que rompendo à natureza os laços da impossibilidade, articulou voz humana, & defendeu o filho com palavras, & acções; em a qual historia funda o apellido de Marinhos. Desta propria opiniaõ participáraõ os antigos, segundo se lè nas historias; donde se escreve, que havendo Cyro Rey dos Persas conquistado a Cidade de Sarda, succedeo, que entrando hum soldado dos vencedores no aposento de Cresso Rey de Lidia, que se achava à defenfa de Sarda, indo para o degolar, & achando-se alli hum seu filho mudo de nascimento, venceu as difficuldades, que o impediaõ pela força da compayxaõ, & fallou ao soldado, pedindolhe, q naõ matasse a seu pay, que era Rey innocente. Mas porque esta efficacia intrinseca das palavras, se vè melhor na Musica, diremos alguma cousa della.

## DA EFFICACIA DAS PALAVRAS

*por modo de Armonia.*

## §. XVI.

**O**S frequentes, & notaveis effeytos da Musica acodẽ com grande foccorro à virtude intrinseca destes sinaes exteriores pela efficacia, com que energiaca, & misteriosamente parece, que obra em o peyto dos homẽs. Porque agora nos fas chorar, agora rir; ora eleva, ora deleyta; huma ves move a furor, outra a faudade; recobra as forças, persuade, incita, refreya, & assim joga com os animos, como se estiveraõ subalternados a seu alvedrio, & o que mais he, que naõ só pela voz humana obra a Musica estes effeytos, mas tambem pelo cãto das aves irracionaes, iguالمême se conseguem. Ainda passa mais adiante, pois

com



com a harmonia dos instrumentos insensíveis regulando o estrondo, & o movimento por clausulas proporcionaes, introduz em nossos corações effeitos peregrinos, & de que elles não participavaõ, sem outra operação, ou diligencia, que ferir o ar, pelo vento regulado, ou pelo contacto numerozo, produzido do orgão, que a flauta, ou corda, que se fere. Vozes são estas por certo, ainda que artificiaes, donde concorre altamente com sua nobre efficacia a natureza.

2. Daqui os antigos reduziraõ a quatro modos a universal harmonia: ao primeyro disseraõ Frigio, porque florescia nesta provincia Frigia, & he aquelle a que os Musicos modernos chamão terceyro tom; cujos effeytos são de severidade; incitão os animos a ira, & os corroboraaõ com novo vigor: debayxo do qual modo se comprehendem os instrumentos bellicos, porque vemos que em virtude do

furor, que nos infundem fomos levados aos proprios affectos, que a antiguidade attribuhia ao seu modo Frigio. Ao següdo chamáraõ Lidio, tambem porque os de Lidia se avantejavão nelle, & he hoje o quinto tom dos modernos; por este celebravão as exequias, & todas as acções de faudade, & lamentaçãõ, a que agora correspondem os motetes, madrigaes, lamentações, & responforios, que nos provocaõ a malencolia, gravidade, & todas as acções faudosas. Ao terceyro nomeáraõ Dorio, quasi pela mesma razão, que aos dous primeyros. Este he agora o primeyro tom, com o qual se celebraõ todas as acções de alegria, porque provoca a pureza, devoçãõ, jubilo, & defcanço; & tem com elle correspondência os discantes, bayles, tons, & chanfonetas, que divertem de qualquer malencolia o animo mais opprimido. O quarto modo era o Mixolidio, que he o setimo



mo tom, por quem fomos elevados a maior alteza de espirito, levantando os corações a toda a sublimidade. Com este modo, ou fetimo tom, tem connexão os Hymnos, Psalmos, & Canticos Ecclesiasticos, altivos, devotos, & de grande magestade. Mas sem estes quatro modos refferidos havia tambem aquellas taõ celebradas musicas, que deziaõ Armonica, Chromatica, & Diatonica, de que em varios livros se escrevem maravilhas, como se vê em Aristoteles, Apuleyo, Seneca, & Quintiliano.

3. O Doutor Manoel Valle de Moura nosso Portugues, & frequentemente por nós citado, em o seu erudito livro de *Incantationibus, seu Ensalms*, por todo o capitulo 5: da segunda sessãõ, havendo fallado nesta Sciencia Cabala, disputa se na lingua Hebraea pòde haver alguma efficacia mais do que em qualquer outra, seguindo sempre a parte negativa, porque



he parece ser necessario, que aquella cõ-  
 posição, & razão, que se conserva em  
 hum corpo haja de passar, & ser permu-  
 dada a outro inteiramente; & que visto,  
 que esta energia física senão dirivou a al-  
 guma lingua desde a Hebreia, fica certo,  
 que ella a não teve nunca; ao que se op-  
 poem Marsilio Fisino, negando tal ne-  
 cessidade: logo deduz, & fórma, segun-  
 do esta doutrina, o Doutor Valle, argu-  
 mento contra a musica de David, da qual  
 he de parecer, que ella não expelia, ou li-  
 gava por propria virtude o Demonio de  
 Saul, antes affirma, que aquelle espirito  
 se deve entender por algum humor ma-  
 lencolico perdominante em Saul ( a que  
 tambem Medicos, & Filósofos costumão  
 chamar banho infernal ) que se mitigava  
 pelo beneficio da harmonia, cujo poder  
 Aristoteles reconheceo em muytos luga-  
 res, dizendo que a Musica he: *Ars inspe-*  
*ctiva, & activa;* & em outra parte lhe cha-  
 ma:



ma *Habitus inspectivus*, & *activus*, & *effe-*  
*tivus*. Nós não duvidaremos, q̃ a con-  
 valecencia de Saul, assim podia ser effey-  
 to da letra, que se cantava, como da Mu-  
 fica, & ainda concedendo, q̃ o accidente  
 não fosse causado de espirito, mas de hu-  
 mor, se por virtude de palavras, ou de  
 consonancias, a oppressão de Saul cedia à  
 Musica de David, segue-se que na Musi-  
 ca, ou considerada como palavra, ou co-  
 mo harmonia, virtude houve intrinseca pa-  
 ra modificar a pena de Saul, fosse humor,  
 ou Demonio.

4. Militação por esta opiniação infini-  
 tos exemplos. Porque de Alexandre es-  
 creve Diodoro, que tangendo Timoteo  
 feu Cantor, o incitava a tomar as armas;  
 & com o mesmo instrumento, mas com  
 outras clausulas, o fazia logo entrar em  
 focego. Terpander Lesbio com a sua mu-  
 fica pos em paz as sedições dos Lacede-  
 monios, como o refere Plutarco, & se-

Diod. in  
 vit. Alex.

Girald. ex  
 Plutarc.

gundo Boecio. Hermenias Thebano curava cõ a Musica o mal de ciatica. Thales Cretenfe evitou de peste a Lacedemonia por meyo de suas consonancias, como se lè em os Moraes de Plutarco. E de Febo para Grecia diz o mesmo Homero. Chiron segundo Stophilo converteu a Musica em Medicina, & esta propria mezinha applicava aos freneticos Asclepiades conforme se vè em Marciano Capella. O mesmo succedeo a Empedocles Agrigentino metigando com sua Musica as desordens de hũ mancebo furioso, q̃ affirma Plutarco. Saxo refere de Hothereus Rey dos Suevos, q̃ com a musica persuadia, quãto dezejava, aos ouvintes. E Galleno a quem poucas Filosofias se occultáraõ, diz, que Damon fes virar logo com a Musica Dorica a huns varoens de Grecia, que com a Musica Frigia se haviaõ enfurecido. Quasi o mesmo conta Boecio de Pithagoras; assim do Emperador Theodosio se lè em



Nicephoro, que sendolhe feyta por seus Musicos huma petiçaõ a favor dos Anthioquenos naõ pode escusarlha, sendo injustissima. E naõ menores effeytos, q os referidos, ouvimos de Gilimer Rey dos Wandalos; & de outro de Dinamarca segundo Procopio.)

5. Mas sem que para provar a virtude energiaca da Musica necessitemos do testemunho da antiguidade, he mayor de toda a exceyçaõ a cura, que muytas vezes havemos visto ministrar aos feridos da Tarantula, animal pequeno, quasi aranha, de q se achaõ muytos em Apulia, & Reyno de Napoles, principalmente em o estado de Taranto, de quem devia tomar o nome, o qual injustamente Nebrija traduz Estalion, que saõ as pequenas lagartijas. Fere de ordinario a Tarantula aos moços rusticos nos exercicios dos campos, por huma subtil mordedura, cujo veneno se reconcentra à maneyra de

de humor crônico, porém sahe daquella parte, donde se recolhe ( em quanto dura ) regularmente todos os annos, em semelhante dia, ou hora, ao que o homem foy ferido; causa mortaes accidentes, & o principal he hum continuo, & desordenado movimento ( de que procede chamar-se atarantada a pessoa inquietta, ) porque pelo acometimento, que fas ao coração a redundancia do veneno, não pôde ter algum socego. Recorre-se entãõ a este exquesito remedio, tangendose em presença do ferido grande variedade de tons em qualquer musico instrumento, & principalmente de cordas, entre os quaes por secreta sympathya, que ha entre o mal, & aquellas taes consonancias, chegaõ algumas a seus ouvidos, & delles ao coração, de que logo começa a alegrarse, & baylando instantanea, & desordenadamente, cahe rendido em terra, donde repoufa, dorme, & fica



fica livre de seu mal, até o anno futuro. Sendo aqui para notar, que achando-se muitos opprimidos deste accidête, quasi todos tem sua cura em diversas consonâncias, como vi, & observey muytas vezes; & já parece que este modo de curar as mordeduras veneficas foy achado dos antigos, pelo q̄ conta Marciano Capella, que Xenocrates curava com musica as mordeduras dos caens danados.

## DA EFFICACIA DOS NOMES

*em modo expecial.*

### §. XVII.

I. **S**Upposto que Aristoteles escreveo: *Nomen est vox ex instituto significans*, & em outra parte: *Nihil per se significat*: bem se vê que a propria ethemologia desta palavra Nome está mostrando qual seja sua aptidão, & dignidade;

de; porque segundo os Grammaticos, & com elles Fecho, Nome se diz, quasi nominẽ, noticia, conhecimento, diffinicaõ, para que a cousa pelo nome seja conhecida pelo que he, & de tal modo diffinida, que assim como a imagem da cousa se estã vendo em hum espelho, assim em o Nome deve manifestarse iguالمẽte o ser da cousa, que por elle se nos inculca, o q o Nome naõ poderia fazer senaõ tivesse propria aptidaõ significativa; & daqui procede, que o nome em a raiz Hebrã se diz Schem, **שֵׁם** & de Schem Chem, qual? o que fallo, o que pronuncio àcerca da cousa fallada. Donde já os Gregos lhe chamãrãõ ὄνομα, onoma, nome quasi ὀνομαγεω, onomago, verbo que diz pratico, digo da cousa, & dahi nome da cousa nomeada, como se dicessemos razão da cousa nomeada, ser da cousa dita.

3. Hora hũa das mais expressas virtude



tudes, que vemos, & perece, que não podemos negar em os nomes he a qualidade fausta, & infausta. Fique para Deos a causa, pois a Filosofia a não alcança. Porém a experiencia tem mostrado haver em os nomes optimas, & pessimas qualidades. Nego, que necessariamente se siga, que o nome traga comfigo a ruim sorte, que isto fora erro contra a Filosofia, & Theologia, mas vemos que muytos dos malafortunados convieraõ em hum proprio nome. Porque se por exemplo tomassemos entre Princepes os nomes, Affonso, Joaõ, Carlos, Duarte, Henrique, nõs veriamos pela verdade das historias, que todos os Principes do nome Joaõ foraõ em Hespanha felicissimos; o mesmo os Affonsos, com pequena exceção desta regra; & logo os Carlos infaustissimos em Europa: assim Carlos Principe de Viana morto de seu pay D. Joaõ o segundo de Aragaõ; assim Carlos Princepe

Zurita:  
Garib Ma-  
rian. Ca-  
brier. Her-  
re. a.

pe

pe de Castella morto por seu pay Felipe segundo. Assim Carlos Infante de Hespanha em nossos tempos morto com suspeytas de veneno. Assim Carlos primeyro Rey de Inglaterra morto de seus vassallos. Assim Carlos segundo por elles destituido de seus Reynos. Assim Carlos Duque de Lorena opprimido seu Estado del-Rey de França; & assim em França Carlos outavo, & Carlos nono quasi descoroados de seu diadema. Assim em Borgonha Carlos Conde de Charoloes prezo, & despojado del-Rey Luiz. Assim Carlos de Borbon perseguido, morto, & excomungado. Assim Carlos Palatino passando fugitivo, & sem dominio a mayor parte da vida; & ainda se contafemos as temporaes desgraças de Carlos V. parece que não o foraõ menos, que as felicidades. Da mesma forte pude-ramos fazer lista do nome Henrique, que em Hespanha, & França foy em os mais de

Henrique  
Cater.

Felip<sup>o</sup> de  
Com. Hi-  
stor. Ital.

F. Prudéc  
do Sand.



de seus Principes infausto. Refira-o por mim hum historiador Hespanhol, cujas formais palavras são as seguintes: Este defastre confirman en su opinion algunos hombres, que tienen para Hespaña, y Francia este nombre de Henrique por infausto; seis ha observado la malicia, ò la curiosidad, muertos a hierro com violencia; Henrique primero de Castilla una piedra tirada sin digfinio le hiso morir, como al segundo los broseguies venenados, que le imbiò El-Rey de Granada, y al que llamaron enfermo las drogas de un Medico Judio. En Francia Henrique de Valoes occasionò tambien su muerte justando con Monf. de Mongomeri Cavallero Escocés; todos sus hijos tuvieron fines desdichados, y Henrique tercero, q fue el uno con alto espirito le diò de puñaladas un Frayle, y al quarto Henrique tambien le mataron a puñaladas passeando em su carroça. Do nome Duarte poderamos

Histor. de  
Felip. IV.  
cap. 2. fol.  
2.

Hist. geral  
do Reyn.

deramos entre nós fazer hum lamentavel  
Catalago, pois apenas houve alguma pes-  
foa Real, q̄ nelle não perigasse, nem deyx-  
xa de ser notavel huma particular obser-  
vação. feyta por alguns curiozos, que em  
menos de vinte annos conhecemos em  
esta nossa Cidade sete pessoas de hū cer-  
to nome ( que por alguns bons respeytos  
fenaõ escreve ) as quaes sete pessoas todas  
viveraõ com defastres, & as mais morre-  
raõ miseravel, & violentamente.

3. Mas recolhendonos aos argumē-  
tos mais proprios, pouco duvidozo he,  
que aquellas cousas não desprefadas, an-  
tes buscadas, & inquiridas pelos grandes  
juizos do mundo, supposto que nem de  
todos fossem perfeytamente alcançadas,  
todavia por isso mesmo, que sendo deyx-  
xadas de huns por incognitas, & logo so-  
licitadas de outros, pelo q̄ de si promet-  
tem, parece que nos asseguraõ, lhes não  
falta algum intencissimo mysterio, que  
scen-



scintilla , & está chamando aos agudos entendimentos para sua contemplação. Vemos que Plataõ nomeado divino , se occupou todo em a Filosofia das palavras no allegado Dialogo Cratylo. E que Aulo Gelio escreveo hum livro *de oc-* Plat. in Cratylo.  
*culta literarum significatione.* Vemos, que os antigos Egipcios se occupáraõ tanto nesta profunda especulação, que nella depositáraõ toda a humana sabiduria. Aulo Ge-  
lio de Oc-  
cult. lib. 1.  
Pierius  
Valer.  
Vemos , que os Chinas com taõ approvada opiniaõ de sapientes reduzem a nomes breves as dilatadas prolações , cifrando sómête em cinco nomes toda a copia das virtudes moraes, porque debayxo das palavras : Gin, y, li, Chi, sin, se comprehendem todos os dotes , & attributos de que se adorna o varaõ , & se compoem a Republica. Pelo que justamente se pôde inferir, naõ he leve , nem mal fundada a Filosofia , que aos mayores sугeytos affeyçoou, & trouxe à consideração de sua entidade. Imper. de la China  
p. 2. c. 18

4. Mas se sobre os argumentos naturaes, referidos, & exemplos humanos discursados se necessita de outros documentos de opiniaõ mais subida para acreditar a força, & virtude dos nomes, bem se authoriza a parte affirmativa por Marsilio Fisino, quando a favor de Origenes diz contra Celso: *Origines quoque cum divinorum nominum, orationumque virtutem mirificam considerasset, accrescentando logo, in quibusdam sacris nominibus mirandã latere virtutem*; o que Socrates deyxou confirmado, dizendo por Plataõ: *Reverentia mihi semper erga Deorũ nomina, non humana quedam formido est, sed maximum quemque timorem exsuperat.* E fallando depois o mesmo Marsilio em as singulares, & divinas letras do Areopagita Santo, diz assim: *Dionisius Areopagita omnia Theologiae mysteria in divinis nominibus exquisivit.*

5. Sobe sobre tudo o que diz Saõ Paulo



Paulo do Santissimo, & Poderosissimo Nome de JESUS, a cujo suavissimo ec-

D. Paul. ad  
Rom. E-  
pist cap.

co o Inferno, a terra, & o Ceo se humilhaõ; & porque se podia dizer, que a vir-

tude deste Santo Nome consistia em seu significado, explicando Beda esta duvi-

Beda in  
Luc,

da, ou satisfazendo a ella, antes de se apõ-  
tar, disse assim em grande favor da capa-  
cidade dos nomes: *Hujus sacrosancti No-*

*minis Jesu, non tantum etimologia, sed &*  
*ipse, qui literis comprehenditur numerus per-*  
*petua salutis nostra mysteria redolet;* pelo

que entre a gente boa, & piedoza sempre  
que se nomea o Santo Nome de JESUS

se acrescenta que he nome de virtude; &  
por isso Saõ Paulo diz: *Donavit illi Deus*

*nomen, quod est super omne nomen.* E em  
outro lugar, que a palavra do Senhor he

mais aguda, & efficaz, que o cutello. O  
mesmo se nota em o nome Christo; por-  
que ainda sem fazer relaçaõ à humanida-

de Santissima de Christo, esta palavra  
Hij Christo

ls. Jus. D.  
- R. m. E.  
- q. 2. 111.

Plat.

De m.  
- ou J.

Christo por si mesmo he energiaca, & mysteriosa, denotando Ungido de Deos; como tambem se disse no antigo Testamento Isac pelo riso, Caim pelo homicidio, Joaõ pela graça, Joseph pelo augmento, Babel pela confusaõ, pois como affirma Plataõ *Nomina cum re consentiunt*. Porque entre as cousas, & os nomes dellas deve haver proporçaõ, & igualdade interior.

6. Mas porque dissemos das razões, & dos exemplos com que os Cabalisticos comprovaõ a virtude dos nomes, parece que convem com mayor especulaçaõ investigar, & declarar esta materia, para o que supponho que em cada nome ha, ou deve haver oytto partes conformes, a saber: Ethimologia, Energia, Copilaçaõ, Honestidade, Indicaçaõ, Elegancia, Mysterio, Proporçaõ.

7. A Ethimologia he a verdade do



nome, como se diceſſemos a razão delle. Este nome *Ethimologia* ſe compoem de duas palavras Gregas  $\Sigma\tau\upsilon\mu\omicron\varsigma$ , em Latim Verus, &  $\Lambda\omicron\gamma\omicron\varsigma$ , Sermo, como ſe diceſſemos fallar verdadeyro. Donde juſtamente inferimos, que na palavra verdadeyramente dita, iſto he ethimologiada, existe a verdade permitiva, que he a origem da tal palavra; & logo ſe deſta origem buſcaſſemos a origem, he certo, que de Idioma em Idioma, & de traslaçaõ em traslaçaõ, ou de participaçaõ em participaçaõ nos iriamos dar em a lingua permitiva, da qual diz a Eſcritura Santa, & infal-livel: *Omne enim, quod vocavit Adam ani-*

Genesi:

cap. 2o

*mae viventis, ipſum eſt nomen ejus;* em a qual palavra *Ipfum* naõ ſó exclue os outros nomes introduzidos pela corrupçaõ dos Idiomas, mas declara, que aquelle he verdadeyro, & competête nome da couſa, & o naõ pòde ſer outro, que por iſſo affirmando-ſe diz, *ipſum eſt nomen ejus;* &

ainda profegue, *Appellavitque Adam nominibus suis cuncta animantia, & universa volatilia cali, & omnes bestias terra.*

8. Naõ menos fas a Energia do nome, pela virtude delle; porque a energia he a força interior, com que nos move, & diz muyto mais na significaçãõ, que no estrondo; onde tambem entra o mysterio, que se regulla pelo tempo, & pelo modo, com que se profere a palavra, que se escreve, ou se diz o nome, naõ podendo negarse, que segundo o lugar, em que achamos hum nome, tem, ou naõ tem aquella valia, que lhe dá o mysterio, que foy o conceito interior, por quem se move a imaginaçãõ, bocca, ou mão, que concebeo, disse, ou escreveo o tal nome; em o que muyto se parecem as palavras aos numeros arithmeticos; q̃ supposto, que cada hum tem valor proprio, postos em hum lugar valem de huma maneyra, & postos em outro valem de outra.



9. A Copilação olha à brevidade, & he tambem parte energiaca do nome; porque desproporcionada coufa seria, se a huma muyto pequena coufa lhe puzessemos hum nome grandissimo; & ao contrario a huma grandissima hum nome muyto pequeno. Assim he conveniente, que aos nomes se guarde huma brevidade tal, que faça differença do nome ao periodo, como nos consta do Idioma Chim elegantissimo por sua brevidade, porque sendo copiozo, não se acha em to-  
 do alguma palavra demais, que de huma só sílaba.

Imper. de  
la Chin.

part. I. cap

10. A Honestidade he não menor virtude, & parte estimavel dos nomes, porque ainda que elles por si signifiquem coufa honesta, convem, que a composição deffas sílabas, de que constarem, seja sempre grave.

11. Sobre tudo lhe compete ao nome a vitude indicativa, a qual procede

da boa ethimologia, & energia; porque como elle seja fundado em a verdade da lingua, quanto a ethimologia, & em a força do Idiom, aquanto à energia, logo com grande promptidaõ indíca, & mostra à memoria aquillo, que quer dizer; como vemos, he mais prestes o effeyto da polvora fabricada de tres materiaes, que não a outra que imperfeytamente se lavra de materias alheas, ou infectas.

12. A Elegancia he tambem humas partes persuasivas; porque assim como os conceitos se explicaõ pelas razões, as razões se explicaõ pelas palavras; & quando lhes falta a elegancia, que he a fermosura, & graça, com que se proferem, & buscaõ proporcionaes, não só para que expliquem o que se quer dizer, mas para que condecorem o que se diz, & à pessoa que ouve, não são de algum effeyto, antes destroem o mesmo, que se pertende.



13. Do Myfterio difsemos já, quando fallamos da energia, & agora dizemos da proporção do nome, fem a qual não pôde ter nenhuma das partes, que lhe assignamos, & donde procede, que aquelle nome terá mais virtude, que tiver mais proporção; & outro ferá como alheo, q̄ não tiver proporção, com o que significa. Donde he força, que confessemos, que como no Idioma primitivo houve mais proporção, que em outro algum, entre os nomes, & as cousas nesse tal Idioma não pôde deyxar de concorrer virtude intrinseca a todos effes nomes, & que della participará mayor parte aquelle Idioma, q̄ mais participar do primitivo.

14. Estes são, ou são muytos destes os preceytos, q̄ observão os Poetas Epicos na formação de algũas palavras, que lhes he licito inventar, & introduzir em seu Idioma, as quaes devem ser de verdadeira origem para satisfazerem a ethimologia

logia de valente efficacia para persuadirẽ; de breve copilaçãõ, porque se possaõ aprẽder, & usar sem molestia; de grave honestidade, para que promptamente representem, & manejem os conceytos desde o entendimento activo ao passivo; de illustre elegancia, para q̃ logo affeyçoem; de occulto mysterio, afim de que se façãõ veneraveis; de certa proporçaõ, para que sejaõ proprias. O que bem guardãraõ os Gregos em toda a composiçaõ de suas palavras, com que muytos enriqueceraõ sua lingua, como por exemplo vemos em as palavras Mesopotania, Misantropos, Microcosmos, Rododaphne.

15. E entãõ diremos, que aquella palavra, ou nome, donde em brevissimo espaço se comprehendem tantas perfeições naõ só accidentaes, mas naturaes, & que taõ nobres effeytos causa no coraçãõ, & trato humano, naõ pòde ser falta de virtude interna; & que da mesma maneyra,



neyra, que o fumo trás em si partes de fogo, com que feca, aquecra, & tal ves queima a coufa disposta, da mesma maneyra o nome, & a palavra pôde trazer, & cõprehender parte espirital da Idea, de que procede, em virtude da qual move, & persuade.

## DA EFFICACIA, & VIRTUDE

das Letras.

### §. XVIII.

**Q**UANTO às letras bem se vê que ellas não careceraõ daquelles mysterios, que em os nomes consideramos, significãdo por si mesmo sem ajuda de outras varios, & notaveis effeytos naturalmente; porque como vemos, & lemos, por ellas se denota, já honra, já vituperio, escravidãõ, liberdade, & causas semelhantes, & daqui procede a observação

servaçã de algũas nascões politicas, que põe na face o S. ao escravo, & nas costas o L. ao ladraõ. Sabemos que Esopo, que floreceo muyto antes da primeyra guerra Troyana, pela virtude, & força das letras, que achou em certa columna de hum templo interpretadas em modo Cabalístico, descubrio a El-Rey Xanto hum preciosissimo thesouro.

Thom.  
Garc. Dil-  
curl.

2. O proprio vinhaõ a ser aquelles celebrados symbolos Pithagoricos, entre os quaes a letra Ipsilon se denotava por final de vida, como disse hum Poeta.

*Litera Pithagoræ discrimine secta bicorni  
Humana vite speciem præferre videtur.*

Donde he verosimel que pela figura, que faz a letra Ipsilon nesta maneyra escrita como os Gregos a formavãõ Y se copiasse a figura de Deos Jano por Idolo da paz, que he arvore da vida, denotando q por esta razaõ com semelhante imagem inculcavãõ sua virtude; porque cõ duas

cabe-



cabeças sobre hum corpo o pintou a fabulosa antiguidade: a esta letra Ypsilon era opposta a letra Thita como final de morte, pelo que outro Poeta cantou.

*O' multũ ante alias infelix litera Thita.*

3. Os sabios Gregos observaraõ quasi religiosamente o mysterio daquellas cinco letras, a que chamaraõ mysticas por testemunho de S. Isidoro, as quaes eraõ Ypsilon  $\Upsilon$ . Thita  $\Theta$ . Taf  $\Gamma$ . Alpha  $\text{A}$ . Omega  $\Omega$ . E se a primeyra, segunda, & terceyra vemos illustres com a significação, da vida, como o Ypsilon; da morte, como o Thita; da Cruz, como o Taf: a quarta, & quinta letra Alpha, & Omega são muyto mais ennobrecidas pelas haver Deos tomado por proprios nomes seus, & ballizas da sua immensidade, quando de si disse: *Ego sum Alpha, & Omega*. Isto he principio, & fim de todas as cousas; donde he muyto para

Div. Isidoro.

ter-

termos, porque Deos pudera demonstrar sua grandeza, & immensidade, recorre aos Pollos das letras tomando a primey-  
ra, & ultima do Alphabeto Grego, para mostrar assim, que divina, & superior-  
mente he a Omnipotencia Divina, prin-  
cipio, & fim de tudo, & que por modo  
mystico entre a primeyra, & ultima le-  
tra se comprehende tambem tudo quan-  
to no Mundo he comprehensivel, que  
fóra de Deos he tudo.

4. A letra Thau era faustissima en-  
tre os Hebreos, & já por seu grande valor  
lhe applicáraõ a valia da mayor quanti-  
dade, denotando-se nella o numero 400.  
cuja ignota veneraçãõ pòde ser lhe viesse  
por semelhante da Cruz Santissima, &  
antes pela vara, & serpente de metal, que  
por figuras da Cruz se lhe a semelhavaõ.  
O que tudo parece, que se disse em aquel-  
le lugar de Ezequiel onde se lê: *Et signa*

Ezechiel

cap. 9 n. 4

*Thau super frontes virorum, gementium, &*

*dolen-*



*dolentium*, que se corrobora com o proprio, que Deos mandava no Exodo, & explica São Joaõ no Apocalypse, dizendo: *Nolite nocere terra, & mari, neque arboribus, quo ad usque signemus servos Dei nostri in frontibus eorum.*

Exod. ca.  
12. n. 7.  
Apocal.  
cap 7. n. 3º

5. São Jeronymo recea explicar liberalmente todas as virtudes das letras Hebreas, sendo de parecer, que nenhũa carece de mysterio no Alphebeto Hebraico, & assim nos inculca o Aleph por doutrina; o Beth por Senhor; & a este modo, Ghimel por complemento; Jod principio; Caph mãos, Lamed coração, Thet bom, Num sempiterno, Samech socorro, Hayn fonte, Zaddi justiça, Coph vocação, Res cabeça, Sein dentes, & depois de outras, ultimamente Thau final; sobre as quaes interpretações, que nos dá o Santo Doutor da Igreja, & as mais, que faltaõ a todas as letras Hebreas, a sessenta assenta conexões, ou combinações,

D. Hiero  
in Epist.  
ad Paul &  
in Comẽto  
Hierem.

ções, que por brevidade omittimos, das quaes tira altissimos mysterios em beneficio de nossa Santa Fè Catholica, como se vê na Epistola a Paulo, & na perfacção dos Comentarios sobre Jeremias.

6. Mas os Rabinos com singular erudição das Escrituras Sagradas explicaõ assim seu Alphabeto, conferindo-o logo com o lugar donde tomáraõ sua explicação, & dizem: Aleph *sit via, seu Institutio*, & se prova de Job *Docebo institutam te sapientiam.*

Job. cap.  
3.

Beth, *Domus*: David, *Habitabo in domo Domini.*

Pfal. 23. Ghimel, *Re tributio*: David *Quia Dominus retribuet tibi.*

Pfal. 116. Daleth, *Ostium, fores, vel Janua*. Genesis, *Et prope erant, ut frangerent ostium.*

Genes. 17 He, *Ecce*: Genesis: *Ecce vobis semina.*

Exod 26. Vau, *Uncinus, retortus*: Exodo: *Quarũ erunt capita aurea.*

Reg. lib 3  
cap. 22. Dsain, *Arma*. Regum: *Et arma laverunt*

juxta



*juxta verbum.*

Heth, Terror. Job: *Terrebis me per som-* Job. cap. 7  
*nium.*

Thet, Declinatio per Matathesim. Pro- Proverb.  
verbior. *Ne declines ad dextram, & ad si-* 4.  
*nistram.*

Jod, Confessio laudis. Genesis: *Laudabunt* Gene. 49  
*te fratres tui.*

Caph, Vola. Ecclesiastico: *Melius vola* Eccles. 4.  
*plena requie.*

Lamed, Doctrina. Psalmo: *Doce me fa-* Psal. 143.  
*cere voluntatem tuam.*

Mem, Aque. Isaías: *Omnes sicientes ve-* Isai. 55.  
*nite ad aquas.*

Nun, Filiatio. Isaías: *Filium, & nepotem.* Isai. 24.

Samech, Appositio. Deutoronomio: *Quia* Deut. cap  
*imposuit ( isto he apposuit ) Moyses manus* 34.  
*suas super eum.*

Ain, Oculus. Exodo: *Oculum pro oculo.* Exod. cap  
21.

Pe, Os. Exodo: *Quis posuit os homini.* Exod. c. 4

Tfade, Latera: Exodo: *Sex calami egredi-* Exod. cap  
*entur de lateribus ejus.* 25.

- Exod. cap 34. *Kuph, Revolutio, vel Circuitus. Exodo: Redeunte anni tempore, id est, Circuitu anni.*
- Proverb. 10. *Res, Egestas: Proverbior. Pavor pauperum egestas, eorum; outros lem hereditas.*
- Job. ca. 4. *Sin, Dens. Job: Et dentes catulorum contriti sunt.*
- Ezechiel. 9. *Thau, Signum. Ezechiel: Signa Thau super frontes virorum.*

6. Tal he a grammatica, ou para melhor dizer mystica exposiçaõ, origẽ, & dirivaçaõ das letras Hebreas, cujo veneravel mysterio a Igreja observa, como se vé nos tres Officios santos da semana mayor, onde successivamente canta os tres capitulos de Jeremias, primeyro, segundo, & terceyro, todos fundados, como glosa, ou exposiçaõ em as proprias letras do Alphabeto Hebraico, como por exemplo lemos em a primeyra liçaõ das Matinas da Quinta feira santa, Aleph, *Quomodo sedet sola civitas plena populo. E logo Beth Plorans ploravit. E logo Ghimel*



mel, *Migravit Judas*. Mas a razão porque aquellas taes letras se expliquem por aquelles taes lugares, com que se authorisaõ, ou os lugares por ellas, fica para os muytos sabios na lingua, & liçaõ das Escrituras, bastandonos a nõs mostrar, qual era a interpretaçaõ, que lhes applicavaõ por modo Cabalístico os Rabbinos, julgando, & penetrando pelas letras, segundo os segredos, que nellas se continhaõ, na fórma referida.

7. Mas porque os argumentos naturaes saõ nestas questões de naõ menor utilidade, & curiosidade, que os exemplos (alèm de ser este o costume, que vamos seguindo) tornaremos tambem em as letras, como em os nomes, a fazer reflectaõ a sciencia da Musica, donde se verá tem tanta força a qualidade, ou virtude intrinseca das letras, que para regular universalmente todas as partes desta poderosa sciencia, he preciso, q̃ ella se valha

dos proprios elementos do Alphabeto. Porque aquella cõmum entoação : Ut, Re, Mi, Fa, Sol, La, nenhuma outra coufa he senaõ o tom, com que por mais, ou menos alento pronunciamos as letras a, e, i, o, u, que faõ as que vulgarmente chamamos letras vogaes. Donde acharemos, que a letra A, tem virtude intrinseca para formar o tom do Fa, & do La, usado, & exprimido com mais, ou menos força. A letra E nos dá a entoação Re; & desta propria maneyra a letra I, dá a entoação Mi; a letra O dá a entoação Sol; & a letra U dá a entoação Ut.

8. Prova-se esta observação com o que se vê, que cada dia fazem os destros Compositores, quando tomaõ hũ thema, sobre que vaõ compondo sua Solfa; o qual thema sempre he huma palavra, ou mote, cujas letras lhe ministraõ as letras de suas composição, como por exẽplo: fes Jusquim Mestre de Musica do

Duque



Duque Hercules de Ferrara, o qual a outro fim doutamente allega noffo illustriſſimo Autor da Deffenſa Muſica moderna. Quiz eſte Meſtre Juſquim tomar por mote o nome de ſeu ſenhor Hercules Duque de Ferrara, & fes a eſte nome fundamento de toda huma Miſſa, que por eſta razaõ ſe chamou do proprio nome, a qual Muſica ſempre vay dizendo nas entoacões, o q̄ diſſera nas letras, *Ferraria Dux Hercules*, repetindo-ſe neſta maneyra: Fe Re Ra Fa Ri Mi æ Re Dux Ut Her Re Cu Ut Les Re. O que imitando Felippe Rogerio, tambem notavel Author de Muſica, compoz outra Miſſa ſemelhante ſobre o nome de Dom Felippe ſegundo Rey de Caſtella, levando ſempre o Cantto cham às letras com que ſe diz *Philippus ſecundus Rex Hispania*, por Mi. Mi Ut Re Ut Ut Re Mi Fa mi re. Donde ſe a qualquer das partes deſta entoacãõ tirafemos as letras conſoantes, com que ſe or-

Deffenſa  
da Muſica  
moderna  
pag. 36.  
Juſq̄:

Phil. Rogo

ganiza o nome que lhe serve de mote, ou fundamento, ficáraõ as vogaes por si só fazendo o mesmo officio, & dando igual motivo à Musica, que se todas as letras vogaes, & consoantes estivessem juntas. Porque a Musica importava o mesmo se se dicesse A, que Fa. E, que Re. I, q Mi. O, que Sol. U, que Ut, pois he certo, que em nenhuma destas dicções entoadas soa o F, do Fa, o R, do Re, o M, do Mi, o S, & o L do Sol; o T do Ut. Antes o que dá virtude, tom, & força às entoações ut, re, mi, fa, sol, vem a ser as letras vogaes, & naturaes elementos A, E, I, O, U.

9. Como veremos facilmente se hũa composição semelhante fosse feyta sobre alguma daquellas palavras, que se escrevem, & pronunciaõ sem mais letras, que as cinco vogaes, de que temos exemplos ( quasi regulares ) hum em Portugues, verbo, que dizem, a primeyra pessoa do tempo perterito, Avoei, do verbo avoar;



& em Castelhano o nome Oveja. Supposto, que no primeyro a letra v, & no segundo a letra j, tem força de consoantes, com tudo se para este nome, & verbo se applicassẽ as entoações da Musica, & lhes tirassem aquellas letras consoãtes, q̃ realmente lhe são superfluas, porque o mesmo differaõ sendo letras, que sendo nomes, não era necessario buscar algum valor fóra do proprio mote, porque a letra dera a entoação, & a entoação a letra, pois juntamente ficavaõ dizendo sol, ut, re, mi, fa, que livre das consoantes differa O, v, e, i, a. Ou fa, ut, sol, re, mi, que livre das consoantes differa a, v, o, e, i.

10. Da mesma maneyra a Dialectica achou, & separou certas letras, nas quaes denota seus mysterios. Donde se prova, q̃ tanto necessitou dellas esta sciencia, q̃ não achando nomes feytos, nos quaes cõcorressẽ as letras de que queria servirse para sua explicação, os fingio, & inven-

tou a fim de poder melhor explicar-se pela virtude daquellas letras, notando em hũas a affirmativa universal, & em outras a negativa universal; em aquellas a affirmativa particular, & nestas a negativa particular; como se vè nos versos, que os Logicos trazem a este proposito, que nenhuma cousa querem dizer, nem servem de mais, que de dar letras, que sirvaõ à distincção dos argumentos, & saõ estes.

*Barbara, Celarent, Darij, Ferio, Baralipon*

*Celantes, dabitis, Fapesmo, Frisesomorn,*

E tambem em outras:

*Cesare, Camestres, Festino, Baraco, Darapti*

*Felapton, Disamis, Datisi, Bocardo, Ferison.*

Donde por exemplo se vè, que nesta palavra Barbara, que consta de *AAA*, se acharaõ tres affirmativas universaes, sendo a mayor, & a menor, & a consequen-



cia de affirmação innegavel , como se alguem dicesse:

*Todo o bem se ha de seguir.*

*Toda a virtude he boa.*

*Logo toda a virtude se hade seguir.*

A estas tres affirmativas universaes concorrem as tres letras *A*, de que o nome Barbara se fórma. Porque aquelle elemento , ou letra *A*, he taõ simples , que naõ tem negação , porq̃ naõ pòde outra cousa , & por esta causa tem virtude demonstrativa de affirmação universal , a que correspõde sua simplicidade, por aquella intrinsicca razão , que fas , como sempre seja hũa mesma cousa , que naõ pòde ser outra. E por ella vem a ser a letra *A* affirmativa universal , & daqui julgou Aristoteles por taõ forte o poder deste argumento, que lhe chama Aquiles.

II. E se por ventura se dicesse que a variedade dos Idiomas fas desfallecer esta virtude das letras , porque na fórma

do

do character, & prolação da voz, huys de outros faõ diversos, por exemplo a letra a que os Latinos chamaõ *A*, que se escreve com esta figura *A*, & se pronuncia cõ esta prolação *A*, escrevem os Gregos ainda que na propria fõrma, com prolação diversa, dizendo Alpha, & os Hebreos escrevem *Α\**, & a pronunciaõ Aleph. Os Caldeos a escrevem *UP*, & a pronunciaõ Elpha. Os Arabes a escrevem *U*, & a pronunciaõ Elifa. Os Egipcios a escrevem *ΣΣ*, & a pronunciaõ Athonius. Os Asiaticos a escrevem *P*, & a pronunciaõ Elipha. Os Sirios a escrevem *SL*, & a pronunciaõ Alin. Os Sarracenos a escrevem *N*, & a pronunciaõ Alemoxi. Os Ilyricos a escrevem *A*, & a pronunciaõ Has; & ainda Saõ Jeronymo, & Saõ Cyrilo, & antes delles Esdras tiveraõ seus Alfabetos particulares, como affirma Palatino. Entaõ responderemos, que nestas letras, como já nos no-

Joan. Bapt  
Platan. in  
Comp.



mes diffemos, que se devia considerar alma, & corpo, havemos de entender tambem para mayor clareza, materia, & fórma, sendo a fórma a figura do carácter, a materia o tom, que por elle expremimos; em maneyra que pouco importará se escreva diversamente, & variamente se pronuncie esta letra com varia figura, & prolação em seu Idioma se sempre tem o lugar daquelle primeyro elemento da voz humana, ou lhe chamem *A*, Alpha, ou Aleph, existindo, & vogando em hum proprio modo em qualquer lingua, por ser o tom que fas aquelle primeyro de alento, que proferimos, cõmum a todos os homens, & nações do Mundo: nem importa q̃ o nome da letra *A*, em aquelles Idiomas naõ seja simples, como o he nas mais linguas da Europa, porq̃ em todas ( como se vê ) cahe a imposição sobre a voz *A*, ou começa por ella segundo vimos no Alpha dos Gregos, que começa

com


com *A*, & no Aleph dos Hebreos; ou como na dos Caldeos, & Arabios, que acabão em *A*, dizendo Elpha, & Elifa. A razão natural de que o *A* goze da primazia das letras, he por ser a primeyra pronunciação humana, mais facil, & simples (como affirma Santo Isidoro,) porque nunca se poderá ferir o ar com algum leve estrondo, que formando voz não soe entre ella a letra *A*. Donde já alguns Filosofos naturaes foraõ de parecer, que as aves fallavaõ, & articullavaõ dicções distinctas, em tal sorte, que se podiaõ entender humas as outras: o que se prova, quando vemos, que para imitar o canto, & voz das aves, nos servimos de artigos, & letras da voz humana; pelos quaes se imitaõ os cantos, & vozes dos animaes, & de qualquer cousa, que tem voz.

12. Joaõ Paulo Bonet na sua arte dos mudos, tem para si, que a fórma do *A* Latino he a melhor de todas, com q

S. Isi. Jor.  
& Molog.  
lib. 1.º cap.

4.





os homẽs se explicaõ, & tem em sua propria figura, força energiaca ; porque ( diz elle ) as fórmãs das letras naõ foraõ fey-tas acafo, se não que quizeraõ guardasẽ ordem, & esta fosse a da semelhança, que podia haver entre a acçaõ da bocca, & a fórmula da letra, para que em tudo se correspondessem, as letras, & as palavras; de maneyra que ao *A*, porque requiere para sua pronunciaçaõ, que a bocca esteja aberta, & lance de si muyta respiraçaõ lheraõ esta figura de trombeta  significando, que na garganta se ha de fazer o ponto, onde se juntaõ as linhas, para lançar o alento fóra, & que hum beyço se não hade ajuntar nunca com outro para se poder formar o *A*, & disto serve a rifica, que atravessa de huma linha a outra, que nunca deyxã como se ajuntem, porq̃ entãõ naõ se podia dizer *A*.

13. Da propria maneyra diremos da letra *E* Latina, & original a todas as linguas,

guas, que do Latim procedem, que como o *A* tem tambem sua figura significativa; & assim discorreremos pelas vogaes sómente por não fazer proluxo esta especulação nova, & curiosa. Esta letra *E* té seu zonido em a garganta, & os beyços, de todo contrario ao *A*; porque assim como no *A* se expelle o vento para fóra, no *E* se recolhe para dentro, de tal forte, que se o *E* se quer pronunciar muy sonoroza obriga a franzir algú tanto as ilhargas da bocca, porque fazendo menor o concavo da bocca, em que ha de formar-se o *E*, fará menos, & mais suave zonido. Demostra-se toda esta especulação na propria fórma do *E* Latino, onde as duas riscas, suprior, & inferior significão os dous beyços, & a risca do meyo mostra o lugar da lingua para formar a letra *E*: porque se a lingua sahir mais fóra, ou se encurvar mais para dentro, já não poderá pronunciar a dita letra.



14. Hũa das letras, que por seu caracter melhor se demoſtra he a letra *I*, porque verdadeyramente he huma voz ſimpliciſſima, & ſonorofa, recta, & ſubtil, que ſahe direyta ſobre a lingua, & ſe prolonga atè topar nos dentes, donde ſuavemente reflata, & parece, que não póde fazer outra, que a figura do proprio caracter, que o ſignifica neſta maneyra , que he hũa linha recta, demonſtrando, como aquelle ſonoroſo eſpirito *I* ſahe direyto pegado, ou paralelo à ſuperficie da lingua, donde ſómente quebra aquella pequena parte, que he neceſſario darlhe de vento entre os dentes a ſua pronunciação, que a faça mais ſubtil, & ſonora, como ſe nota na vaſa do *I* ſendo neſta maneyra .

15. Não menos declara o tom de ſua voz a letra *O*, de que havemos dito das outras vogaes, porque a fórma deſte caracter ſignifica a propria figura, que ſas  
a boc-

a bocca, quando a pronunciamos. Porque se bem observarmos a postura da bocca, & beyços do homem, quando diz *O*, veremos que com elles fas a propria figura *O*, franzindo os beyços, lançando-os algum tanto para fóra, & deyxando hum redondo orificio, por onde despede o espirito, que dá tom, & sonido a esta letra, que em outra maneyra não he possível pronunciar-se.

16. A quinta, & ultima letra vogal *V* he parecida com a letra *A* na figura, & com a letra *O* na prolação, tanto que os Castelhanos as confundem na pronunciação vogal, como na consoante com a letra *B*, que já foy herdado dos Gregos. Forma-se de hum espirito, que se lança fóra da bocca, de tal sorte, que mais soa fóra, que dentro della. A fórma do caracter com que se explica he affás semelhãte ao modo com que a bocca pronuncia *V*, porque pondo os beyços em tal figura,



gura , & deyxando fahir o alento fem alguma moçaõ da lingua fe pronunciará a letra V; a linha que atravessa o A, & falta no V mostra que naõ he necessario estar a bocca taõ aberta para a pronunciaçaõ do V como do A, segundo se verá facilmente , quando alguem quizer fazer esta leve experiencia.

17. Conforme a especulaçaõ destas cinco letras vogaes , que saõ os cinco simplicicissimos elementos , com que todas as vozes humanas se podem exprimir, he indubitavel , que nas letras ha proporçaõ implicita , & virtude demonstrativa , a qual naõ só nas vogaes, mas nas consoantes se acha da propria maneyra. Porque, como prova Julio Cesar Escaligero no livro , que escreveo de *Causis lingua latina* contra os Grammaticos antigos , a ethimologia das letras naõ he de inter legendum ( como elle diz ) senaõ da liniatura, com que as letras se formaõ ; querendo

Jul. Cæs.  
Scalig. lib.  
caus. ling.

assentar, q̄ estas letras não são outra cou-  
fa, que humas demonstrações do modo,  
com que se pronunciaõ, para que vendo  
os olhos o retrato da voz entendessem  
pelo retrato, o que pelo original deviaõ  
de entender os ouvidos; & que assim da  
palavra *linea*, se derivou a palavra *litera*.

18. E supposto se obsta a esta opi-  
niaõ, dizendo-se, que se Escaligero fallá-  
ra sómente de letras Latinas, tivera mais  
razão, porèm que se ha de entender de  
todas as letras; & he sem duvida, que nas  
dos Hebreos se havia de verificar mais, q̄  
nas outras esta observaçaõ, por quanto  
são os elementos primitivos, & origina-  
rios de todas as mais linguas do Mundo;  
mas visto, que os caracteres Hebreos, pa-  
rece, são nesta parte os menos regulares,  
porque apenas entre elles, & os movimẽ-  
tos, de que necessita a voz humana para  
se pronunciar, ha algũa proporçaõ, fica  
logo corrente, que os caracteres primiti-



vos não são imagens dos movimentos da voz, para que por elles se denote. Porém este argumento tem sua resposta de não pequena força, fundada em authoridade de São Jeronymo, quando diz, q̄ Esdras, Escriba, & Doutor da Ley depois do captiveyro, & reedificação do Templo, de bayxo do deminio de Zorobabel achou outras letras diversas das antigas, que são as que de presente usam os Hebreos; sendo assim, que até aquelle tempo os caracteres dos Hebreos, & dos Samaritanos foram os proprios, & depois differentes.

19. Eu com tudo antes de acabar com a especulação natural da virtude das letras, não deyxarey de fazer memoria à cerca dellas, de huma rara observação, da qual com grande espanto meu, & de muitos, fuy testemunha, vendo por varias vezes, que Federico Colona Condestavel de Napoles fazia juizos sobre as compleções (& ainda successos) de algúas

pessoas pela letra, que escreviaõ natural-  
 mente, sem mais as haver conhecido. Os  
 quaes juizos de ordinario acertava. De  
 cuja Filosofia duvidando eu entaõ muy-  
 to, vim depois a sentir, que podia ter al-  
 gum fundamento natural, a respeyto da  
 fórma impulsiva, que a mão dá à letra  
 guiada do braço animado das arterias, q̃  
 tem por raiz o coração, da qual por par-  
 ticipação de partes mediatas se deduz à  
 escritura muytas de suas payxões; donde  
 vemos, que o fleumatico escreve de va-  
 gar, & com bem formadas letras; o cole-  
 rico escreve veloz, & mal concertadamẽ-  
 te; cujos caracteres indicaõ o humor per-  
 dominante, donde sem falta o Condesta-  
 vel de Napoles deduziria seu juizo.

20. Todavia porque os mais força-  
 dos argumentos naturaes podem ser con-  
 futados, & convencidos, com outros de  
 mayor efficacia, rematarey este ponto  
 da virtude, & mysterio, que nas letras se



suppoem com outra consideraçã mais alta, a que não vi resposta, ainda que vi contradicção Supposto, que o Doutor Valle impugna este argumento no lugar atrás citado de sua disputa contra a lingua Hebreá; porque ( dizem os Cabalistas ) se nas letras não houvesse algum interior secreto, nem outra aptidaõ, que aquelle valor casual, com que dellas nos servimos, que motivo teria Deos, para mandar, que Abraham accrescentasse a seu nome a letra H, & se chamasse Abraham? E para que Sara, chamando-se antes Sarai, tirasse hũ I, & se chamasse Sará? E para que Benjamin sendo primeyro dito Benoni, se chamasse Benjamin? E para que Israel perdesse todas as letras de seu nome, & se chamasse Jacob? O que Christo Nosso Senhor como verdadeyro Filho de Deos imitou no Testamento novo, convertendo ao Apostolo S. Pedro o nome Cephas, Ciphas, & Barjona

no differentissimo nome de Pedro; & o de Saulo em Paulo, como consta da Escritura Santa. As quaes mudanças, parece, que seria temerario negar que se haviaõ feyto com profundissimo mysterio; & pois sennaõ pòde negar, claro tambem parece, que fica, que assim nos nomes, como nas letras se achará alguma virtude intrinseca significativa de occultos segredos; & saõ aptos para conterem essencia determinada fóra da ordinaria ordem, & valor, que lhes concede o uso humano.

## D A V I R T U D E

*dos numeros.*

### §. XIX.

I. **H** Avemos entrado na efficacia dos Numeros, que em nada menos mysteriosos, & significativos, que os Nomes, & Letras tem observado



vado a fabidoria humana. Porque parece sem duvida, que todos os mysterios da providente natureza lhes assistem com obras, & maravilhas, merecedoras de toda a admiração.

2. Sua dignidade he tal, que sendo hum dia perguntado Plataõ, porque causa o homem era chamado animal racional, respondeo, que porque o homem sabia numerar, o que de todo ignoravaõ os outros animaes: O mesmo sentimento teve Aristoteles segundo se lè nos Problemas. A mayor razão de sua nobreza, virtude, & mysterio, vem a ser, porque o numero he alma da quantidade, & como todas as cousas estejaõ abraçadas da materia, & da fôrma, & naõ haja materia sem quantidade, nem quantidade sem numero, assim como o numero he alma da quantidade, assim comprehende tudo, o que he quantidade, & a quantidade tudo o que comprehende a materia, & a mate-

Plat.<sup>2</sup>Aristol. in  
Probl.

ria comprehende todas as cousas, donde se segue, que o numero tambem comprehende todas as cousas, que comprehende a materia.

3. Esta doutrina se corrobora bem com o que se lê na Sapiencia: *Deus omnia Sapient. fecit in numero, pondere, & mensura.* E por esta razão disse já Pithagoras, que a natureza, & officio dos numeros era discorrer por todas as cousas, o que se vê em todas ellas, porque logo, que não foraõ materia prima, & foraõ muytas cousas se entregáraõ à virtude do numero, o qual ainda na materia prima teve a razão da unidade, que por isso foy prima a materia, com relação às que foraõ segundas. Da propria maneyra vemos, & viraõ os primeyros Sabios, que o numero daquelle, que demonstra a sempre consistente unidade, & perpetuidade que he Deos, sempre hum principio de todas as cousas, como o numero hũ he principio de todos os

nume-



numeros sem equivocação, mistura, ou participação de outro numero, porq em qualquer congregação de numeros cada hum he hum só, sem que pela multiplicação das unidades, a unidade de cada numero se componha, ou misture com outra unidade, porque naquelle numero, que consta de muytas unidades, como por exemplo o numero oyto consta de oyto unidades, naõ crescendo o valor de alguma dellas, nem incorporando-se hũa com a outra, mas sendo realmente distinctas, ou realmente huma só, cada huma; porque quem contar hum oyto vezes fará numero oyto, sem dar a cada ves que conta hum, mais q o intrinfeco, & inalteravel valor da unidade àquelle hum, que muytas vezes vay contando; assim sobre Pithagoras filosofou Ouvidio sublimando esta consideração, quando disse:

.... *Isque licet cæli regione remotus*

*Mente Deos addijt, & que natura negabat.*

Ouvid.

Vi-

*Visibus humanis, oculis, ea pectoris hausit.*

4. Desta sorte pela unidade foy entendida a Divindade da Suprema Essencia, que rastrejáraõ por via de numero simplicissimo, incomposta, & independente Xenophanes, Parmenio, Socrates, & Plataõ, q̃ foraõ depois de Pithagoras, discorrendo, ( como affirma Dionisio ) que na unidade se achaõ, & comprehendem todos os numeros : porque muytos numeros naõ saõ mais, que muytas unidades ( segundo dissemos, ) & ella huma só intensivamente. Donde Jamblico diz, que Mercurio pos a unidade antes de todas as cousas; & Lisidias Phithagorico affirmou, que Deos he o numero inefavel. Obsides quiz provar o ser de Deos por aquelle excessõ, com que o numero mayor supèra ao numero menor, chamando a Deos numero maximo : Este numero maximo considera a unidade, porque todo o numero para ser mayor que outro



tro numero, o excede pelo numero da unidade, porque o dous he mais que o hũ, porque tem hum mais que o hum, & tã-bem por isso o hum he menos q̃ o dous, porque por hum vence o dous ao hum. O mesmo succede a qualquer numero, a quem a unidade se ajunta, porque sempre o numero será mayor, q̃ seu igual, quando se lhe ajuntar mais hũa unidade.

5. Esta doutrina olháraõ os Pithagoricos, quando disseraõ: Que todas as cousas saõ feytas, naõ só com numero, mas de numero. Assim o confirmou Aristoteles, cuja doutrina segundo Macrobio, disse, que as almas estão ligadas ao corpo com huma certa, & determinada razão de numero. Porque supposto, que a alma, & corpo realmente diffiraõ, a vida consiste nesta uniaõ, & desfazendo-se a uniaõ se acaba o homem; a qual uniaõ he taõ natural numero, & unidade, que naõ só se guarda entre a alma, & o corpo, mas

Pithag.

Aristotel.

Macrobi.

mas della resulta a propria unidade corporal, que em se rompendo, se quebra, corrompe, & aniquilla o homem; donde vem chamar-se o corpo individuo; porque dividido, & desligada a unidade, já não he corpo, atè a alma o desampara, porque he offendida na propria divisaõ do corpo, pela razão da uniaõ, numero, & unidade, que tem com ella.

6. Procolo sobre Plataõ, & com Procolo a escolla Pithagorica, afsêta quatro razões de numeros, dentro das quaes todas as cousas naturaes são comprehêdidas. A' primeyra chama razão de numero vocal, q se acha na Musica, & nos versos. A' segunda razão de numero natural, q se observa na universal composição das cousas. A' terceyra razão de numero racional, que se guarda entre a alma, & suas partes. A' quarta razão de numero divino, que só está em Deos.

7. Logo entra a questãõ taõ antiga,

&



& ventillada sobre a dignidade dos numeros, Par, Impar, a qual deyxando aos que a trataõ ex professo, porque naõ vem aqui tanto a nosso intento, nos bastará dizer com os Pithagoricos, que o numero hum significa a identidade, & o numero dous a diversidade; pelo que já Zaratas Mestre de Pithagoras chamou pay à unidade, como começo de tudo; & mãy à pluralidade. Porque certo he, que da unidade, & pluralidade procedem todas as cousas, pois ainda aquellas, cujo principio he a paridade, nestas proprias, he certo, que a unidade do hum foy primeiro, que a paridade, que fes a pluralidade. Alemeone disse, que o dous era o muytas cousas, & o hum a cousa de que muytas procederaõ, pela antelaçaõ, que o hũ tem ao dous. Outros entenderaõ, que deste intellectual matrimonio do numero hũ, como pay, & do numero dous como mãy procederaõ todas as cousas do Mundo,

Zaratas.

do, não só em ordem a serem cousas inumeraveis, mas a serem cousas existentes.

Plutar. de  
Placit.  
Philos. pb.

8. Plutarco explicando a sentença de Pithagoras: *Numerus est universorum principium*, entendo, q̄ Pithagoras chamára numero à Divina Mente, & o affirma nestas palavras: *Numerum autem Pithagoras pro mente accipit*. Assim se lê no livro de Placitis Philosophorum, & daqui veyo, que a escolla Platonica recebeo pelo numero hum, & numero dous, inculcados de Pithagoras, a materia, & a fórma, que tem por principio universal: O que os Poetas imitando, como primeyros Theologos, & Metaphisicos daquella idade, & falsas divindades, disserão ser Jupiter, & Juno, tendo a divindade do seu Jupiter por materia, & a da sua Juno por fórma, que vem a ser o mesmo, a que Homero Principe dos Poetas Gregos chama Hera, & Zeva, denotando por Hera a Juno, & por Zeva a Jupiter, os quaes  
consi-



considerava authores de todas as cousas creadas.

9. Naõ menos confessáraõ os mysterios dos numeros Socrates, & Plataõ, quãdo disseraõ ser o numero tres o principio de tudo, como se lè nestas palavras: *Tria esse rerum principia, Deum, Ideam, & Materiam.* Na qual sentença parece, que rastrejáraõ a verdade Catholica; & já Pithagoras havendo dito, que os numeros hũ, & dous foraõ principio universal, acrescentou em outra parte: *Infinitem, Unum, & Duo,* repartindo assim: *Infinitudinis Deum, Unitatem formam, Altere itatis materiam.*

10. Nem se desviáraõ muyto desta opiniaõ os Platonicos, antes seguindo-a fó parece, que a expuzeraõ mais claramẽte, chamando a Deos por estes tres nomes: Oromasin, Metrin, Arimanin; como se dice sã Deos, Mente, Alma; dando a unidade a Deos, a ordem à Mente,

o movimento à Alma. Passaõ a diante, & dizem, que de Deos foy feyta a Unida-de das partes com o todo ; da Mente foy disposta a ordem das partes unidas; & da Alma foy começado o movimento das partes ordenadas : mostrando assim ( como diz Pedro Mateacci ) haverẽ conhecido a origem do Chaos , criaçãõ do Mũdo, sua vida, & movimento. Costumaõ tambem chamar com outros tres nomes: Celio, Rhea, Saturno. Por Celio entendem os Platonicos a Divina Essencia: Por Rhea a vida: Por Saturno as Ideas. Ou segundo outros, que o interpretaõ em diverso sentido: Celio he a alma do firmamento : Saturno a do setimo ceo: Jupiter a do sexto, que assim expoem: Leys do fado , isto he Providencia ; Sabedoria universal , isto he entendimento cõmum ; Amor natural , isto he o appetite da conservaçãõ de cada especie, ou tempo, ou juizo, & natureza, como quizerãõ outros.

Don-



11. Donde he dignissimo de admiração, que todas as vezes, que a cega Filosofia dos antigos discorreo àcerca de Deos, quando mais altamente penetrou nos mayores juizos da antiguidade, sempre diffinio a Deos, ou pela Unidade, ou pela Trindade; reconhecendo nestes sagrados numeros taes forças, & mysterios, que agora lhes parecia, que não podia ser Deos aquella sublime Idea, que não fosse Unica, agora que o não devia ser aquella, que não fosse Trina. Outros conciliando estes numeros differaõ tambem com os antigos Cabalos: *Hi tres, qui sunt Unum, inter se porportionem habent, Unum, Uniens, Unitum.*

## DA VIRTUDE DOS NUMEROS

*por effeytos exteriores.*

## §. XX.

1. **M**As se as Físicas, & Metafísicas razoens sobem tanto o valor intrínseco dos numeros, não menos os acreditaõ as considerações moraes, & naturaes; porque nós vemos que a natureza nenhũa cousa tanto observa, como a ordem do numero, nos mais occultos, preciosos, & efficazes effeytos. Vemos que os dias setimos na enfermidade do homem ( & ainda de qualquer animal ) são criticos, decretorios, & determinativos; como à cerca da vida o são tambem os annos climatericos: quasi palpavelmente conhecemos que todas as vezes, que se prefás em qualquer operação humana este numero sete, a natureza

obra



obra com sobeja actividade, sem que racionalmente se possa recorrer a outro principio, que à física, & intrinseca qualidade de tal numero; nem obsta, que os Astrologos offereçaõ por causa agente, & impulsiva, a malevola influencia das estrellas, porque alè m de que esta causa parece varia, & remota para effeytos taõ promptos, & certos, he sabido que a virtude activissima deste numero se confirma com outros exemplos naturaes; como se conhece nas ondas do mar, que a cada sete repetem huma muyto mais furiosa, a que os marinheyros, por causa notavel entre elles, tem dado nome proprio, & lhe chamão Macareo: esta onda sóbe sobre as outras, que vence, & derruba. Ainda os jogadores tem por commum observação, que os dados a pos do numero sete respondem com azar; cousa para esta gente taõ certa, que quasi lhes serve de proverbio, & receaõ o numero sete, co-

mo indicativo de perda. O numero tri-  
nario contém não menos grandes myf-  
terios naturaes, entre os quaes he cele-  
brado o de sua felicidade, & pelo contra-  
rio o numero quatro, que sendo taõ my-  
fteriozo, que delle sómente escreveo hū  
livro Democrito, se julga por numero  
infelice, pelo que he para os Medicos a  
segunda Crisis: donde os Astrologos  
já pratica, já theoricamente tomáraõ oc-  
casiaõ de inculcãrem por faustos os aspe-  
ctos, Trino, & Sextil, por ser duas vezes  
trino; & por infaustos a opposiçaõ, &  
aspecto quadrado, que se formaõ do nu-  
mero dous, & quatro.

2. Corresponde à ordem da benigni-  
dade, ou malicia dos numeros o regular  
procedimento das fazões do homem, sin-  
gellas, dobres, terçans, & quartans; don-  
de parece, que bem expressamente nos  
ensina a natureza o quanto observa a or-  
dem numerativa, porque todas as vezes,  
que



que o homem chega a hum tal numero de eras, ou dias padece; & todas as vezes, que chega ao numero feu opposto descãça. Do mesmo modo se entende nas proporções, hũas alegres, outras malencolicas: o proprio se vê na ordem das correspondencias, porque aos olhos, & aos ouvidos todas aquellas cousas, que guardaõ ponto, & regra armoniaca, a guardaõ por beneficio do numero determinado, fóra de cuja razão, nem os ouvidos, nem os olhos achaõ complacencia. O que se prova com os compassos da Musica, & as medidas da Architectura. Assim he certo, que se à clausula regulada por oyto compassos se accrescentassem, ou diminuisssem alguns, logo seria dissonante aos ouvidos. O mesmo se dirá, que se em huma fachada, que consta de quatro janellas, & oyto columnas divididas hũas de outras, proporcionalmente por dez, ou vinte palmos, se esta tal divisaõ em al-

gũa maueyra se alterasse, com mayor, ou menor distancia, entre hũas, & outras janellas, & columnas, logo os olhos perderiaõ a comprehẽsaõ naquella fórma agradavel, que os deleytava.

3. Assim inferimos, que pois a Musica pelo numero de seus compassos se fes consonante, & o edificio pelo numero de suas correspondencias se fes fermoço, logo alli naquelle ponto, onde se acha a harmonia, & proporçaõ está intrinsecamente a virtude daquelle tal numero; & da propria maneira se prova, que naõ está em outro numero à parte, pois fóra do proprio ponto daquelles certos compassos, ou medidas, se vè logo a disonancia, & fealdade, como veremos em todas as cousas fóra da sua conta intrinseca, que he o valor, & vigor natural dos numeros, ainda abstrahidos do valor da constituição, que lhes demos, & pelo qual o gozamos, & nos servimos delles.



## DA VIRTUDE, &amp; EFFICACIA

*das figuras.*

## §. XXI.

I. **P**Arece que pelos discursos  
 antecedentes podiamos ef-  
 cuzar este, que começamos ; porq̃ se fos-  
 se certo, que nos nomes, letras, & nume-  
 ros podia haver alguma virtude intrinse-  
 ca ( segundo havemos discursado , ) facil  
 seria de crer, que a propria virtude, & in-  
 terior efficacia se daria semelhantemente  
 nas figuras; porèm pois ao principio pro-  
 mettemos discorrer sobre estes quatro  
 fugeytos, já que este da figura naõ he me-  
 nos rico de argumentos , & authorida-  
 des, que os outros, razaõ ferá naõ querer  
 deyxallo menos descutido , que os ante-  
 cedentes , para que igualmente com os  
 mais se possa julgar à cerca de sua certesa,  
 ou verosimilidade.

Escu-

2. Escuzadamente contendeo a antiguidade sobre cuja fosse a invenção dos symbolos, porque se declaráraõ em todas as idades, os mayores, & mais occultos conceytos dos homens, querendo alguns dos Ethnicos, que esta grande arte se devesse aos Egypcios, outros a Pithagoras, porque primeyro que os Egypcios symbolizassem, & que Pithagoras exprimisse seus pensamentos por figuras, havia Deos Nosso Senhor usado de semelhantes mysterios, os quaes profegiu por todo o velho, & novo Testamento; porque o recolherse a pomba para a arca de Noe com o ramo de Oliveyra no bico, como se lè no Genesis: *Portans rammum olivæ virentibus folijs in ore suo.* Symbolo foy da paz, & serenidade, em que o Mundo já estava, como tambem acrescenta o Texto Sagrado, dizendo: *Intellexit ergo Noe, quod cessassent aqua super terram.* E depois quando Deos por Jeremias

Gencl.



mias mandou profetizar ao povo, que lhe daria a comer Lofna, onde está escrito: *Ecce ego cibabo populum istum absyntio*, claro está que a Sabedoria Divina se servia em ambos os lugares da virtude das figuras. Porque Noe não tinha razão de entender a paz do diluvio pelo ramo da Oliveyra, senão fosse significativo, & mysteriozo: E Jeremias de profetizar a desolação de Jerusalém pela amargura do absynto, se nesta propria amargura não achasse o symbolo do castigo, que Deos prevenia à sua Cidade.

Hierem.

3. Com tudo não podemos negar, que a erudição profana dos Filósofos muyto se proveytou do valor, & da virtude destas figuras; & que dellas foraõ celebres as Pithagoricas, ou as de Pithagoras, & sua escola, quando querendo demonstrar alguma cousa, como a entidade de Deos, finalou a figura do numero hum. Quando as cousas incorporeas as deu a enten-

entender pelos numeros, & pela figura as corporeas. Pela vide mostrou o vicio: na farinha a pureza: na balança a Justiça: no sal a modestia: pela Lua declarou o error: pela espada o perigo: na Musica o deleyte: no anel a dor: na mão cifrou a amifade: pelos cabellos entendeu os parentes: pelo oleo a adulaçaõ: o fogo denotou pela ira: em o pezo o trabalho: pela arvore o homem: no peyxe a innocencia; & discorrendo pelas propriedades das cousas, poucos fugeytos deyxou sem symbolo, & poucos symbolos sem significado. E daqui teve principio aquella figura taõ usada dos Rhetoricos, q chamão Metonymia, que se fas, quando tomamos o instrumento pela coufa, a qual vulgarmente se usa, dizendo, que he grande pēna a quem bem escreve; boa viola, a quem bē range; notavel thesoura o bom alfayate; gentil navalha o destro barbeyro; porq em todos estes modos de dizer nos valemos



mos da virtude da figura dos taes instrumentos, cujos effeytos exprimimos, & adjudicamos por translação ao homem.

4. Escreve Luciano, que indo Antioco contra os Galatas, lhe appareceo em sonhos a figura de Alexandre, a qual lhe deu hum final de tres triangulos por final, & penhor do vencimento; & foy assim, que quando em meyo da batalha Antioco levantou aquella figura contra os Galatas, alcançou logo vitoria; de que obrigado Antioco mandou lavrar moeda, que continha de huma parte a figura revelada de Alexandre com os tres triangulos, & da outra estas letras Gregas *ΥΤΙΕΙΑ*, que se interpretáraõ, faude; & methaforico, vitoria.

Luciano.

5. Mais chegado à verdade da Igreja he o exemplo do Imperador Constantino Magno, quando em batalha contra Maxencio, junto à ponte Milvia, foi soccorrido do Ceo com a visão de huma

Cruz

Cruz, donde se liaõ aquellas letras mysteriosas: *In hoc signo vinces.* A' qual letra naõ com menos razaõ, & igual causa alludindo ao celebre apparecimento, que houve no noſſo primeyro Rey D. Affonso Henriques tomáraõ ſeus descendentes os Sereniſſimos Reys de Portugal, para estamparem em ſuas melhores moedas, nas quaes puzeraõ de huma parte huma Cruz orlada com aquelle ſuave mote, q' nellas lemos: *In hoc signo vinces.* Semeilhante favor do Ceo affirmaõ as historias teve El-Rey D. Ramiro de Caſtella na contingente batalha de Clavijo, a quem Deos mandou confortar com a figura de huma Cruz floreada na bandeyra do Apoſtolo Santiago, que foi tymbre da melhor Cavallaria daquelles tempos, & he ainda hoje armas da familia dos Pereyras, ſegundo affirmaõ Historicos, & Nobiliarios, porque ſeus progenitores tiveraõ grande parte naquella inſigne vitoria.



6. Maravilhosa foy a serpente de metal, q̄ Deos mandou levantar a Moyses no dezerto, donde he para notar em favor do nosso discurso, que sendo ella fabricada a fim da mezinha de que necessitava o povo, contra as mordeduras das serpentes, não mandasse Deos a Moyses, que a constituisse por mezinha, senão por final; assim se lê nas proprias palavras dos Numeros: *Fac serpentem aneum, & pone eum pro signo*; em tal maneyra, que ainda o mysterio parece era mayor, que a virtude da serpente, pois Deos a mandou constituir como final, & não como remedio, segundo se vê da Santa Escrip-tura.

Num.

7. Não he menos significativo outro lugar do Texto Sagrado, que se acha em o livro dos Juizes, quando pelejando Gedeão contra os Madianitas, mandou Deos lançar huma espada em meyo dos proprios esquadrões, na qual os inimigos  
em

empeçavaõ, & se hiaõ degolando; assim o diz o Texto: *Immisit Deus gladium in omnibus castris, & mutua se caede truncabant.* Taõ respeitosa he a figura do poder Divino, que por huma leve semelhança sua se alcançaõ sobrenaturaes vitorias. Porque nesta espada entendem muytos Expositores a Cruz Santissima, cujo final he bastante para postrar a todos os inimigos do Ceo, & dos homens.

8. Dos Caldeos, & dos Hebreos foy primitiva sentença: *Deum esse ignem.* Demonstrando que na figura de fogo havia dotes, & semelhanças da Suprema Divindade. O mesmo disse Saõ Joaõ em seu Evangelho, no qual nos deu o retrato de Deos na figura da luz, & do lume, repetindo varias vezes estes: Luz, & Lume, quaes no lo inculcava: *Et vita erat lux hominum, & lux in tenebris lucet, & logo Ut testimonium perhiberet de lumine, o que sempre vay repetindo, Non erat ille lux,*  
sed



*sed ut testimoniū prohiberet de lumine, erat lux vera, qua illuminat.* Pela propria figura de luz foy denotado por David, como se lè no verso: *Mitte lucem tuam, o que interpretou Rabi Salamão nesta maneyra Mesiham, qui comparatur luci, quia scriptum est: Para vi lucernam Christo meo.*

9. Do mysterio da figura quadrada se lè expressamente no Apocalypse: *Ci-*

Apocalip:

*uitas quadrangularis jacet; demonstrando-se pelo quadro a perpetuidade daquelle fanta Cidade de Jerusalem triunfante. Porque assim como a figura redonda não pôde ter repouzo, porque em hum só ponto se firma, & todas as mais partes dellas estaõ sempre pendendo sobre o centro, assim a quadrada, porque consta de quatro superficies, que se estaõ sempre afixando sobre a terra, não pôde nunca ter algum movimento proprio; donde o Papa Hipolito declarando este lugar do Apocalypse expoem assim: *Civitas qua-**

[dran-

*drangularis jacet propter solidum, & firmū.*

Como já querendo Pithagoras demonstrarnos a perpetuidade de sua sciencia a symbolizára em huma pedra quadrada, ao que alludindo algum dos modernos, tomou a pedra Pithagorica por sua empreza, declarando-a com a letra: *Scientia immutabilis.*

10. A natureza não he quem menos observa a regularidade entre as figuras, & os mysterios dellas; sendo rara aquella figura, que interiormente não comprehenda alguma qualidade, que por ella se não exprima; donde vemos que as fisonomias naturaes poucas vezes enganaõ, reverberando na figura, & aspecto humano as qualidades intrinfecas, & occultas; o que facilmente se comprova do semblante dos homens, & ainda dos animaes irracionaes. Tanto fiavaõ das apparencias da figura os antigos Bramenes, que se os meninos depois de dous mezes não

mo-



mostravaõ aquelles bons sinaes, que elles dezejavaõ ver aos filhos, os matavaõ, ou lançavaõ nos montes, para que as feras castigassem aquelles, que como feras es- peravaõ fossem castigo de sua republica. Os Lacedemonios com igual barbarida- de condenavaõ ao rio Faygetes todos os filhos q lhes nasciaõ com figura de ruim inclinaçãõ; que taõ grande era o credito, que davaõ à efficacia das figuras.

I I. Notaveis saõ os misterios, q nellas se contẽ, sendo naõ dos menores, nẽ o mais sabido q a pedra Calamita, ou de Cevar tenha sempre sua mayor virtude nas figu- ras compridas, em tal maneyra, que se a pedra tiver a figura de hum parallelo gra- mo, entaõ terã o vigor de sua virtude nos dous cabos estreytos delle, que fazem como alto, & bayxo, ou capitel, & base da pedra; mas se entaõ cortassem a Ca- lamita de sorte, que a base, & capitel lhe servisse de lados, & ficasse aquelle, que

M antes

antes foi latitude servindo de longitude, entã se lhe mudaria logo a efficacia, passando-se de ilharga a cabeceyra, de sorte q sempre ama a figura prolongada, aborrece a redonda, a quadrada, ou informe.

12. He observaço da Re Rustica, que se o garfo, que se enxerta, se poem atravessado, naõ se logra, nem pega a enxertia; sendo assim que concorrendo alli a virtude activa do enxerto, & a passiva da arvore, que recebe, pende da fórma da figura a execuço dessas virtudes; & só, quando se poem em pè, fazendo outra figura o garfo, entã tem aquellas virtudes seu effeyto.

13. A especulaço curiosa achou notaveis modos de declarar os concey-tos humanos tambẽ por figuras, as quaes naõ pelo commum consenfo recebessem valor de sua significaçõ, mas pela propria fórma dellas, porque realmente a figura mostra seu significado mais promptamente, q o nome, ou a letra, ou a diffi-





poz hũ pescoço de hũa ave; & para dizer Ballar ( que he baylhar em Portugues ) poz hũa balla, & hum R adiante; & para dizer Pelegrin poz hũ peregrino, ou romeyro, como nõs lhe chamamos; & para dizer Pien, poz hũ pè, q̃ elles dizem pie, & logo hum N. com que fica dizendo Pien; & para dizer Di diletto, poz hũ di, & logo outra tal dicção di, & logo hum leyto, q̃ dizem Letto. Com as quaes cinco figuras, & seis letras mostrou, & exprimio o verso referido: Col, Ballar, Pelegrin, Pien, Di diletto. Affás rara, & agradavelmente em Salamãca vi semelhãte composiçaõ pintada em huns quadros, q̃ se fizeraõ à morte da Rainha D. Margarida, donde em cada quadro se continha hũa outava bem elegante, & na primeyra fileyra das figuras de hũ dos quadros se achavaõ estas: a morte, & logo hũ L. hũ arco, hũ La de solfa, hũa setta, hũ I. & outro la de solfa, e a gadanha da morte, q̃ tudo jũto fazia este verso. *Mu*



*Muerte, el Arco, la Flecha, y la Guadaña.*

15. Hoje está deduzido este modo de composição a todas as nações, & particularmente em galâtes obras se tem valido delles as nações do Norte, onde a politica, & argucia florecem. Mas conhece-se bem por elle a força das figuras, que logo vistas representaõ pelo vigor da semelhança seu significado, não em virtude de final constituido. O mesmo tivemos já entre nós, inventado por Gonçalo Fernandes Trancozo, naquelle celebre Alphabeto figurado, que se acha na antiga Cartilha Portugueza. Joaõ de Barros fas menção de semelhante invento para a primeyra educação dos mossos; & creyo, se usou della primeyro para mostrar as primeiras letras ao Principe Dom Joaõ, Pay del-Rey D. Sebastião, para cuja doutrina o Padre Mauricio seu Mestre primeyro fes hum curioso jogo de letras de Alphabeto, q juntamente divertiaõ,

& ensinavaõ a El-Rey, porque sendo cada letra do *ABC* huma figura, se jugava com ellas, de modo que o ganho daquelles jogos era comprar hum nome, & assim aquelle que havia de ganhar de força havia de perder; & baste para que se entenda quanto se pôde dizer por argumentos, & exemplos do valor, & efficacia das figuras, que he o quarto sogeyto de que se val a interpretação Cabalística: passemos a diante com nova materia.

## DAS INTELIGENCIAS

### *Cabalísticas.*

#### §. XXII.

I. **H**Avendo taõ largamēte discorrido pelos quatro modos interpretativos de que os Cabalísticos se servem como atrás se tem visto, razão he que por não fazer mais diffusa esta  
 escri-



escritura, nos vamos chegando ao fim della em dar razão de suas ultimas partes.

2. Por trinta & duas inteligencias affirmã os Mestres da Sciencia Cabala sóbe o entendimento humano ao conhecimento das coufas, assim naturaes, como sobrenaturaes, & cada huma dellas chamaõ com nome particular, por serem diverfos seus officios, como se vê em Rabi Salamaõ Gallo referido de Reuchlino, as quaes iinteligencias numéra, & explica nesta maneyra.

3. A primeyra chamão intelligencia miraculosa, que os outros dizem occulta, & os mais explicaõ de gloria prima, porque pela virtude della miraculosa, & occultamente acaba o homem de naõ saber, & começa a saber, quando o uso da razão lhe amanhece. A segunda se chama intelligencia santificante, & he aquella, que regrando a razaõ, ou tomando della as regras fas o homem capaz de ser

justificado. A terceyra dizem intelligencia absoluta, pela qual entendem os actos livres do entendimento sem alguma intervençãõ da vontade. A quarta he a intelligencia mundifica, a qual pelo conhecimento proprio purga o animo de peregrinos, & depravados affectos. A quinta he a intelligencia fulgida, por virtude da qual scentila o humano juizo em todas as intellectuaes operações. A 6. he a intelligencia resplandecente pela claridade da qual se alcançaõ os occultos mysterios das cousas naturaes. A 7. he a intelligencia inductiva, que por via de inducçãõ infere huma cousa das outras. A 8. he a intelligencia radicada, de quem procede a profundidade, & firmeza do humano discurso. A 9. he a intelligencia triumphal, que se exercita, quãdo sobre qualquer difficuldade se encontra com a razãõ verdadeyra. A 10. he a intelligencia dispositiva, a qual pelos habitos de conhecimen-



to das cousas notorias capacita o engenho, para as de mayor mysterio. A 11 he a intelligencia de claridade, junto da qual nenhuma difficuldade se opoem ao entendimento nos termos de sua esfera. A 12, he a intelligencia notada, & esta ministra as especies do passado para o futuro, segundo a ordem da reminiscencia. A 13, he a intelligencia recondita, que senaõ cõmunica cõmummente a todos os sciẽtificos, antes serve sõmente aos sumamente sabios. A 14, he a intelligencia illuminante, que formalmente depende da luz superior, com q̃ o engenho humano he divinamente illuminado. A 15, he a intelligencia da futilidade, por cuja virtuse cõmunicaõ os meynos de argucia, & delgadeza. A 16, he a intelligencia fiel, q̃ tem a redea ao entendimento do homẽ, para que naõ resvalle a perigozos absurdos. A 17, he a intelligencia probatoria, que conforta a fraqueza humana para to-  
lerar

lerar a falta da sabedoria naquellas cousas, que não alcança. A 18. he a intelligencia confirmante, em virtude da qual se aquieta o animo, & se quieta, & firma nos habitos da sciencia, que se lhe conferem. A 19. he a intelligencia da vontade, que faz como as cousas se amem, & se avorrecão, segundo o que dellas se conhece. A 20. he a intelligencia constituyente, que em nós introduz a fôrma da sabedoria artificial. A 21. he a intelligencia inovante, pela qual se multiplicaõ as ideas. A 22. he a intelligencia largitativa, que serve de dar mayor amplidaõ ao discurso, quando pelos habitos continuados passa de huma cogniçaõ a outra. A 23. he a intelligencia da actividade, da qual ajudado o entendimento nunca pòde estar sem alguma operaçaõ. A 24. he a intelligencia mediante, cujo officio he fazer que hũa cogneçaõ sirva de meyo para outra. A 25. he intelligencia collectiva, pela qual se



se adquire a experiencia, fazendonos entender o que está sendo, pelo que já foy. A 26. he inteligencia adminicular, a qual busca, & offerece as razões com que se sustem o pezo da difficil especulação, como a gloria, & o deleyte, que della procede. A 27. he a inteligencia perpetua, que tanto val, como aquella uniaõ, com que o entendimento está ligado com nosso espirito, do qual já mais senaõ aparta. A 28. he a inteligencia corporal, que he aquella parte de entendimento, que da especulação se cõmunica à pratica para todas as corporaes operaçoens. A 29. he a inteligencia de complacencia, & vem a ser o mesmo, que o deleyte, & satisfação da sabidoria. A 30. he a inteligencia concitativa; a qual obriga ao homem pelo que tem sabido, q̄ procure saber mais. A 31. he a inteligencia imaginaria, que tanto val como hum deposito das ideas, ou huma capacidade de peregrinas representen-

sentações. A 32 he a intelligencia natural, que he propriamente o dote do entendimento humano considerado em absoluto.

Reuchlin.  
lib. 3. pag.  
720. 721. c  
722.

Rab. Sa-  
lam. Gallo  
in Deu. or.  
cap. 30.

4. Outro modo de explicação tras  
Joaõ Reuchlino tomado de Rabi Sala-  
mão Gallo, como se pòde ver em hum,  
& outro Author, mas em cada qual del-  
les se notaõ estas exposições de pouco se-  
gura doutrina, & assim seguimos esta a-  
chada de Pico Mirandulano por mais se-  
gura, & não menos propria, q a dos Au-  
thores citados. Porque os Rabbinos, ou  
já ignorantes da primitiva pureza da Ca-  
bala, ou corruptos pela pratica de outras  
disciplinas deraõ já antigamẽte em se va-  
ler das forças dos influxos das estrellas,  
querendo fortificar a incerteza de sua sci-  
encia com as observações Astrologicas,  
como logo veremos, entendendo q nas  
disciplinas Mathematicas havia certa, &  
naturalmente aquelle vigor, que em sua

arte



arte faltava. E por esta causa foraõ introduzindo , como parte da Cabala, alguns juizos astrologicos , & alguns termos usados de seus professores , contra toda a observaço dos antigos Cabalos , & ainda contra a authoridade da propria sciencia ; & os mesmos principios , que della deyxáraõ escriptos, se se considera como disciplina sobrenaturalmente de Deos ensinada a Moysés , ou do Anjo Raziel a Adam , naõ necessitava da companhia das operações Mathematicas ; & se como sciencia natural dellas depende , claro fica, naõ teve aquelles principios, que lhe finalaõ , nem ella tem mais certeza, que a incerta Astrologia.

## DE OUTRAS OBSERVAÇOENS

dos Cabalistas.

## §. XXIII.

1. **S**upposto, que a explicação do Alphabeto Hebraico, que atrás deyxamos escrita no §. 18. n. 6. seja aquella que os Cabalisticos ensinão, mais fundada nas divinas escrituras, como se prova do Texto Santo, com que se corroboraõ, & authorisaõ suas significações, todavia para os juizos, que de ordinario fazem das cousas contingêtes, que por virtude da Sciencia Cabala pertendẽ prognosticar, se servem de outra explicação differentissima da primeyra, dizendo assim.

2. Aleph, quer dizer Aura. Beth, vida. Ghimel, paz. Daleth, sabedoria. He, vista. Vau, ouvidos. Zain, olfato.

Heth,



Heth , locução. Teth , infuzaõ. Jod, ja-  
zigo. Caph, obra. Lamed, negocio. Mem,  
agua. Num, passatempo. Samech , espi-  
rito. Ain , rizo. Pe , geraçãõ. Zade, re-  
cebimento. Kuph, sono. Rez, graça. Sin,  
fogo. Tau, poder.

3. Logo reduzem todas as cousas, a  
que se póde dilatar o juizo, & o successo,  
a estas vinte & duas significaçoens , que  
como fontes lhes faõ principio a todos  
seus fabulosos juizos, quando por via ele-  
mentaria exercitaõ suas predicções ; por-  
que persuadidos, de que nos casos myste-  
riosos nunca as letras podem estar vazias  
de mystério, da propria ordem, ou desor-  
dem dellas tomaõ a inducção , pela qual  
formão seu discurso.

4. Porèm como nossa intenção, ne-  
ste grande trabalho , não seja outra , que  
mostrar a vaidade , & perigo , que ha no  
uso moderno desta Sciencia , & para este  
effeyto desentranhamos os segredos de  
sua

fua antiguidade, parece que depois de haver fallado tanto della, quanto entre nòs nenhum outro author taõ claramente fallou, muito melhor conseguiremos o pretendido effeyto, mostrando aqui huma sombra do modo pratico, com que ufaõ a sciencia Cabala os presentes sequazes della; porque como ella conste de taõ confusas, & impraticaveis disciplinas, poderia succeder, que nem por toda a especulaçaõ, & theorica, que havemos escrito, informassemos tambem de sua falsidade, aos que nos lerem, como faremos agora com o rascunho de sua pratica, & manual operaçaõ.

5. Huma das cousas em que mais, & mais condenadamente se exercita a falsa Cabala nos tempos de hoje, he na parte interrogatoria, que tanta fadiga tambem tem dado aos Astrologos judiciarios, & tanto escandalo, & inconveniente à republica Catholica. Porque como todos  
deze-



dezejem aquillo, de que mais necessitaõ, & segundo a vaidade humana, nenhuma cousa lhes parece aos homens, q̄ lhes faz tanta falta, como saber o que está por vir; por esta causa acodem com mayor excessõ a consultar todos aquelles, porque lhes parece poderãõ alcançar hum rastro de certeza do futuro; de que se segue, que estas interrogações, & suas respostas são os casos, em que de ordinario intervem o juizo, ou Cabalístico, ou Astrologico. Por esta razão direy parte do modo, porque os Cabalísticos formaõ seu juizo responsorio, quando são interrogados em algum futuro contingente.

6. Apontaõ a hora em que lhe foy feyta a interrogação, como principio natural, & desta hora recebem o numero primeyro, o qual numero comprehende o numero da hora segundo a ordem do dia. Da propria maneyra recebem o numero do mez, que chamaõ numero se-

N

gundo

gundo, & este he conforme a ordem do anno: semelhantemente recebem por numero terceyro o numero do dia, em ordem ao proprio mez, & finalmente recebem o numero do dia, que chamão o numero quarto, pela ordem da semana, & destes quatro numeros fazem quatro dignidades, que dizem originaes.

7. Logo observaõ as tres mais proximas cõstellações ascendêtes, de cujo movimento, & gráo, multiplicado por ellas mesmas fazem a quinta dignidade. A juntaõ-lhe o gráo do final dial, & dous mais colateraes, & a cada hum finalaõ seus numeros propios, & he esta a sexta dignidade, as quaes duas, quinta & sexta chamaõ dignidades extravagantes; accrescentaõ duas mais, que chamaõ activa, & passiva: activa he o nome da pessoa interrogante; passiva o da cousa interrogada; & destes nomes se produzem nume-



ros, segundo o valor da explicação Cabala, deduzindo-os pelo valor das letras, desta maneyra.

8. Aleph val 1. Beth, 2. Ghimel, 3. Daleth, 4. He, 5. Vau, 6. Zain, 7. Heth, 8. Theth, 9. Jod, 10. Caph, 20. Lamed, 30. Mem, 40. Num, 50. Samech 60. Ain, 70. Pe, 80. Zade, 90. Kuph, 100. Rez, 200. Sin, 300. Thau, 400.

9. Porèm he de notar, que a estes numeros às vezes se accrescenta o numero da ordem do proprio Alphabeto, pelo qual veremos, que o Aleph está em lugar, de 1. porque está no lugar primeyro, & assim se profegue atè a letra Thau, que fas o numero 22. sem valer por esta conta cada letra mais, que o numero do lugar onde se acha no Alphabeto Hebraico.

10. Passão logo adiante os Cabalisticos no modo dos juizos, que vamos dizendo, & fomaõ todo o valor dos numeros das oytto dignidades, a saber: as qua-

tro originaes, as duas extravagantes, & as duas, activa, & passiva, & desta somma se servem para a sua prognosticação.

11. Do mesmo modo numeração por extracções todos os Planetas, dividindo-os em duas ordens, que dizem subsolares, ou infra solares, cuja varia observação depende de materia interrogada; porque assignação a huns Planetas (segundo os Mathematicos) differentes materias, que a outros, & então segundo a materia, que lhes subalternaõ são observados.

12. Na fórma desta numeração dos Planetas, padecem confusão, & variedade, que junta à principal incerteza destes juizos os fas varios, confusos, & de todo errados; porque sem principio certo, nenhum fim póde ter certeza. Ultimamente tambem somaõ estas extracções, como as dignidades, & depois ajuntaõ estas duas quantidades, as quaes por algũ modo multiplicaõ, as quaes multiplicadas



repartem em partes defiguaes , das quaes partes ( segundo o que a cada huma cabe de numeros ) formaõ letras , cujo senti- do he a sentença responsiva; outras vezes a corroboraõ ajustando ( ou procurando ajustar ) as letras , que se formaõ dos nu- meros com outros numeros , q se produ- zem das letras , de tal maneyra , & por modo taõ escuro, vaõ , & incerto , que a propria operaçaõ está desesperando , & desmentindo o conceyto, porque se exe- cuta.

13. Outras vezes , ou outros Caba- listicos fazem estes proprios juizos por via de nomes, & figuras, cheyos de igual, ou mayor vaydade. Porque aquella pri- mitiva pureza , que alguma hora teve sua sciencia ( se he certo, que a teve , ) se per- deo com a propria disciplina della, & em seu lugar se introduzirão impios abusos, pois como largamente temos mostrado, a presente Cabala só no nome convem

com a primitiva , & ainda desta não recebeu senão huma imitação , daquella parte , que já naquelle tempo era supposta, ou suspeytosa.

*DO FIM DESTE TRATADO.*

*§. XXIV.*

*I.* **D**Epois de haver discorrido sobre a Sciencia Cabala, tanto no modo antigo , como moderno , & mostrado ao mundo qual seja o credito, que nas primeyras idades teve, & qual, o que na presente merece , justamente me persuado , poderá servir este discurso de defengano , para as pessoas affeyçoadas a estas vaidades, & de incentivo , para que não só sobre esta materia, mas sobre qualquer outra semelhante vellem com novo cuydado os Ministros , a cujo cargo está a punição , & castigo de erros tão perniciosos,



ciosos, os quaes Deos na antiga Ley mādava acabar em morte, como se lè no Levitico : *Vir , sive mulier , in quibus Pithonicus , vel divinationis fuerit spiritus , morte moriantur.*

Levit. cap  
20. n. 27.

2. E porque de todas as maneyras fosse horrivel ao povo ( & principalmente ao Judaico, como mais , que outro, inclinado a esta vaidade ) o magico exercicio, he de advertir , que naõ só mandava Deos castigar os proprios Magicos , mas ainda aquelles que os buscavaõ , consultavaõ, & criaõ, como se vè do mesmo Levitico, donde se diz : *Anima, quæ declinaverit ad Magos , & ariolos...ponam faciem meam contra eam; & logo accrescenta: Interficiam illam de medio populi sui ;* porque verdadeyramente ha delictos , que ainda aos mesmos, que nelles saõ menos culpados requerem grave pena. E assim Christo, quando achou o Templo profanado de vendas , & compras , he muyto para

Levit. cap  
20. n. 6.

notar, que não só fes do cinto açoute para lançar fóra aos que compravaõ, & vendiaõ na casa de Deos, mas atè as proprias cousas, que innocentemente eraõ vendidas, & compradas, como refere o Evangelista: *Et omnes ejecit de Templo oves. queque, & boves.*

Matth.

3. Porque a pureza da nossa Fè Santissima não admite alguma sombra de infedilidade, que manche o candor das verdades divinas, donde veyo, que ainda quando figurada na Ley escrita, sobre que eraõ aquelles os primeyros diliniamentos, & modellos da Ley da graça, & que nunca o borraõ (digamos assim) pôde ser taõ sem defeytos, como a obra, quando está posta em limpo, com tudo já desde entaõ era Deos taõ ciozo do credito de sua Divindade, que repetidamente affirma por Balam no livro dos Números em huma parte: *Non Idolum in Jacob, nec videtur simulacrum in Israel, & em ou-*

Numer.  
cap. 23. n.  
23.

tra:



tra: *Non est augurium in Jacob, nec divinationo in Israel.* Cujas palavras bem podiamos tomar para responder a estes vãos, & atrevidos prometedores do futuro, q̄ com presunção, & escuridade de falsos oráculos pertendem alcançar o credito com que a cega gentildade contribuiu a seus primeyros enganos.

4. Mas porque o cuydado, & diligencia do Tribunal, a que toca a guarda da nossa Santa Fè, he taõ grande, & nelle tem V. Senhoria tamanha parte, que por letras, experiencia, & qualidades, he hum de seus principaes Ministros, parece que qualquer outro advertimento, ou lembrança seria sobejo, pois como vè o mundo, tanto V. Senhoria, como os mais (à maneyra daquella serpente prudentissima, q̄ com desvellado silencio, guardava o fabuloso horto das maçãs de ouro) velão de continuo com religiosa quietação o pomo, & fermosura deste importante

tante jardim da Religião Catholica, pagandolhes Deos de tal sorte effe cuydado, como nos mostra a propria igualdade, que possuimos; porque sem embargo do frequente Comercio, que tem este Reyno com as nações da Europa, que hoje se achão mais corrompidas de crença, nossos fedilissimos Portuguezes se cõservaõ puros, & intactos do veneno da heregia, mediante a divina graça, que toma por instrumento a authoridade, & officios da Santa Inquiçaõ. Porèm ainda assim fico muyto seguro, de que a confiança com que eu pelos fins, que referi, offereço a V. Senhoria este Tratado será digna de perdaõ, pois procede de hum animo verdadeyramente zelozo ( ainda q̃ imperfeyto ) da Cultura, veneraçã, & pureza da Santissima Fè, que professamos.



*Dos Authores, que escreveraõ da Sciencia  
Cabala, & do juizo, que alguns fize-  
raõ della.*

§. XXV.

I. **S**Egundo a sentença dos Rab-  
binos ( referida do Mirandu-Mirandull  
lano ) o primeyro Escritor da Sciencia  
Cabala foy o Profeta Esdras, a quem elles  
chamaõ Eraz, do qual, como já dissemos Esdra :  
no §. 3. n. 7. affirmaõ fes trasladar seten-  
ta volumes da Cabala, correspondentes  
aos setenta velhos da Sinagoga. Estes li-  
vros dizem, que vio, & teve o Conde  
João Pico Mirandulano, nos quaes não  
só se achava expressa a ley de Moyfés,  
mas a de Christo, & os mayores myste-  
rios de huma, & outra, como o da Trin-  
dade inefavel, a Encarnação do Verbo  
Eterno, a Divindade do Messias; o pec-  
cado

Thom.  
Garç. R.  
33. Discurs.  
29. fol. 250.

cado original, sua reparaçãõ por Jesus, a  
cahida de Lucifer, a ordem dos Anjos, as  
penas do Inferno, a satisfação do Purga-  
torio; os quaes livros, diz Thomás Gar-  
çon foraõ depois à mão do Santo Padre  
Sixto quarto, que dezejou muyto man-  
dallos traduzir de Hebreo em Latim, pa-  
ra que se visse a conveniencia, que a Re-  
ligião Catholica tinha com as proprias  
letras dos Judeos; mas que só pode alcan-  
çar em sua vida a traducçãõ de tres volu-  
mes. Donde ( se he certo ) se prova con-  
tra o que atrás deyxõ escrito, que os se-  
tenta volumes, continhaõ douctina diffe-  
rente, & naõ huma propria liçãõ trasla-  
dada setenta vezes. Mas atégora pelo te-  
stemunho sómente de Thomas Garçon,  
naõ tenho por taõ segura esta historia,  
como elle affirma, pois desde a morte do  
Santo Padre Sixto IV. a esta parte, tem-  
po havia para se traduzir, & darem à luz  
todos os setenta volumes; ou pelo me-



nos dos tres, que deyxou trasladados, já podera haver noticia.

2. Os Rabbinos mais nomeados entre os Cabalisticos por Authores desta Sciencia, saõ Rabi Abraá de Creatione. Rab. Abr.  
 O livro Splendor, cõposto por Semeaõ Rab. Sem.  
 filho de Johás. O livro Candor allegado dos Latinos por Lucidario. Abram Alaphica com os Commentarios de Rabi Rab. Alaph.  
 Moysés Gerundenfe. Rabi Minahem Rab. Moys. Gerud.  
 Racanat sobre os segredos da Raham. O Rab. Racan.  
 livro dos proplexos de Moysés Egypcio. Rab. Moys. Egyp.  
 Rabi Joseph Carnitote, que intitula porta de Justitia. Joseph Castelhano no livro Rab. Carnit.  
 Porta Lucis. O livro de crueldade de Ra- Rab. Joseph Castel.  
 bi Saadiaz Azieno. Abram Abenazra no Rab. Saad  
 livro dos mysterios. O Rabi Hamay, que Rab. Aben  
 elles chamãõ Principe da eloquencia; ou- Rab. Hamay.  
 tro seu livro de Especulaçãõ. Os Com-  
 mentarios de Rabi Azariel Achiba da ex- Rab. Azar.  
 plicaçãõ do Alphabeto. Rabi Amà so- Achib.  
 bre o Psalmo 19. O livro de Uniaõ, ou Rab. Amà  
 Cole-

Oriel Ga-  
ron.

Coleção. Oriel Garonense. O livro de Fide, & Expiatione. O livro das Questões. O Alcofer contra Prilophasto. Os Cômmentarios contra Jacob Cohen. Os Cômmentarios do Rabbino Isaac. O livro das Desnumerações de Rabbino Fedação. O livro Saziel imposto falsamente a Salamão Joseph Salernitano, Costa Benluca, Viera, & outros, que seria prolixissima narração o contallos todos.

Rab. Itaa.

Rab. Fed.

Rab. Jose.

ph. Salern

Rab. Cost.

Beul.

Rab. Vier.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab. Jose.

ph. Cost.

Rab. Ra.

can.

Rab. Mo.

Pic. Mirā-

dul.

Rab.



dre Farra no seu Settenario, & a este Paulo Riccio. Depois Thomas Garçon na sua Praça Universal; & pouco depois Er. Jayme Rebulosa, Bravo, Mayolino, & Vuscleffe, com alguns Authores do direyto Canonico.

Paul. Ricc.  
Tho. Gar.  
Piaz. univ.  
dit. 23.  
Jaym. Re  
bul. Thea.  
tr. ingen.  
dit. 36.  
Brav. fet.  
1. cap. 2. n.

4. Mas quem com mais claridade tratou da Sciencia Cabala foy Joaõ Reuchlino Forcensi, nos tres livros, que escreveo de Arte Cabalística, que dedicou ao Summo Pontifice Leaõ Decimo, & se achão sempre juntos com Pedro Galatino no livro, que intitulou de *Arcanis Catholica Veritatis*, cuja impressaõ (pelo menos a que a nossa mão veyo) he de Francofurt no de 1611. por Claudio Marnio; mas depois, & antes creyo, se publicaraõ outras edicções menos corretas.

8.  
Mayol. to.  
2. dier. in 2  
edit. Col-  
loq. 3.  
Wicleff.  
tom. 1. de  
Sacramêto.  
tit 24. cap.  
168. col. 2.

5. Entre os Espanhoes me não tem chegado à noticia, que algum outro Author falle em algũa maneyra da Sciencia Cabala, sennaõ Sebastiaõ de Covarrubias, já cita-

Covarr.  
Thes. de la  
Leng. Ca-  
stel. lit. C  
fol. 161.

citado, varaõ douto, da qual diz nõ feu Thesouro da Lingua Castelhana, estas formaes palayras: Cabala es cierta doctrina mistica entre los Judios, la qual nõ se escribe, sino que de uno en otro se vá conservando, tomandola de cabeça, y los que la professan, se llaman Cabalisticos de la raiz Inpiel, suscipere, recipere.

D. Lope  
de Barrientos  
ent. a João  
de Mena  
Copl 128.  
fol 40.

6. O Bispo de Cuenca D. Lope de Barrientos Cõmentador antigo de Joaõ de Mena, quando chega a commentar a Copla 128. disputa, & declara, qual fosse o livro de Magia, de que usava D. Henrique de Villena, conhecido pelo Marques de Villena, donde parece que mostra haver tido algũ conhecimẽto da Cabala, que nomea, & só della dá alguns sinaes; porẽm estes devem sem falta entenderse da Magia, & naõ da Cabala, & della diz: En alguna manera es bueno de guardar los dichos libros, a fin, que en algun tiẽpo poderian aprovechar para defension de la Fé, y religion Christiana. O



7. O Doutor Manoel do Valle de Moura nosso Portugues , pessoa de grandes letras falla largamente da Cabala, comparado com os outros; & depois de propor o que seja aquella Sciencia, julga seus professores, com estas palavras: *Errant turpissime pradieti infideles, & qui eos observant, vel favent, ut bene sentientes omnes docent.*

Valle d:  
Mour. de  
Incant. &  
Enfal. scf.  
2. cap. 5.  
fol. 190j

8. Sobre os mais he rigoroso o juizo de Theodoro Zuingerero no seu Theatro da vida humana, donde esereve: *Cabalista decem Dei veri nominibus, & Angelorum, quorum in sacra Biblia fit mentio, utuntur, & ea, que magnifice pollicentur, diabulo operante, & Deo ob praefactam eorum incredulitatem connivente plerumque faciunt horum Cabala ligaturis, & nefariae Magiae nugis, scatet, fetetque.*

Theo. Zu  
ing. Thea  
tr. Vit. hu  
m. lib. 3e  
vol 5,

9. Marcilio Fifino no seu livro de Religione falla da Cabala, & segundo se ve no tratado Cratylo de Platao tantas ve-

Marfil. de  
Relig. &  
in Plat.

zes allegado, não parece, que sentio mal da primitiva sciencia dos Hebreos.

**10.** A muytos Authores foy aborrecivel este nome Cabala, & os mais delles pela pouca noticia, que della tinhaõ.

Thom.  
Garc. dif-  
cult. 29.

Nicol.  
Tartal. in  
Præfat.

Gaud. de  
Vocab. A-  
rab.

Ray. Lul.  
de art. ma-  
gn. & br.

Muytos a confundiraõ com a Almuca-  
bala, de que fas mençaõ Nicolao Tartal-  
ca, que dos mais sabios he julgado ser a  
propria sciencia, que se diz regra da cou-  
fa, ou Algebra, por nome Arabigo, do  
verbo Cheber, segundo o Padre Gaudix,  
ou do verbo Gebere, tambem Arabigo,  
conforme Diogo de Urrea. Outros tive-  
raõ opiniaõ, que a Cabala era a sciencia  
da materia prima; & tal houve, que cuy-  
dou ser a Cabala algũa Magica desse no-  
me, Mestra desta sciencia, como outra  
Melisa, Alcina, Cogistila, Falerina, ou  
Morgana; não poucos julgáraõ ser a Ca-  
bala a propria Arte Lulista de Raymun-  
do, o qual parecer não foy taõ mal funda-  
do, como outros entêderaõ, tendo prin-



cipio na doutrina de hum livro, que em  
 Italia se publicou com titulo: *de Auditu*  
*Cabalistico*, donde se continha a brevia-  
 tura da arte magna de Raymundo Lullo  
 debayxo tambem do nome de Arte bre-  
 ve, que sobre tudo se corrobora com a  
 sentença de Pico Mirandulano; porque  
 afirma, que o nome Cabala se estende no  
 Hebreo a significar qualquer sciencia se-  
 creta.

Idem de  
aud. Caba-  
list.

Miran-  
dul.

II. O uso pratico da Cabala The-  
 mancia, he prohibido pelas Constituições  
 da Suprema Inquisição Romana, segun-  
 do afirma Thomás Garçon no discurso  
 29. mas pelas mesmas Constituições  
 não vemos, que seja seu nome expresso,  
 entre as artes prohibidas; porq̃ nas Con-  
 stituições do Santo Padre Sixto V. no  
 Bullario do anno 1585. na Bulla, que sua  
 Santidade expedio contra os Magicos,  
 diz estas formaes palavras: Contra a  
 Geomancia, que he adevinhação pela ter-

ra; Hidromancia, que he da agua: Acromancia, que he do ar: Pyromancia, que he do fogo: Onomancia pelas unhas: Chiromancia pelas mãos: Necromancia pelos corpos mortos. Pelo que he de crer, que ou ha outra Bulla particular contra o exercicio Cabalístico, ou por participaço he comprehendido na prohibiço de Sixto V. que na dita Constituicao 21. mais largamente se aponta.

F I M.




INDEX



INDEX.

*Dos §§. Deſte Tratado.*

§. I.		Introducção Pag.	I.
§. II.		Razão deſte Tratado	
		pag.	10.
§. III.		Principio da Cabala pag.	13.
§. IV.		Do nome Cabala pag.	24.
§. V.		Da Eſcuridade da Cabala	
		pag.	29.
§. VI.		Diffinição da Cabala. pag.	34.
§. VII.		Da Diviſão da Cabala pag.	36.
§. VIII.		Da Cabala Breſiths pag.	39.
§. IX.		Da Cabala Mercana pag.	45.
§. X.		Das Partes da Cabala Mercana.	
		pag.	50.
§. XI.		Da Cabala Reſolutoria pag.	53.
§. XII.		Da Cabala Compoſitoria.	
		pag.	60.
			XIII.

INDEX.

- §. XIII. Dos Argumentos, & Respostas  
à cerca da Cabala Elementa-  
ria pag. 73.
- §. XIV. Da Virtude das Palavras pag. 80.
- §. XV. Da Meditação interna das Pala-  
vras pag. 91
- §. XVI. Da Efficacia das Palavras por  
modo de Armonia pag. 98.
- §. XVII. Da Efficacia dos Nomes em  
modo especial. pag. 107.
- §. XVIII. Da Efficacia, & Virtude das  
Letras pag. 123.
- §. XIX. Da Virtude dos Numeros  
pag. 150.
- §. XX. Da Virtude dos Numeros por  
effeytos exteriores pag. 162.
- §. XXI. Da Virtude, & Efficacia das fi-  
guras pag. 167.
- §. XXII. Das Intelligencias Cabalisti-  
cas. pag. 182.
- §. XXIII. De outras observações dos  
Ca-



*INDEX.*

Cabalistas pag. 190.

§. XXIV. Do fim deste Tratado  
pag. 198.

§. XXV. Dos Authores, que escreve-  
raõ da Sciencia Cabala, &  
do juizo, que alguns fize-  
raõ della pag. 203.



INDEX.

190. pag. 190. Dos Autores, que escreve-  
198. pag. 198. Cabala, &  
203. pag. 203.



197. pag. 197. De fidei  
198. pag. 198. De fidei  
199. pag. 199. De fidei  
200. pag. 200. De fidei  
201. pag. 201. De fidei  
202. pag. 202. De fidei  
203. pag. 203. De fidei  
204. pag. 204. De fidei  
205. pag. 205. De fidei  
206. pag. 206. De fidei  
207. pag. 207. De fidei  
208. pag. 208. De fidei  
209. pag. 209. De fidei  
210. pag. 210. De fidei  
211. pag. 211. De fidei  
212. pag. 212. De fidei  
213. pag. 213. De fidei  
214. pag. 214. De fidei  
215. pag. 215. De fidei  
216. pag. 216. De fidei  
217. pag. 217. De fidei  
218. pag. 218. De fidei  
219. pag. 219. De fidei  
220. pag. 220. De fidei  
221. pag. 221. De fidei  
222. pag. 222. De fidei  
223. pag. 223. De fidei  
224. pag. 224. De fidei  
225. pag. 225. De fidei  
226. pag. 226. De fidei  
227. pag. 227. De fidei  
228. pag. 228. De fidei  
229. pag. 229. De fidei  
230. pag. 230. De fidei  
231. pag. 231. De fidei  
232. pag. 232. De fidei  
233. pag. 233. De fidei  
234. pag. 234. De fidei  
235. pag. 235. De fidei  
236. pag. 236. De fidei  
237. pag. 237. De fidei  
238. pag. 238. De fidei  
239. pag. 239. De fidei  
240. pag. 240. De fidei  
241. pag. 241. De fidei  
242. pag. 242. De fidei  
243. pag. 243. De fidei  
244. pag. 244. De fidei  
245. pag. 245. De fidei  
246. pag. 246. De fidei  
247. pag. 247. De fidei  
248. pag. 248. De fidei  
249. pag. 249. De fidei  
250. pag. 250. De fidei  
251. pag. 251. De fidei  
252. pag. 252. De fidei  
253. pag. 253. De fidei  
254. pag. 254. De fidei  
255. pag. 255. De fidei  
256. pag. 256. De fidei  
257. pag. 257. De fidei  
258. pag. 258. De fidei  
259. pag. 259. De fidei  
260. pag. 260. De fidei  
261. pag. 261. De fidei  
262. pag. 262. De fidei  
263. pag. 263. De fidei  
264. pag. 264. De fidei  
265. pag. 265. De fidei  
266. pag. 266. De fidei  
267. pag. 267. De fidei  
268. pag. 268. De fidei  
269. pag. 269. De fidei  
270. pag. 270. De fidei  
271. pag. 271. De fidei  
272. pag. 272. De fidei  
273. pag. 273. De fidei  
274. pag. 274. De fidei  
275. pag. 275. De fidei  
276. pag. 276. De fidei  
277. pag. 277. De fidei  
278. pag. 278. De fidei  
279. pag. 279. De fidei  
280. pag. 280. De fidei  
281. pag. 281. De fidei  
282. pag. 282. De fidei  
283. pag. 283. De fidei  
284. pag. 284. De fidei  
285. pag. 285. De fidei  
286. pag. 286. De fidei  
287. pag. 287. De fidei  
288. pag. 288. De fidei  
289. pag. 289. De fidei  
290. pag. 290. De fidei  
291. pag. 291. De fidei  
292. pag. 292. De fidei  
293. pag. 293. De fidei  
294. pag. 294. De fidei  
295. pag. 295. De fidei  
296. pag. 296. De fidei  
297. pag. 297. De fidei  
298. pag. 298. De fidei  
299. pag. 299. De fidei  
300. pag. 300. De fidei









